

De Roda do Lume: Coisas do Alemtejo

Ernesto de Carvalho

Ficha técnica:

Título: De Roda do Lume – Coisas do Alentejo

Autor: Ernesto de Carvalho

Prefácio: Paulo Guimarães

Revisão do texto: Paulo Guimarães

Transcrição do original:

1ª edição electrónica: Janeiro de 2006

Endereço: <http://>

ISBN

Prefácio

De Roda do Lume: Coisas do Alentejo é uma obra de Ernesto de Carvalho que permaneceu inédita até aos dias de hoje¹. Escrita provavelmente no ocaso da vida deste *notável local* do Campo de Ourique, nos finais dos anos trinta do século passado, a obra procura transmitir, como o próprio autor afirma no seu “aviso prévio”, a memória cultural das gentes alentejanas daquela (sub)região. Mais do que descrever hábitos e costumes populares na terceira pessoa, com a “imparcialidade” do observador etnográfico oitocentista que busca nos costumes populares as raízes duma identidade, Ernesto de Carvalho serve-se da narrativa literária para nos transportar para um tempo cronologicamente próximo mas que percebia já ser distante². Tal como o escritor Manuel de Brito Camacho, seu conterrâneo, ele sente que, no percurso da sua vida, os “costumes alentejanos” mudaram, que certas práticas tinham caído em desuso e até que estava em risco a sua memória.

O Alentejo, que vivera intensamente a turbulenta experiência republicana, que assistira à chegada da electricidade, da radio e da camionagem e do telefone, não era já o mesmo. É assim que através de alguns personagens, como o Tí’Cola, ouvimos *estórias* dos Baiões e das suas acções de guerrilha depois da Guerra Civil ou outras, não menos violentas, como as do setembrista Galamba, o *boticário-guerreiro*. Ouvimo-las, como ouviu o autor, fascinado, que interpela a sua personagem, verdadeiro transmissor duma cultura oral que, por ser rica, merecia ser por ele fixada. O escritor não resiste assim a acrescentar-lhe notas de erudição em pé-de-página sobre eventos ou personagens nomeados, como se o seu trabalho fosse apenas o do observador

¹ Alguns capítulos fragmentados desta obra foram publicados pela Junta de Freguesia de Messejana nos seus *Cadernos Culturais* a partir de 1995.

² Veja-se a este respeito, por exemplo, M. Joaquim Delgado, *A Etnografia e o Folclore no Baixo Alentejo*, 2^a ed., Beja, Assembleia Distrital, 1985, 357 pp.

participante que regista na ânsia de o transmitir à nova geração. O médico-“curandeiro” *Lúrias*, de quem todos, ricos e pobres, se serviam em Messejana, acaba por nos introduzir nas práticas sociais face à doença duma antiga vila alentejana. Do mesmo modo, o capítulo que dedica à descrição da origem de alguns ditos locais introduz-nos nas *estórias locais* onde pululam personagens que se movem no universo social do Alentejo de Oitocentos. E quando descreve os “pratos regionais” alentejanos, não é tanto a confecção culinária que lhe interessa mas todo o conjunto de práticas e de valores que lhe andavam associados. O tom é idêntico no capítulo que dedica aos “poetas populares”, servindo para introduzir novos personagens e enunciar o contexto da sua produção poética. O tema fá-lo divagar por entre bailaricos e o trabalho na lavoura, levando-o até a anotações sobre algumas figuras gradas, como Frei Manuel do Cenáculo. Através da reprodução insistente do modo de falar das pessoas comuns com quem lida diariamente, são os códigos de conduta e a riqueza vocabular desse falar alentejano que dão vida aos seus personagens e acabam por completar cada quadro tratado.

De Roda do Lume invoca as histórias narradas à lareira no inverno, “na hora de contar os contos”. Embora dedicada a “essa população modesta, honrada, sã que no campo e do campo vive, que nos costumes simples encontra tanta satisfação como os seus avós e seus pais encontraram, que bem alemtejana é”, numa região onde campeava a pobreza e o analfabetismo, o seu auditório reconhecido é formado pela *outra gente*, as famílias dos lavradores.

A estrutura da obra divide-se em capítulos que podem ser lidos independentemente uns dos outros, em que a narração do folclore local logo dá lugar ao conto verídico, surgindo os diferentes temas ao correr da pena. Os capítulos, escritos porventura em períodos diferentes, foram reunidos na sequência tal como se apresentam agora ao leitor, sem qualquer lógica aparente. Não se percebe tão pouco que a obra estivesse terminada, pois o autor assinalou apenas o fim da cada capítulo. Os vários temas tratados (o casamento, o baptizado, a gastronomia, a poesia popular, os escritores “alentejanos”, as festas de Natal e da Páscoa, o Entrudo e os seus divertimentos, as touradas, o

uso de diminutivos na linguagem, a guerra civil, as suas guerrilhas e as lutas até ao segundo Cabralismo, as superstições, os ditos populares, a medicina “de aldeia”) incidem sobre práticas culturais e factos ocorridos no Baixo Alentejo no terceiro quartel do século XIX, mais precisamente na região do Campo Branco. Contudo, a obra deixa de fora aspectos fundamentais da cultura material, da vida económica e social que, na época, uma obra de cariz monográfico e etnográfico exigiria, como vamos encontrar, por exemplo, em Silva Picão³.

Pareceu-nos assim que, muito embora a prosa possa ser enfileirada na literatura regionalista daquele período, estamos perante um testemunho peculiar mas interessante para o historiador e para o estudioso das coisas alentejanas. Afinal, esse vacilar entre a prosa etnográfica, que encontramos nouros autores da região, e a literatura, entre o folclorista e o contista de histórias (narradas como verídicas), traz-nos a memória de um tempo e de uma cultura oral, vertidas em texto, plena de informação. Nessa medida, cremos que a obra vem enriquecer o nosso conhecimento sobre a cultura alentejana.

Vale a pena ainda dizer algo mais sobre o seu autor.

Ernesto Augusto Campos de Carvalho nasceu na antiga vila de Messejana no início da década de 1860 e aí residiu até ao seu desaparecimento, nos anos '40 do século passado. Filho de José Alexandre de Carvalho e de Lúcia Augusta de Campos, pertencia ao grupo das grandes fortunas do concelho⁴. Viveu no solar do último morgado de Messejana, o edifício mais imponente da terra, situado na Praça⁵. Aí, numa pequena divisão, fomos encontrar o seu gabinete de trabalho, em 1986, com todo o mobiliário e decoração, tal como se encontraria durante a sua vida. Augusto Lacerda que, com ele, partilhou o amor pelo campo e pela caça, descreveu-o como “um

³ Sobre as práticas agrícolas nesta zona do Alentejo veja-se a descrição de Joaquim de Brito Nobre, “*Lavoura antiga: trabalhos de lavoura*”, *Messejana d'algum dia... Cadernos Culturais*, III, Messejana, Junta de Freguesia, 1993-1995, pp.39-54 e, do mesmo autor, “*Cenas da Vida Rural*”, *Messejana d'algum dia...*, V, Agosto 2000, pp.11-36.

⁴ V. Tribunal da Relação de Lisboa - *Appelação civil no 7818 vindia da Comarca de Portel : appellantes Ernesto Florencio Ribeiro e outros, appellados José Alexandre Dias de Carvalho e mulher : minuta dos appellados pelo advogado Adolfo Guimardes*, Lisboa, Augusto, Rodrigues & Brito Tip., 1919, 20 pp.

⁵ Sobre este morgado, o *cartista* José Joaquim Moreira de Brito Velho e Costa, veja-se as palavras que EC lhe dedica no capítulo IV.

verdadeiro alentejano, de jaleca e cinta, chapéu desabado e varapau, e ao mesmo tempo um delicadíssimo rapaz da cidade, sempre correcto na sua sobrecasaca abobadada, manejando a bengala com todos os ademanes de bom-tom, e usando luvas por ser *psbutt*, e não unicamente para preservar o frio das suas mãos, habituadas à espingarda, à redea ou à pena...”⁶.

O seu nome ficaria ligado à imprensa regional. Em Janeiro de 1882, edita juntamente com o seu amigo e conterrâneo Francisco Soares Victor, *O Microscópico. Folha quinzenal. Litterária e Charadística*, no qual ele aparecia como “redactor literário” e o Soares Victor como “redactor charadístico”. A pequena folha (em formato de 23 x 33 cm.) não tinha outro objectivo senão “proporcionar aos seus leitores alguns momentos de distracção, afastando-lhes quanto possa o *spleen* aterrador, nato das noites provincianas”. Aceitava artigos de prosa, poesias, anedotas, *calembourgs*, charadas, enigmas, logógrafos e prometia publicar a descrição “histórico-topográfica” de qualquer povoação onde tivesse assinantes. Aí, sob o pseudónimo de Gontram de Melo, publica, sem grande originalidade, breves apontamentos sobre Aljustrel, Messejana, Castro Verde, Serpa, Odemira, Moura e Serpa⁷.

O Microscópico era distribuído nos concelhos alentejanos, podendo ser identificados assinantes em Estremoz, Campo Maior, Ourique e Cuba, para além dos já referidos. Fora do Alentejo encontrávamos leitores em Lisboa, Gouveia, Lourinhã, Mercena (Alenquer), Ourém e nas Flores. O título, apesar de ter “feito até agora avultada tiragem” é suspenso no final do ano, lamentando que os cavalheiros que receberam o jornal durante esse tempo se recusassem a pagar “os míseros 300 réis da sua assinatura”! Anunciava-se depois a sua remodelação, o aumento de formato e melhoramentos na secção literária.

⁶ Prefácio à obra de E. Carvalho, *Realismo no Campo. Contos alentejanos*, Lisboa, Tip. Viúva Sousa Neves, 1887.

⁷ Sobre Messejana, onde a esmagadora maioria dos solos são pobres (foram classificados nas classes C e D), diz o literato que “o seu solo é fertilíssimo e produz com abundância trigo, cevada, centeio aveia, fava, belíssimo azeite que rivaliza com os de Moura, etc., etc.”. E acrescentava: “Pena é que os governos olhem com tão pouca atenção para esta terra, e descorem assim os relevantíssimos serviços que ela prestou à causa da liberdade.”

Assim, em Dezembro do ano seguinte, saía o 1º número do *Correio do Alentejo* com o subtítulo “*Semanário litterario, noticioso e charadistico*”. Eram redactores e proprietários, para além dos anteriores, Cipriano de Campos e Alfredo de Campos, seus familiares. Dadas as dificuldades em manter tal empreendimento numa terra com 1.400 habitantes, Carvalho agregou-se à empresa do jornal *O Bijou*, ficando assim o expediente e os negócios da redacção em Montemór-o-Novo. A correspondência literária e charadística ser-lhe-ia enviada para Messejana.



Figura 1. *Fac-simile* do nº1 do Microscópico (1882)

Tal como sucedera com o título anterior, o novo jornal foi distribuído por uma lista de individualidades tidos como possíveis interessados. O seu editorial anunciava a pretensão de ser uma "folha

de divulgação científica”, manifestando o “desejo de inocular a civilização nas camadas sociais que careçam dela”. Embora não descortinássemos neste *Correio do Alentejo* qualquer esforço de divulgação científica, o redactor viria aqui a publicar alguns contos seus sob pseudónimo, tal como sucedera anteriormente.

Este título duraria até finais de 1884, aparecendo então *O Explorador. Viagens, Ciencias e Letras* em pequeno formato (22 x 32 cm), editado em Lisboa, no qual Ernesto Carvalho e o seu amigo Soares Victor aparecem como proprietários, juntamente com J. D. Rodam Tavares. Publicava-se nos dias 15 e 30 de cada mês (a 20 réis o exemplar) e, como publicação literária e científica que pretendia ser, desejava difundir os conhecimentos necessários “que ninguém pode prescindir na época actual”. Enfim, prometia interessar-se pela Geografia, pela História, pelas grandes viagens de exploração tão em voga naquela época, “e todas as divisões da ciência popular, tão descurada no nosso país, terão secções especiais”. Depois de proclamar o “fim altamente civilizador da revista” e o desprezo pelo “mercantilismo de outras publicações”, somos informados que o primeiro número foi “enviado como *specimen* a diferentes cavalheiros das províncias, ilhas, África, Brazil e Estrangeiro – a devolver pelos que não quisessem assinar e os que o não fizessem serão considerados, para todos os efeitos, assinantes”⁸.

Ignoramos a duração deste título que, tudo o indica, sofria com falta de anunciantes e de colaboradores qualificados. Seja como for, Carvalho publicaria aqui e no *Distrito de Beja* alguns contos seus. Num deles, de cariz autobiográfico, descreve o percurso de dois jovens de Messejana que, em vez de irem para a Universidade (onde se perderiam), decidiram ingressar no Instituto Agrícola, “voltando para a terra para serem bons lavradores”.

⁸ *O Explorador*, nº 1, Lisboa, 1.Jan.1885.

CORREIO DO ALEMTEJO

SEMANARIO LITTERARIO, NOTICIOSO E CHARADISTICO

REDACTORES E PROPRIETARIOS

Ernesto de Carvalho, Cypriano de Campos, Soures Victor e Alfredo de Campos

COLLABORADORES

D. Clorinda de Macedo, D. Anna d'Albuquerque, D. Elisa Basto, D. Christina Brenne Adrião, Fialho d'Almeida, Christovão Ayres, Guimaraes Fonseca, Ferreira Flores, Luiz Palmeiro, J. Ignacio Falício, M. D. Gomes Palma, Baptista Cardote, Miranda Azevedo, Mathenes Peres, Moyres Ben Saude, J. Salgado, Oliveira Tavares Junior, J. Gyrão, Rodam Tavares, F. A. de Matos, Alvi Junior, Pereira de Lemos, J. Duarte Junior, A. C. de Freitas, Paulino d'Olivera, Anselmo Vieira, etc. etc.

Anno I

Impresso por Alvaro
data 1.250 n.
ano 1.250 n.
Ano 1.250 n.
Ano 1.250 n.
Comunicações, por fôlio 10 réis; anúncios, 20 réis;
cartas registradas 50 réis.

MONTEMOR O NOVO

Domingo, 2 de março de 1884

N.º 14

O EXPLORADOR

VIAGENS, SCIENCIAS E LETRAS

PROPRIETARIOS — ERNESTO DE CARVALHO — J. D. RODAM TAVARES — F. SOARES VICTOR.

N.º 1

ASSINATURA
52 numeros 1.250 n.
25 500
No acto da entrega 20

LISBOA, 15 DE JANEIRO DE 1885

ADMINISTRAÇÃO

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Augusto, 229, 5.º

I ANNO

Figura 2. Fac-similes dos títulos *Correio do Alentejo* (1884) e *O explorador* (1885)

Em 1887, publica num pequeno volume (*in 8º*), *Realismo no Campo: Contos alentejanos*. No prefácio, Augusto Lacerda adverte-nos que o seu autor “não pretende enfileirar nos nossos escritores modernos. O seu trabalho é uma tentativa, que precisa de incitamento e, como tal, da benevolência da crítica”. No entanto, “o *Realismo no Campo* será decerto tomado na devida conta pelo povo alentejano a quem ele de preferência é dedicado”.

Percebe-se por detrás destes contos “provincianos” o testemunho de quem passa a letra de imprensa histórias conhecidas de paixões, de relações amorosas pré-conjugais, de episódios anedóticos da primeira noite de núpcias, a par do interesse por certos percursos sociais considerados “imorais” ou “escandalosos”, como a de um indivíduo que, através da agiotagem, se fixa numa vila alentejana, onde encontra aliados, chegando a tornar-se grande proprietário e a receber o título de comendador. De nada nos serve então a sua proclamação de que esses contos não tinham relação directa “com pessoas que existem no Alentejo”, torna-se inútil o aviso “não julgueis ver em alguns dos

personagens gente conhecida”, quando o objectivo é precisamente esse, o de mostrar (embora sem grande brilho literário) a “realidade” da vida rural.

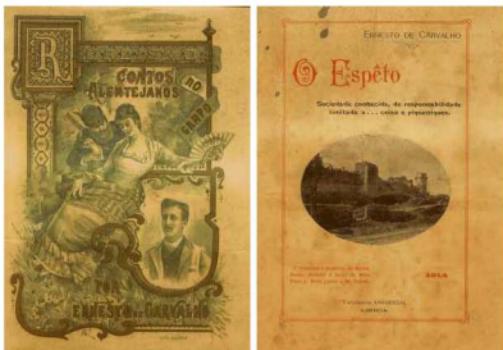


Figura 3. Capas de *Realismo no Campo* (1887) com a imagem do seu autor e de *O Espéto* (1914).

Os acontecimentos subsequentes ao *Ultimatum Britânico* levá-lo-iam a mandar imprimir um poemeto exaltado que mereceu o eloquente título *Ladrões*, editado em 1890 em Estremoz por Rodam Tavares. Depois disso, acompanhamo-lo em 1898 na fundação de *O Campo de Ourique. Jornal independente, noticioso, literário e agrícola. Defensor dos interesses desta região*, no qual aparecia mais uma vez como “director literário” ao lado de Soares Victor (secretário de redacção e mais tarde editor), de Francisco Viegas (“director político”) e de Cipriano Figueira (administrador e a verdadeira alma deste periódico). Com uma tiragem semanal, era impresso em Montemór e tinha sede na vila de Ourique. Neste se mantém até 1901, muito embora o jornal durasse ainda mais cinco anos, na altura em que a sede estava já em Messejana e o seu amigo Soares Victor assumira a vice-presidência da Câmara de Aljustrel.

O seu segundo livro de contos, intitulado *O Espéto: sociedade conhecida de responsabilidade limitada a ceias e piqueniques*, seria publicado quase três décadas depois do primeiro, em 1914. A obra conheceria uma escassa divulgação e esteve longe de merecer o interesse da crítica. Melhor sorte teria, na época, Brito Camacho que soube tratar literariamente essa mesma “matéria-prima” humana e social que interessava ao nosso autor.

<h1>O Campo d'Ourique</h1>			
Secretario da Redacção—Soares Víctor		JORNAL INDEPENDENTE, NOTICIOSO, LITTERARIO E AGRICOLA	
		Redactor principal—Ernesto de Carvalho	Administrador—Cipriano Figueira
ANNO I	ASSIGNATURAS (Paguem-se antecipado)	EDITO R HANNUES SOARES VÍCTOR ADMINISTRAÇÃO RUA PAIVA D'ANDRADE—OURIQUE TYPOGRAPHIA 8, Rue das Peixas Negras, 10—Montemor-o-Novo	ANNUNCIOS Cada linha—type romana..... 20 réis Pernambuco..... 25 réis Toda a correspondência dirigir-se a redacção digital ao editor—Soares Víctor Montepe
	Ann..... 1400 réis Semestre..... 200 *Os originares extados à redacção não se resiliam		N.º 26

Figura 4. Título de *O Campo de Ourique* (1897-1906)

Devemos, finalmente, explicitar as normas utilizadas na transcrição deste documento.

Seguiu-se fielmente o original dactilografado, mantendo os títulos e subtítulos originais, bem como a ortografia e pontuação. As frases sublinhadas foram convertidas em itálico e, naturalmente, alterada a paginação original.

Paulo Eduardo Guimarães

Setúbal, 23 de Dezembro de 2005

Aviso Prévio

Já se não usa o *Aviso Prévio* ...

Está fóra da moda como dentro dela estão as bombas de dinamite, os divórcios, os trespasses e as trapaças, o “Você” nas salas, as saias curtíssimas e os cabelos á *Garçone*... Mas como o autor do livro nasceu no século passado... do Passado não se desarreiga facilmente.

Vamos pois, á moda do século 19 – o das luzes – como se lhe chamava... se bem que o 20 lhe não fica atraç em *claridade*, visto a bordoada ter sido tanta por esse mundo fóra, que a quasi todas as nações tem feito ver as estrelas... bastas vezes até ao meio dia!

Ora este livreco devia ter o título de: *Caturrices dum Alemtejano*, seria, talvez, mais leal do que esse com que vae por esse paiz fora ouvir amabilidades *pró-forma* dalguns, sentir as suas folhas perpassarem vagarosas pelos dedos de poucos que ao Alemtejo querem como filhos a mãe extremosa, ou ver-se, depreciativamente, jogar para o lado por indiferentes e tediosos, que resmungarão, com simplicidade; - Que maçada! Bem m'importe eu com o Alemtejo, a não ser para trincar lombo de porco!

Ora o título *Caturrices*, era já aviso assim á guisa de letreiro no Jardim Zoológico: *Cautela com estes animaes!* – e era-o, ainda, porque os que embirram – e estão no seu direito – com “coisas que já lá vão” - *com águas passadas não moem moinhos...* – ao lerem as primeiras linhas, afastar-se-iam como aquele galuxo, que dizia ao companheiro, sorrateiramente saídos do acampamento para irem á pândega noturna: *Passa de roda que é barraca d'oficial!* – Pensamos, porem, que o título com que esta obra sae, traduz perfeitamente a nossa idea, porque, alem dela ser genuinamente alemtejana, desejámos, e temos quasi a certeza, que seja lida por aqueles a quem a dedicâmos: essa população modesta,

honrada, sã que no campo e do campo vive, que nos costumes simples encontra tanta satisfação como os seus avós e seus pães encontraram, que bem alemtejana é e, portanto, bem português. A ela e para ela é este modesto trabalho dirigido e ela o compreenderá lendo-o, ou ouvindo-o ler, dando-lhe tal leitura prazer por lhe recordar muitas coisas que já viu, algumas de que ouviu falar, outras que lhe despertarão curiosidade por serem coisas “cá das nossas terras, passadas cá no Alemtejo”. E nas largas noites d'inverno quando “lá fora” zune o vento e a chuva “cae em zurragadas” quando o estar á lareira é um conforto delicioso, reunida a filharada e a velha criadagem, que família é também – “na hora de contar os contos” talvez “a senhora Lavradora” diga á “sua morgada” – a filha mais velha:

- Menina, deixa o *crochet* e lê um bocadinho no livro, que o teu pae trouxe ontem da cidade.

- Dizes bem, mulher, — acrescentará o dono da casa, aconchegando-se “no seu cantinho” e aconchegando com a tenaz o brasido do madeiro d'azinhol – gabaram-me esse livro, diz que traz muitas coisas interessantes das nossas vilas e das nossas aldeias; eu li dele ontem, no comboio, algumas folhas, mas tremia-me a vista com o jogar da carruagem. Vamos, agora, lá ouvir isso. Cheguem-se vocês todos para de roda do lume para ouvirem também.

- É verdade, meu pae, olhe chama-se o livro *De Roda do Lume!* Tem graça, por que será?

- Ora porque será, minha patéta?... Nada mais, nada menos porque quem escreveu esse livro é alemtejano da gema, gosta, como a gente, do “fogo” e lembrou-se d'arranjar maneira d'entreter os patrícios algumas horas de roda do lume contando-lhes coisas cá dos nossos sítios e que nos fazem continuar a ter muita amizade, muita afeição ao nosso querido Alemtejo.

- Ai que bom! Diz bem, paisinho; vamos, então, ler o livro. Calem-se vocês, não podem estar quietos?! Não façam barulho e escutem!

Capítulo I

Usos e Costumes

Comecemos este capítulo pela descrição do ceremonial usado no casamento entre o povo do Baixo Alemtejo.

É geralmente numa quinta feira — “por ser dia de bom *agoiro*” — que os noivos escolhem para se unirem “á facia da *ingreja*”. Juntos os convidados, que são geralmente em numero avultado, dirige-se para a matriz⁹ o grupo que acompanha a noiva seguindo-se d’ahi a pouco o outro com o noivo — grupos que teem saído respectivamente da casa dos pais, indo no da noiva a madrinha, e no outro o padrinho.

A noiva, em geral, trajava vestido claro e véu preto, algumas vezes flores enfeitando-lhe os cabelos, muito lisos e corredios de banha. Hoje, porém, em que o progresso e a moda galopam desenfreados desde as mais luxuosas cidades até a vilas modestas, já não é raro ver noivas, as raparigas do campo, vestidas de seda, sapatos de setim e cobertas de flor de laranjeira — atavios que lhe levam boas economias e que — principalmente os sapatos — lhe ficarão em casa a recordar-lhes esse dia, e a atestar o seu fraco préstimo.

O noivo emprega completo de jaleca em casimira, isto se pertence “á classe trabalhadora”, porque se é da “artista” veste jaquetão curto, calça à moda e gravata flamante com alfinete.

À porta da igreja os convidados formam em semi-círculo, entrando primeiro a noiva e a madrinha voltando-se para “o acompanhamento” reverenciando, sempre muito embeserradas e

⁹ Depois da obrigatoriedade do Registo Civil variam um tanto ou quanto os costumes, pois alguns casamentos não vão á igreja, uns por negligencia, outros por economia, ainda outros — a maior parte — por não haver párocos nas freguezias; mas sempre que o casamento é religioso seguem o que acima se lê.

comprometidas, seguindo-se, depois, por ordem, os padrinhos e pessoas de mais consideração, todos fazendo vénia aos que restam por entrar.

Realisado o acto, os noivos e os paes destes recebem os parabéns, havendo, em geral, lágrimas nesse momento. Saindo a comitiva da igreja – noiva e madrinha á frente – são jogadas ao rapasio, que adiante salta e cabriola em algasarra, confeitos e *no tempo áureo... do cobre* moedas de cinco e dez reis. Arcos feitos de canas verdes, enfeitados com lenços e fitas de cores vivas, seguros nas extremidades por duas raparigas trajando os seus melhores atavios, se levantam á saída do templo e pelas ruas em que o cortejo há-de passar, forçando-o a deslisar por debaixo, onde em pequena mesa, uma bandeja com garrafas de vinho e copos faz companhia a pratos com “frasca” geralmente talhadas de bolo podre e cavacas a que chama ginêttes. Os padrinhos tocam com os lábios no vinho, ninguém se serve dos bolos e aqueles deixam na bandeja esportula mais ou menos larga segundo as suas posses, ou os seus brios. Se eles são “gente rica” muitos os arcos, se pobres, ou remediados, basta um e, raramente nenhum. O último arco acompanha o cortejo, coroando a noiva e a madrinha até á porta da “funcão” (banquete).

Durante o trajecto lançam aos noivos, das portas e janelas, trigo e flores. O trigo traduz o desejo de que eles tenham, pela vida em fora, boas searas e, portanto fartura no seu lar.

Entrando em casa “o acompanhamento” depois das mesmas contumelias e etiquêtas havidas á porta da egreja tornam todos logar a mesa, em geral posta na casa de fóra e que é a que mais cuidado e carinho tem merecido no mobiliário e adornos, vendo-se ahi quasi sempre a cama dos noivos, formada em bancos, ou de ferro muito alta, sendo de ferro tem duas cabeceiras pintalgadas de cores berrantes, com coberta de ramagens, travesseiro e duas almofadinhas. Também é treivial ver-se nesse compartimento o escaparate com loiça ordinária de Sacavém, algumas chávenas amarelas e brancas quasi sempre. As cadeiras em que se assentam são da manufactura d’Évora com guardas bisarramente pintadas e fundo de bunho, se o casal é muito pobre são de castanho feitas em Monchique, como de castanho é a arca em que

guardarão o pão, a mesita em que se assentarão á lareira e comerão a açorda do almoço, os grãos ou feijões com ervas e azeite da ceia.

Acomodados todos – em regra muito apertados – á mesa, ficando no topo os noivos, muito sérios, cabisbaixos e tudo muito calado, com certa solemnidade e constragimento, começa a servir-se a sopa, raras vezes não sendo de macarrão, com muita gordura, pimentão e cravo de cabecinha. É geralmente o sacristão quem serve. Engulida a sopa, segue-se o jantar pantagruélico e a que nunca falta o ensopado de carneiro, também carregado de temperos.

No meio do banquete, já todos falando num “ávontade” nascido dos estômagos confortados começam “as saúdes” visando os noivos, a “síora madrinha”, “os siores padrinhos e a mais campanha”. Alguns desses brindes são em verso, décimas e quadras antigas, que servem, de chapa, para quasi todos estes actos. Numa ocasião ouvimos esta:

“*Lá vae este copinho*
“*À saúde da “síora madrinha”*
“*Deus lhe dê muita saúde*
“*Para criar a sua filhinha”.*

Não averiguámos se a madrinha tinha alguma filha, mas seria de crer, pois agradeceu enterneida.

Doutra vez tão bem nos ficou esta:

“*À saúde dos “siores padrinhos”*
“*E mais de toda “a campanha”*
“*E muitos parabéns ao noivo*
“*P’la bela moça que apanha”.*

Tinha razão o *maroto*, a noiva era um encanto: olhos negros como a tinta com que estou escrevendo, boca fresca como um morango. Recorda-nos, a propósito, a seguinte décima que ouvimos numa “função” de baptizado e que alguém dizia ser do célebre velhinho – sabe-se lá quem era! Trazia o sêlo do anonimato – aquele com que os filatelistas ainda não *entraram*.

*“Quando vejo perfilhar
“A egreja mais um crente
“Logo o meu coração sente
“A vontade de resar.
“Pónho-me, então, a pensar:
“Como é bom ser o mais cristão;
“Termos essa religião,
“Respeitar o Criador
“E a esperar o seu amor
“No dia da ressurreição”.*

Acabado o jantar é da praxe ir acompanhar a casa “a siôra madrinha” e “os siores padrinhos”. Tanto numa como noutra moradia servem-se bolos, vinho e aguardente e em todas se come e bebe com a mesma ligeirêsa e decisão.

À noite ha em casa dos paes da noiva “o balho” constando-se em baile de roda ou dançando-se polkas “muito puladinhas” e mexidas.

No baile de roda o homem toma as mãos da mulher: por diante do peito, formando X, seguindo os pares uns apoz os outros, fechando o círculo as mulheres, nalgumas terras, do lado de fora, noutras, da banda de dentro. Acertados os pares, combinam ensaiando “a moda” que desejam cantar. Isso leva seu tempo, porque as opiniões divergem, querendo uns certo estribilho, outros aquell'outro. De repente uma das raparigas, sempre “dona de bom garganteado” rompe a cantar com voz estridente, arrasta o par e “o balho está armado” acertando ás vezes num belo coro. A mor parte das modas alemtejanas são dum sabor dolente e, d'ahi, o baile ser passeado com cadencia e certa “gravidade”.

Se “o estilo” é mais vivo, a marcha aligeira-se, voltando sempre os pares quando teem cantado dois versos da quadra, isto é, andando metade do círculo; esses versos são sempre entoados por uma voz e que o coro repete, em geral impecável de afinação. É no “principiar” num baile que se põem em evidênciia os grandes cantadores.

- Fulano ou fulana “principia muito bem, com desafôgo” dizem, com certo respeito a quem se querem referir.

É também “principiando” que se arranja o namoro – “a simpatia com qualquer” – se entretém o amor e fusila o ciúme, se demonstra o ressentimento e saltita a alegria.

Ele canta:

“*Andas de fora não balhas*

“*Qual é o teu superior?*

“*Anda, d'abi, vem balbar;*

“*Que aqui está o teu amor.*”

Ela responde na “volta” seguinte:

“*Tenho amores, cuido eu,*

“*Se eu enganada não vivo...*

“*São novos de há pouco tempo*

“*Conversas não temos tido.*”

Ou, então ele, quando lhe vem a par alguma rapariga a quem quer cortejar:

“*Aperta-me a minha mão*

“*Té que eu diga, deixa amor!*

“*Quem mais aperta mais quer*

“*Quem mais quer não sente a dor.*”

Resposta pronta da requestada “se quer”:

“*Aperta-me a minha mão*

“*Té que eu diga deixa, deixa!*

“*Quem mais aperta mais quer*

“*Quem mais quer menos se queixa...*”

Se lhe não merece atenção o Adónis:

“*P'ra que me apertas a mão*

“*Maus dedos p'ra que me ajuntas?...*

“*Olha que estás enganado*

“Que não é quem tu preguntas!”

Esta quadra ouvimos nós num bairalico em Messejana andando a rapariga que a cantou – uma das mais requestadas do burgo pela sua vivacidade, linda voz e picante figura – de par com o padre, que á festa de S. Luiz viera prégar.

-Então?... – perguntavam as amigas, depois, á rapariga.

- Então o quê?!

- O Padre?...

- P'ra cá vem ele de carrinho! Que se confessasse, que eu não me confesso a ele... Queria conversa, paleio, mas puz-lhe logo uma rolha na boca... Pois *nana!*

- Podias vir a ser ama...

- Só nasci p'ra criada! Dispenso tanta *fedalgia!* Agarra-o tu, vê se o apanhas.

O padre retirara-se surrateiramente...

As raparigas quasi todas sabem grande quantidade de quadras a que chama “letras” e aplicam-nas com certo critério aos namorados ou ás que julgam rivaes.

Nos baptisados é usança a mesma e dispendiosa “função” que fazem pelos casamentos convidando os paes em geral para padrinho, ou madrinha da criança, gente abastada – lavradores, que, raramente, se negam a esse favor, tomando-o como um dever – ligando-os de tal forma esse acto, que não deixam de proteger os compadres e afilhados, quando estes ao seu auxílio recorrem pela vida adiante.

Se um irmão convida outro para padrinho de um filho, deixa, efectuado o acto, de o tratar por tu, tratando-o por compadre e tendo as suas relações, d'ahi para o futuro, um tanto ou quanto, de

ceriomeniôso. — É meu compadre d'água bentas, padrinho do meu filho! — e essa maneira de expressar indica respeito e consideração.

Parecerá á primeira vista, que prestando este povo tal culto a esse parentesco espiritual, segundo as regras da religião católica, ele será dum grande cuidado nas práticas, que essa religião impõe... Engano: o habitante destes sítios, vae á missa nos dias de festa — as raparigas orgulhosas d'estrearem um *asabeque*, ou uma saia, os rapazes uma jaleca, ou um chapéu; pela Quaresma raros se confessam, e ao padre tributam o respeito que teem por qualquer cidadão que pela sua posição social se evidencia nestas pequenas povoações.

Poder-se-á, por isto, afirmar que o camponez alemtejano (é, em geral, do homem do campo que tratamos neste pequeno estudo) não tenha sentimentos religiosos?

Não, e tanto que no-los demonstra no preito que presta áquele que é “seu compadre d'água bentas”; mas esse seu sentir vae como que directamente de si para Deus — cuja devindade respeita, venera e tem, porque assim lh' o ensinou sua mãe, quando nas noites desabridas d'inverno á lareira o fazia ajoelhar, pôr as mãositas e repetir o Padre Nossa e a Ave Maria para que Deus afastasse o temporal “para aonde não causasse mal nenhum” obrigando-o, ainda, a proferir, ao fuzilar do relâmpago e ao estrondear do trovão: “Jesus! Santo nome de Deus, aonde chega o nome de Jesus, não sucede mal nenhum!” E a criança, ao distanciar-se a tempestade e ao socregar-se-lhe o espírito, encheria de perguntas ingênuas como a sua alma infantil a “sua querida mãesinha” que lhe daria explicações suficientes para o fazer ver que Deus — Entidade Enorme a que terá de prestar culto, pois Ele o premiará, ou castigará, consoante for bom, ou mau, praticar o bem, ou fizer o mal.

As crianças cedo começam a ajudar os paes nos trabalhos do campo: os rapazes, dos oito aos doze anos, apascentando porcos, ou ovelhas; as raparigas acompanhando as mães ao ribeiro, á monda, ou á apanha da azeitona. Uma ridícula percentagem frequenta a escola. Pena é assim, porquanto aqueles dos alemtejanos, que á escola são assíduos breve provam que com facilidade aprendem o que lhes ensinam, sendo notável o número dos que em evidência se revelam

segundo os estudos. Em abono do que acabamos de afirmar vejamos, olhando só pelo sul da província e destacando alguns nomes que de pronto nos ocorrem, sem irmos a tempos distanciados procurar os vultos de Soror Mariana Alcoforado, Frei Amador Arraes, José Agostinho de Macedo, Jacinto Frei d'Andrade, António Gouvêa¹; e começemos por Manoel Ribeiro, que sendo um dos mais lidos e considerados romancista de agora, prosador e dos melhores, tendo logar aparte nas estantes *dos que o lêem* com os seus três romances *Catedral*, *Deserto* e *Ressurreição*, nasceu e estudou em Beja e, com desvanecimento o dizemos, foi no nosso jornal “O Campo d'Ourique” que ele, sendo estudante do liceu começou os seus artigos sobre coisas d'arte, vendo-se já na sua prosa castiça largos pronunciós que viria a ser escritor de fôlego.

Anselmo d' Andrade, de quem a velha cidade se pode também envaidecer de ter sido berço, estadista, grande economista, autor de *A Terra* e do delicioso livro *Viagens em Hespanha* é tido e com muita justiça como dos mais vernáculos escritores contemporâneos.

Vila de Frades, tão tipicamente alentejana e d'arredores tão pitorescos, orgulha-se – orgulho de que o Paiz todo participa – de ser filho dela Fidalho d'Almeida, que dos nossos elogios não carece – pequenos e mesquinhos em relação á sua grandiosa obra.

Serpa – a bela vila alemtejana, que jus tem a ser cidade e que dentro de poucos anos o será – é pátria, cremos, do simpático homem de letras, que fidalgo sendo, fidalgamente escevia, dando á sua província as primícias do seu carinho, descrevendo com conhecimento de ver os seus costumes, os seus zagaes, os seus ganhões, as suas malhadas – o Conde de Ficalho –bastando-lhe o amorável livro de contos “Uma Eleição Perdida” para o tornar estimável a todos os alemtejanos ledores.

¹ José Agostinho de Macedo nasceu em Beja em 1761 e morreu em 1841. Frei d' Andrade em 1597 – 1657. António Gouvêa foi grande polemista e filósofo. Amador Arraes, bispo de Portalegre, notável pelos seus famosos *Diálogos*. De Viana do Alentejo foi Fernando Cardim que em 1618 escreveu a *Narrativa Epistolar da Viagem e Missão pelo Brazil*. Garcia de Rezende era d'Évora, assim como o filólogo Duarte Nunes de Leão.

Brito Camacho – um dos escritores a quem a província deve os melhores clichés dos seus tipos e das suas paizagens, nasceu ali, nas suas “Mêsas” tão perto de Messejana e d’Aljustrel que as duas coqueticas povoações disputam qual delas terá o direito de poder dizer-se pátria do grande e finíssimo espírito que escreveu *A Gente Rústica*. São tão nítidas as personagens desse livro, tem tanta realidade, tanta luz os seus *Quadros Alemtejanos* que a ilusão quasi desaparece, crendo-nos frente a frente, tu cá, tu lá, falando com os seus compadres, com os seus almoctreves, julgando-nos dentro das suas paisagens, passeando, caçando, vendo o sol escapar-se por detraz do sérro da Senhora d’Assunção, aproveitando o lusco fusco para atirarmos a um “mitra” ao sair dum covato ali no *Cabeço*... Todo o alemtejano tem obrigação nas “Horas Calmas” da folga, ou no remanso da lareira, nas noites estiradas d’inverno, ler esse livro não *Ao de leve* mas com amor, com carinho, conservando-o sempre *Por abi fora* não o tendo *Longe da Vista* e se alemtejano não for e ao Alemtejo vier, ao voltar dessa província, não se esqueça de trazer na mala esse livro – acamaradando-o com *Os Amores de Latino Coelho* – como testemunho das suas *Impressões de viagem* recreiando-se a lê –los até se *A Caminho d’África* se disposto estiver a ir ver *Essas Terras de Lenda* povoadas por *Brancos e Pretos*.

Mário Beirão – o poeta panteísta querido e adorado pelas almas sensíveis, o extraordinário pintor das *Queimadas* o estatutário dos pastores da planície em rastolho, dos estevaes empapoilados, nasceu em Ourique – aquela vila tão perto de S. Pedro das Cabeças, onde se consolidou a Pátria Portugueza, segundo nos ensinaram noutros tempos...

E aparte esses astros de primeira grandesa – tão excepcionaes, que toda a nação neles os olhos fixa – reverente e vaidosa – quantos, mais pequenos, mas de chama viva, no Baixo Alemtejo, deram o melhor do seu sentir ás letras portuguesas na prosa e no verso... – uns descançando já eternamente, outros ainda na brecha.

Lembrêmos alguns dos mortos, desfolhando rosas sobre a sua memória:

Matheus Peres – filho de Cuba – cujos versos tinham inspiração, espontaneidade, laivados de tristeza como que predisendo o precoce fim do autor, morto em plena mocidade.

Dias Nunes, com versos lindos, era folklorista dos mais infatigáveis sobre coisas da nossa província. Natural de Serpa, em Serpa morreu, muito novo. Publicou um mimoso livrinho – *Rosmaninhos* e com o Dr. Ladislau Pissara – conhecido publicista alemtejano – redigiu a interessante revista *A Tradição*, que no género a que foi dedicada, é do que mais completo conhecemos no nosso Paiz, saindo quatro volumes e sendo hoje rara.

Silva Palma – com tanto estro, que em grandesa só se lhe pôde comparar a desgraça que o bafejou. Eram espontâneos os seus versos, encantadores os seus sonetos. Verdadeiro temperamento de poeta; teria tido nome em todo o Portugal, que lê, se não fora a sua infelicidade, nascida na falta de coragem para lutar. Natural do termo de Mértola.

Aqui ficam arquivados dois, a nosso ver, belos sonetos que Silva Plama nos dedicou no nosso jornal *O Campo d'Ourique*¹:

1º

“O Vento perguntou ao Mar profundo:
- Porque agitas furioso esse teu dorso
E semelhando um grande imenso corso
Corres de Norte ao Sul, de mundo a mundo?
Porque sempre choroso e gemebundo
Como um fantasma enorme, d'alto esforço,
Sacodes com fragor esse teu dorso

¹ Silva Palma publicou dois livros de versos: *Pobre Pátria!* e *Os Sete* - Este este em homenagem aos deputados republicanos d'então (1909): Brito Carnacho, Alexandre Braga, António J. d' Almeida, Afonso Costa, João de Menezes, Estêvão de Vasconcelos e Feio Terenas. Deixou um outro livro por publicar – creio que com o título de *Musa Errante* em poder do seu primo e amigo Dr. Manoel Gomes Palma – distinto jornalista e um grande carácter e que com o autor destas linhas pertence ao grupo que em 1911 fundou e redigiu o ainda hoje existente jornal *O Bejense*.

E avassalas a terra, ó mar profundo?"
E o mar respondeu em convulsões:
- Semelhando o ciclópico gemido
A voz tremenda de cem mil vulcões -
"Eu sou feito de pranto recolhido
Dos olhos dum milhão de gerações
Que em mim se tem juntado e reunido."

2º

Então pergunta o mar ao vento irado:
- Porque soluças tu constantemente
E vaes de continente em continente,
Como um corcel, veloz, desenfreado?
Porque é que tu dedilhas, inspirado,
Na harpa do arvoredo inconsciente,
O teu canto monótono e plangente
Na tenebrosa voz d'alucinado?"
E o vento respondeu em voz sonora:
- Como um som que se esvae na imensidão
E nas altas esferas se evapora:
- Dos suspiros cruéis da humanidade,
Que no mundo soluça geme e chora,
Sou eu feito por minha infelicidade."

Outro poeta alemtejano, morto em 1901, pedindo ao cano
duma espingarda o soco, de que o seu inquieto espírito precisava: -
o pobre José Silvestre Baptista, natural de Safara, matou-se na pujança
da vida, sem força como Silva Palma, para reagirem contra o
alcoolismo, que deles fez dois desgraçados. Silva Palma morre em
Rilhafóles.

Quer o leitor avaliar Silvestre Baptista, que nos últimos anos
que viveu em Beja, não aparecia a ninguém, fechado no seu quarto,

rodeado dos seus livros, que ele devorava na aancia que sempre tinha de saber, de se ilustrar, sendo dos rapazes da sua gerações – tinha o 2º ou o 3º ano de direito quando deixou Coimbra – um dos mais ilustrados? Ouçâmo-lo, vertendo uma lágrima sobre a sua memória honrada e querida:

Pulvis Est...

*Sónhos d'outr'ora, meus perdidos sónhos,
Miragens loucas da ardente mocidade,
Voltem, de novo, a recordar-me a edade
Das ledas esp'râncias, dos cantar's risonhos.
Surjam as longas horas d'enfadonhos
Dias de tédio, evoquem a saudade
Duma curta e perdida f'licidade,
Sonhos d'outr'ora, meus perdidos sonhos.
Ao longe, ao longe o eco soluçante
Do **smorzzando** d'Abri va na agonia
Tombar do Inverno, em tremendaes medonhos.
Surjam vocês da banda do levante
A galope, a galope, á Fantasia
Sonhos d'outr'ora, meus perdidos sonhos...*

Talvez alguém nos censure por deixarmos de falar dalguns poetas e prosadores, que sendo naturaes do Alemtejo, á província deram honra pelo destaque do seu espírito – pronto em homenagear a sua terra em produções de prosa e verso – belo e finíssimo em comungar no altar das letras – tornando-se conhecidos e estimados na literatura portugueza e brazileira, e neste caso estariam entre outros Cláudia de Campos (Colette) poderoso temperamento de artista, dando-nos livros magníficos de história como o *Duque de Palmela*, de contos como o *Rindo*, Macedo Papança (conde de Monsarás) com a sua linda e mimosa *Musa Alemtejana* com a *Catarina d'Athayde*, seu filho Alberto Monsarás, que desafogadamente trata o artigo de fundo, que

amoravelmente escreve versos magníficos em portuguêz e francêz; António Sardinha, morto tão cedo na pujança dum estilo magnífico dum estro excepcional espalhados por muitos jornaes, por bastos livros, que se lêem com delicia; mas como no princípio deste livro dissemos que só nos propúnhamos tratar de pessoas e coisas do Baixo Alemtejo – do Distrito de Beja – isso temos feito.

Sigamos, pois, o nosso propósito.

Há no Alemtejo, como, de resto, em todo o Paíz, dois dias no ano em que os seus habitantes descansam dos labores quotidianos, procurando no seio da família, no remanso do lar, usufruírem algumas horas tranquilamente, comendo com apetite *o bom jantar da festa*: o dia de Natal e o dia de Páscoa, aquele com a sua “Meia Noite” este, com a sua “Consoada”.

Noite de Natal...

Como ao longe, vemos, arrebatadas pelos anos em carreira desenfreada, muitas scênas queridas da nossa infância, e não obstante irem tão distantes vemo-las tão nítidas! E a saudade, – esse filtro agri-doce, que nos delicia torturando-nos, envolve toda a nossa alma!

Noite de Natal...

A visita do Menino, a Missa do Galo, a Meia Noite...

A visita do Menino...

O sacristão d'opa encarnada, calderinha numa das mãos, lanterna noutra, lenço d'Alcobaça em forma de turbante resguardando-lhe a calva respeitável do nordeste barbeirinho, vinha adiante alumando, cheio d'importancia, seguia-lhe o filho, também d'opa, cara afuranada, olhar guloso, pálpebras amolentadas pela aguardente, segurando uma bandeja acharoada em que o Menino – uma rasoável escultura – deitado de costas, de pernitas no ar, estendia os bracitos, de carnação sadia, na posição, graciosa e natural, do infante sequioso de leite e carícias maternais.

Precedia essa entidade um outro homem – lembro-me d'ouvir diser o pregoeiro, ou porteiro, da terra – de cara alvar, suissa espessa e negra, cheirando a vinho e tresandando a alho e que trazia o saco para as esmolas. E essa trindade soberba, digna do pincel do inglez Hogarth, ou do lápis de Bordalo Pinnheiro, na sua peregrinação em todas as casas, que lhe podessem deitar alguma coisa na sacola, entrava também na que habitávamos, e, depois de muitos e repenicados beijos, dados por todos os presentes, nas carnítas roliças do gracioso *baby* -, ia o da caldeirinha, guiado pela nossa pequena mão, aspergir água benta sobre o enorme madeiro, que na vasta chaminé crepitava com chamasitas azuladas e brasido intenso e cujos restos carbonisados presevariam, durante o ano, a casa, dos raios e dos coriscos.

Com que satisfação as nossas pequeninas mãos se tornavam largas deixando cair na boca insaciável do saco do pregoeiro o grande pão alvo e o naco de magnífico lombo de porco, crentes de que seria o Menino que os havia de comer...

E a Missa do Galo?...

Mal o velho sino grande da velha Matriz, começava o seu tläss, tläss mavioso, cadenciado, chamando, como que a dizer “aviem-se que já são horas”, a impaciência apoderava-se de nós. – Porque não íamos já? Que era tarde, que não ouvíamos a Missal! E entre as cabriolas doidas dos nossos traquinos seis anos e os ralhos, forçadamente sérios, da nossa querida Mãe, lá nos levavam para a vetusta igreja, onde a banqueta duma dúzia de velas espalhava luz fraquíssima, tão bruxuleante que, a custo se divisavam as caras na multidão compacta que se comprimia num borborinho persistente e pigarrento.

O padre Claudino, honesto velho, que havia quarenta anos soltava o “ite missa est” no altar mór dessa paróquia, começava, na sua voz pequenina, levemente *tatebitati*, a missa, e que nós não acabávamos de ouvir... muito havíamos resistido... era de mais para as nossas forças... e o latim poderoso narcótico.

Na ladeira da igreja, acordando a algum balanço mais forte, que um pé, mal posto do possante criado, lhe obrigara a dar aos

braços em que íamos pouco comodamente deitado, dizíamos, meio estonteado[s] por entre os fumos do sonno:

- João, oh! João, então eu não ouvi cantar o galo na cabeça do padre!

Noite de Natal...

Como ao longe, vemos, em galope desenfreado, todas essas scenas! Mas vemo-las tão nítidas, tão perfeitas!

Houve tempo em que pelo Entrudo se divertiam muito em algumas povoações do Baixo Alemtejo, contando-se ainda hoje algumas “partidas” de bom chiste, a par d’outras sem sabor e algo *pesadas*. Entre estas era costume, na *terça feira*, alguns mascarados entrarem nas casas abonadas, e emquanto uns entretinham a família com momices e “intrigas”, outros dirigirem-se á cosinha e aproveitando o descuido da cosinheira entretida, como o pessoal da casa, também a ver “as caraças” surripiarem a panela com o jantar – utensílio que só voltava a casa no dia seguinte... vazia, mas lavada.

Entre as engracadas contaram-nos o seguinte:

Havia em Messejana um hespanhol, vivendo á muito em Portugal, gôrdo como um porco de oito arrobas, taberneiro e que, quando os fregueses o deixavam, se sentava á lareira perto do balcão e defronte da porta da rua, espapaçado, curtindo uma boa somneca, fruto da vinhaça que no largo estômago abrigava...

Passeando pela rua do Espírito Santo, o Pedro d'Almada¹ e o Aniceto Salgueiro – dois rapazes endiabradados, de sangue na guelra e sempre prontos a *fazerem a sua partida*, lobrigam pela porta entreaberta “o Sarralha” de boca aberta, queixo descaído, na posição abandonada da somneca, aquecido pelo calor dos tiçõe da fomarenta charminé. Viram, retiraram-se e, dahi a pouco voltavam: o Pedro com uma seringa, o Aniceto com um pistolão.

- Em eu descarregando a pistola p'r'o ar, tu, Pedro, descarregas a seringa no peito do hespanhol...

Pum!

- ... Ai que me mataram! *Estoí muerto!*

Socorro! Socorro! Que de *sangre!* Socorro! – gritava, desalmadamente, “o Sarralha”, atónito, esmorecido, olhando o peito, o fato todo vermelho, *ensaguentado...*

Acode gente, enche-se a casa, grande barafunda...

¹ Pedro d'Almada Pereira foi pae d'Antonio d'Almada Negreiros e avô de José d'Almada Negreiros ambos jornalistas e escritores apreciados sendo aquele autor dum belíssimo livro sobre a Ilha de S. Thomé e este, artista muito conhecido pelo seu génio e aptidões de desenhista e pintor. Antonio d'Almada Negreiros é natural d'Aljustrel e vive em Paris, onde é correspondente de *O Século* e d'outros jornaes.

Pedro d'Almada Pereira era um carácter alegíssimo muito inteligente, e que folgada posição tinha alcançado no “meio” do seu tempo, se não fora o génio *blagueur* e de bohemio, que coisa alguma tomava a sério. Escrevia regularmente quando queria e foi ele quem fundou em Aljustrel o primeiro jornal chamado *O Campo d'Ourique* de que saíram 25 números em 1872. Esse periódico era progressista e teve como redactor principal o inteligentíssimo padre António Joaquim Baptista Cardote, homem de raras aptidões para que tudo fosse arte, escrevendo bem em prosa e verso. Cardote foi muitos anos pároco em Aljustrel e morreu em Aveiro d'edade provecta, em 1919, capelão militar reformado.

Gonçalves Crespo tendo ido áquela vila fazer uso das águas de S. João do Dezerto, foi hóspede do padre Cardote e *O Campo d'Ourique* publicou algumas poesias suas.

O segundo jornal *Campo d'Ourique* foi fundado por Francisco Soares Victor, Cipriano Figueira e o autor destas linhas, sendo Figueira administrador e os dois, redactores. Publicou-se em Ourique durante oito anos, de 1889 a 1906. Tendo mudado de redacção e transferido a sede para Aljustrel, poucos números dele saíram.

- Mas quem foi? O que é isto aqui?... Quem matou este homem?! Malvados! Quem foi? Quem foi, que o mando já para as Costas d'África!

E o senhor Francisco Inácio – o regedor – afasta todos, dirige-se ao "Sarralha" apalpa-o, procura ver o ferimento...

- Mas onde se sente ferido?... Levem-n'o para a cama! – ordena.

- Aqui, señor! Aqui al pecho! Que de sangre! Io muero!

Carinhosamente abre-se-lhe a camisa, perscruta-se, apalpa-se, observa-se...

Nada! [N]a carne branca, flácida nem a mais leve arranhadura, nem o mais ténue beliscão!...

Pois se o tiro da seringa fôra d'almagre e o almagre... não é sangre.

O senhor Francisco Inácio - o regedor – deu sorte e este quasi a meter "O Sarralha" na cadeia!

Pelo Entrudo uma das brincadeiras com que se entretem os homens trabalhadores e artistas é o jogar o Alguidarejo que consiste no seguinte:

"Quatro homens colocam-se em quadro, num largo, ou á embocadura de quatro ruas e jogam uns aos outros uma bilha de barro (em geral uma quarta, infusa, ou ainda um alguidar – e dahi virá o nome ao jogo?). Atiram, atiram... até que um a não segura bem e a deixa cair, fazendo-se pedaços, então, grande algazarra, tendo o desastrado que ir á locanda mais próxima pagar o vinho a todos: pretexto, pois, para fortes libações.

Outro divertimento que vae, felizmente, caindo em desuso e que grande voga tinha nas vilas e aldeias: os coxinhas também na época carnavalesca. Pela calada da noite, quando a povoação, recolhida, se entregava á quietude do somno, ou se entretinha seroando ao calor dos tições d'azinho, ou d'esteva resinosa, ouvia-se uma voz esganiçada, que tanto podia ser de homem como de mulher, uma voz disfarçada enfim, com altos e baixos destemperados,

gritando a uma porta, chegada ao buraco da fechadura, muitas das *mazelas*, ou dos ridículos, ou dos escândalos, de que o chefe da casa eivava, ou praticara, ou algum dos seus habitantes, ou a família inteira! Bastas vezes calúnias, quasi sempre infâmias!

Muitos por medo, outros por indiferença, ainda alguns por não quererem avolumar o escândalo, não tugiam nem mugiam, esperando, anciósos, que essa lama danada se cançasse: havia, porém, pessoas a quem o ânimo não consentia calarem-se, e, então, jogando mão do que á mão encontravam, abriam, sorrateiramente o postigo ou a janela e zás! Junta com uma praga tremenda – apanhando o zoilo de má morte o justo castigo da sua má acção.

Como dissemos, vae, felizmente, esmorecendo quasi de todo essa crítica mordaz e infame, substituindo-a, diga-se de passagem nalgumas terras, o jornaleco da povoação... Chegaram a tal ponto, em épocas passadas, os escândalos dos *góxinhos*, que nas posturas da Câmara de Messejana, aprovadas pelo clero, nobreza e povo, havia o seguinte:

“Cap. Iº & 4º - Toda a pessoa que pelo Entrudo fizer góxinhos, ou em qualquer tempo, será preso por qualquer do povo, pagará 2000 reis de multa e estará 30 dias de cadeia, além da injúria que fizer”.

Naturalmente foi letra morta, pois ainda nos lembra d'ouvir bastantes *góxinhos*, o que provava o nenhum receio da áspera penalidade.

Na 5^a feira de compadres é hábito os rapazes e raparigas fazerem “Compadres” e na seguinte “Comadres”. Aprazado isso, juntam-se em casa dum deles, que tenha família, e abancam á roda do jantr, comendo pantaguelicamente. Á noite, nessa casa, ha “balho” e servem-se bolos fritos e filhozes lêvedas, regadas com mel e acompanhadas com aguardente. Todos os rapazes e raparigas que assistem á festa, contribuem com a sua quota e ficam-se, pela vida em fora, tratando por compadres e comadres.

Nas casas abastadas também era costume solenisarem-se esses dias, servindo-se nas reuniões da noite fatias douradas – a que o povo

chama *fatiás de parida* – sônhos e cobras (a mesma massa dos sônhos mas com o feitio desses ofideos) a par da rica doçaria dos conventos.

Hoje vão caindo em desuso essas festas, mas outras as substituem, como por exemplo, em Beja, onde, dos divertimentos carnavalescos faz parte a *Ceia do Espeto* e a *Ceia do Palito* – aquela, dada por num indivíduo, ou por um grupo d' indivíduos, e, esta, por uma dama daquela cidade, na 3^a feira gôrda.

No meu livro *O Espeto*, publicado em 1914, desenvolvidamente trato d'aquela festa e da distinta *Sociedade Bejense* – o melhor club d'aquela cidade – onde o Carnaval corria sempre muito animado, tendo fama os seus bailes, pela riquesa das *toilettes* e serviço de ceias.

A mocidade académica da velha Pax Júlia vem realisando de ha anos a esta parte, a *Festa do Galo* – brincadeira engracadíssima, em que em um andor, arranjado *ad hoc*, é conduzido um galo, acompanhado por numerosa mascarada, detendo-se nos largos e praças, armando-se na da República uma tribuna, da qual discursam pitoresca e ás vezes eruditamente, alguns dos mais cotados académicos da geração promotora desse festejo.

Essa distracção académica teve origem na *surripiadela* d'um pobre galináceo por alguns estudantes, servindo de pretexto para lauta ceia, cremos que na extinta e lendária casa de pasto do velho Nicolau.

A dona do galo queixou-se á polícia, os rapazes foram chamados, a academia toda interveiu e o grito trocista de: *Olha o Galo! Larga o Galo!* Ecoou por todos os cantos da cidade durante dias, durante mezes e a primeira *procissão* do galo deslisou sarcástica, trocista, gritante, mascarada, pelas ruas. Estava criada a lenda! Estava lançado um novo motivo d'espansão alegre, de regosijo académico, a que de boa vontade, se associou toda a povoação.

Sábado d'Alleluia...

Como nós em pequenos anciavamos por ele!

Quasi não dormíamos na noite, e mal “luzia o buraco” nós, sentado na cama, chamando a santa que foi nossa ama e que desde então até quasi sermos velhos, sempre nos aturou, sempre nos animou, sempre nos amou.

- Oh! Ama! Oh! Ama! Levante-se que já ahi vem a Alleluia! Já oiço os chocalhos!

- Deixa-te estar quieto que ainda é de noite, a Alleluia só vem daqui a três ou quatro horas! Dizia lá da sua cama a minha querida Mãe.

- Durma quietinho, que em eles vindo logo o chamo, dizia em voz baixa a Ama, para não me despertar – durma! Durma!

Mas qual dormir!...

Eles! Eles!

Sim, era por *Eles* que eu anciava, era por *Eles* que eu esperava, com a imaginação em fogo, – muitos, “todos com chocalhos” alguns com grandes campas, outros com chocalhitos pequeninos ridículos, outros com esquilas.

Como eu desejava ir com eles, no meio d'eles, tangendo também uma grande campa, correia a tiracolo, tlão, tlão, tlão, por essas ruas, por esses largos, dar a volta á roda da igreja, muito vermelho, muito soado, mas muito ancho, muito satisfeito, felicíssimo.

Batem as dez horas...

Lá vem *Eles*! Já tangem os sinos nos campanários festivamente, num bimbalhar que enche toda a terra, já as criadas tocam nos almofarizes de bronze, num batucar alegre, que enche toda a casa...

- Venha vê-los, venha vê-los, que *Eles* ahi vêem... *Eles* ahi vêem!

E janelas, de par em par, ainda que a água fosse a potes, ainda que o vento corresse desabrido, cabeça ao léo, mãos entrando vazias em sacolas largas e saindo cheias de boletas, confeitos, figos e nozes, espalhavam pródigas numa chuva d'abundancia juncando o solo...

E *Eles tlão, tlín, tlão, tlín, a apanhar, sôfregos, disputando, atropelando-se, gritando, rindo:*

- Jogue mais! Jogue mais! Eu ainda não *apanhi* nada! Jogue mais!

E ia mais, ia tudo, até que tudo apanhado, *Eles lá iam tlão, tlão, tlão, tlín, tlín, tlão, rua fora, praça fora* até outras janelas onde havia pequenada.

- Jogue mais! Jogue mais!

Sábado d'Aleluia!

Que animação! Que vida! Como eras alegre!

Querido por todos da nossa idade, dando felicidade a todos – uns com grande campas e chocalhos correia a tiracolo, tlão, tlão, tlão, outros de mãos dadivasas enchendo esses de fartura, rindo de os verem rir, contentes de os verem contentes.

Como é linda a infância!... E que depressa que ela foge!

Um dos divertimentos mais populares, e talvez o que mais entusiasmo desperta no alemtejo do sul é a “toirada”; e “Festa” que não meta esse espetáculo terá diminuta concorrência; anunciam-se, porém, toiros, ou vacas, do lavrador Fulano, ou Sicrano, e a pequena ou grande povoação, onde vae ser a “corrida” pode ter a certeza que centenares de pessoas de duas ou três léguas em redor ahi acorrerão, despertando durante horas o viver dessa terra; e a animação reinará, as lojas farão farto negócio, as tabernas regorgitarão.

- Lá vem a música!

- Ahi vem o gado!

E tudo corre doido de alegria, as raparigas rindo ás carcachadas para os namorados, os rapazes, aos saltos, batendo grandes palmadas nos costados uns dos outros – *Eh! Moças, isto é que é ganga!* – as mulheres ás portas, espreitando curiosas – *Daonde, é o gado Manel?...* – satisfeitas, como se lhes saísse a sorte grande. E a música passa num passe doble diabólico, empurrando tudo que adiante se

encontra, *distriuidora*, atroadora, até ao “camarote” na praça, na qual, dahi a pouco, entra o gado “na ponta da unha” acossado pelos maioraes e pelos cavaleiros e peões, promotores da Festa, pela garotada – e tudo ri, tudo grita, tudo é feliz.

E quando “a toirada” começa?...

Que doidice em toda a praça!

Nas embocadas das ruas, que para ela deitam, carros alemtejanos vedam a passagem não evitando, por vezes, que algum dos “bichos” mais bravo, mais teimoso, ou... mais medróso a force, ou tente forçar, onde mais fraquesa encontre, então que rebolço! O mulherio instalado no leito das carrêtas, levanta-se aterrado – *Ai Nossa Senhora nos acuda! Nossa Mãe Santíssima! Senhora da Assunção!* Grita, gesticula, pede socorro! Os homens acodem e dez, vinte, trinta, agarrando-se á rez, pucham-na pelos paus, pela cauda, forçam-na a desistir e a voltar ao largo, onde toireiros, ás dúzias, a desafiam de todos os lados, com paus, jaquetas e pedaços de velhas fazendas. Pobre animal que se vê atrapalhado para saber qual ha de distinguir com uma marrada, que ás vezes não é tão *simples como lhe parece*, pois... quasi sem querer vê-se obrigado a ir com as hastes pesquisar o epílon nas costelas dum ou outro, visto os *directores* da corrida não quererem que o gado seja embolado. Mas honra aos valentes rapazes alemtejanos: raro é o novilho, ou vaca, que vem á praça, - *aindas* que seja uma *montanha*, agarra-se! Que deixo de ser pegado por eles e ás vezes com que temeridade e com que risco!

- Vá p’r’á fita!

- Vá p’r’á fita!

E d’entre a multidão de *toireiros*, destaca-se de repente um que batendo, decidido, as palmas ao bicho, lá lhe cae no meio das hastes, sendo atirado ao ar, ou ficando enganchado, segundo a bravesa, ou relativa mansidão do animal. Mas se um se não aguenta nos derrotas, sendo expelido, então é que se *encarniçam* – como eles dizem – o entusiasmo expande-se em gritaria – Vá p’r’á fita! - Vá p’r’á fita! E a rez não volta ao touril sem levar a testa enfeitada com uma fita de côr berrante.

- Então *haverá* de se ir gabar lá p'r'o rebanho que não foi agarrrada, ora essa! – diz sempre algum dos festeiros, estendendo a borracha, contentíssimo, entusiasmado, ao valente pegador que conseguiu dominar o garraio, ou vaca.

- E pego em todas as rezas que ahi venham, *aindas* que elas sejam do tamanho do castelo de Beja, vejam vocês lá! Quem lh'o diz é este que está aqui! – e o rapaz bate no peito, cheio d'audácia, olhar brilhante, deglutiindo farta golada, - recompensa bem merecida.

Do Baixo Alemtejo as terras que mais entusiasmo teem pelos toiros são Messejana, Aljustrel, Panóias, Montes Velhos, Garvão e Cazevel¹. Em Beja e Moura há praças fechadas, onde pelas feiras se dão “corridas em forma” com artistas dos mais cotados no meio tauromáquico. Na Cuba também teem muito gosto por o popular divertimento e já tem tido praça fechada, de madeira. Em Aljustrel houve, em anos atraç, tambem uma praça nesse género, mas durou só duas ou três épocas.

Outro divertimento, que muito distraia esta parte da provinci, mas que vae caindo em esquecimento: as *cavalhadas*, que, diga-se de passagem, saudades não deixaram, aos que se doem de ver barbaridades: Na Praça da terra também, armavam-se dois postes e ligando-os uma corda rija, de linho, suspendendo-se dela muitos frangos, pelas pernas.

A um sinal dado partiam, de distancia, previamente marcada, dois cavaleiros, cavalgando qualquer alimária que possuiam, ou tinham alcançado por empréstimo, levando em riste um velho e enferrujado chuço: ao chegarem perto da corda visavam um pobre frango, se o espetavam e dando volta em redor da praça com o mísero troféu ao alto. Assim seguia a estúpida diversão até não haver mais victimas.

Hoje, como dissemos, rareia tal espectáculo e ainda bem¹⁰.

¹ Veja-se nas *Notas*, a notícia sobre a toirada em Messejana, na *Viagem de D. Sebastião ao Alemtejo*.

¹⁰ No belo livro *Os Ciganos de Portugal* diz o seu autor Adolfo Coelho o seguinte falando do casamento desses e das diversões que acompanham este acto: “O divertimento mais favorito é o jogo dos galos. Correndo com cavalos a toda a brida com as mulheres

Também vae quasi caindo o uso de festejarem a *Serração da Velha*, que não merece descrição por demasiado conhecida.

Nalgumas povoações do Baixo Alemtejo era costume meterem no cortiço em que, diziam, ia a Velha para serrar, um gato e um cão, que *engalfinhando-se*, produsiam enorme chiada a que se juntava a vozaria dos garotos. Depois de percorrido o burgo pelo grotesco bando, parava este num largo e um matulão, ou dois, serravam o cortiço ao meio, libertando-se os pobres animaes, se ficavam capazes de fugir.

É costume entre os camponêzes quando pedem a bênção aos paes e aos padrinhos do baptismo e estes lh'a lançam, dizendo o sacramental “Deus te faça um santo” beijarem a ponta dos dedos, postos em cunca.

Sempre que bebem vinho, ou na taberna, ou nalguma casa em que lhe o oferecem deixam uma pequena porção no fundo do copo e lançam-n'a para o chão. Nunca tive explicação desse acto, porque eles a não sabem dar, mas ele é tão genérico e tão arreigado, que deve obedecer a qualquer tradição. Será para provar a quem se vae seguir no beberete, que o copo ficou sem restos e, por conseguinte, limpo... relativamente? Não me parece por, como disse, o acto ser tão generalizado e feito quasi automaticamente.

Como tudo na vertigem actual da vida dos povos se vae transformando, trazendo outros hábitos, outros costumes, bem é que caturras, amigos de coisas velhas, deixem registados nos seus apontamentos, muitas dessas velharias; isso não faz mal e podemos afirmar como na *Relíquia* o Doutor dizia ao Raposo, pergntando-lhe este se devia beijar:

- Beije; não faz mal e agrada á senhora sua Tia.

á garupa e com lanças na mão, esforçam-se por espetar os galos que estão dependurados duma corda ligada a diferentes árvores. Há descantes, bailes, jantar de boda? etc.

Havia em muitas terras do Alemtejo um homem pago pela Câmara, ou pela Junta de Paróquia, que tinha a designação de Porteiro e que a par do mister de ser cortador, vender peixe na Casinha (casa onde se compra a carne, o peixe, o marisco) era quem tocava ás nove horas da noite “o sino de correr” indicando aos habitantes da terra que deviam recolher a penates, e ás lojas que tinham que fechar as suas portas. Era ele quem ia levar “os ofícios” d’aqueelas corporações, quem punha em praça o trigo, azeite ou cevada que as mesmas mandavam arrematar, dos seus rendimentos; quem fazia de *Coca* nas funções de Passos, quem abria as covas para enterrar os mortos; quem aos *cantos* (encruzilhadas das ruas) apregoava géneros que chegavam á *Casinha* para vender, ou gritava que se davam alviçaras a quem tivesse achado, ou desse notícia d’objecto perdido, ou de burro roubado. Ao chegar a um dos “cantos” o porteiro tirava o chapéu e gritava com voz atroadora:

- Seja louvado, Nossa Senhor Jesus Cristo! –

Fazia uma pausa extensa... apregoando, depois, compassadamente, o *motivo* que ali o levára.

Trinta reis, ou um pataco, era o que recebia por cada pregão.

Ao ouvirem-n’o, todos chegavam ás portas, ou janelas, e depois d’exclamarem, a meia voz, “Louvado seja o Senhor para sempre!” escutavam com toda a atenção.

Acabaram em muitas terras os “porteiros”, hão-de fazer falta porque eram úteis pelos muitos e variados misteres que exerciam.

Nalgumas aldeias de Campo d’Ourique os seus habitantes abusam dos diminutivos na linguagem, tornando-a pitoresca, quiçá engracada, pelo sotaque dolente, cantando, mais em saliência se naturaes dos “térmos” de Castro Verde e Almodôvar.

Lembra-nos a propósito, o seguinte, passado com pessoa da nossa família: Viera servir para sua casa, como cosinheira, uma

rapariga dos Aivados, sádia e robusta, côres de pêro camoêz, dentes lindos, cabelos e olhos negros, desembaraçada — desenxovalhada, como por lá dizem. — Olhando-a — nós, então, orçavamos pelos vinte anos — ficava uma pessoa presa áquela conjunto de perfeições sem saber o que fizesse á sua vida...

Pois essa beleza perdia cincuenta por cento de valor em abrindo a boca e deixando sair as palavras - : *cantava-as* no sotaque aldeão pronunciadíssimo, fazendo terminar grande parte delas em *ito* ou *inbo*.

Todos em casa se riam da rapariga achando-lhe graça pela ingenuidade no dizer, menos a patrôa, que um dia, ardendo d'impaciencia, lhe diz, nervosa:

- Olha lá, oh! Rapariga, vê se falas d'outra forma! Não dizes palavra nenhuma que não seja em *inbo*! Tudo é pequenino para ti! Já não te posso ouvir! Não quero cá mais *inbos*, ouviste?!

- Ouvi, sim minha senhora.

Passam-se dias.

Vem a rapariga falar com a patrôa e diz-lhe:

- Minha senhora, faça *favori* de me *dari* a chave da dispensa para lá ir *buscar* o toiço para *deitar* na panela dos *homes* da *aceifa*.

- O que dizes tu, rapariga! O que vás tu buscar á dispensa?

- O toiço.

- O toiço?! Estás doida, ou parva?!

- Então a senhora não disse que não queria cá coisas em *inbo*?

- Ah! Sempre é muito esperta! Toucinho é o que queres?

- Sim, minha senhora, o toi... toi... toiço.

Capítulo II *O Ti'Cola*

Alto, espadaúdo, direito como um fuso, aceadíssimo no seu fato de soriâo preto, seu chapéu braguêz de largas abas assombreando-lhe as feições grossas no rosto cuidadosamente barbeado, olhos de d'olhar franco e leal – desses que olham a direito – quem o não coheceu há trinta anos e o não estimou vendo-o, já velhote, caminhar nas ruas de Messejana, manejando um pequeno cajado, dizendo “*dixotes*” às raparigas, fazendo festas ás crianças, na sua voz mansa, e pitoresca pela leve gaguez?...

- Eh Ti'Cola?...

- Olá, moça! Estás um peixão!... Ando a arranjar-te noivo, que não te traz menos de dez contos de reis! Já o mandei vir da Lourinhã. Eh! Maria? Torna cuidado co'ó teu marido que ainda agora estava a render *lonas* á velha Carola. Eh! Antoino! 'stás cada vez mais madraço, ladrão!

- Diz bem Ti'Cola, vocemecê 'stá sempre alegre! Deus lhe dê saúde.

E todos riam e todos o olhavam com simpatia.

Valente como poucos, nunca soube o que era medo, jamais teve hesitação em tirar desfôrço quando o provocavam, nunca deixou de proteger fosse quem fosse se do seu braço forte, ou da sua magra bolsa, carecesse.

Fôra soldado, e quando, ahi por 1837 e 1838, “os guerrilhas” intentaram entrar em Messejana, o Cola salientara-se na defesa da vila, repelindo-os.

Contava-nos ele, num daqueles interessantes cavacos que connosco entretinha á lareira da nossa casa, onde míticos anos serviu

como “chaveiro” d’absoluta confiança, acompanhando meu Pae sempre nas, então, perigosas viagens a Lisboa, o que nele tinha um serviçal amigo pronto, se preciso fosse, a defendê-lo até á morte, a seguinte história – uma das muitas com que alimentava a curiosidade dos meus despreocupados dez anos:

- Não vê, o menino, que “os garrilhas” andaram uns poucos de dia ahi de roda da vila a ver se conseguiam entrar cá sendo repelidos pela Guarda Nacional de que eu fazia parte. A Câmara determinara por proposta do nosso tenente José Gonçalves de Sá – o velhote que está ainda vivo e rijo como um pêro apezar dos seus setenta e tantos anos e que é tabelião¹ como o menino sabe – que se fortificasse o Castelo para defender a vila dos ataques dos guerrilhas². Deitaram-se ainda uns rebôcos, abriram-se seteiras e cobriu-se de telha, servindo, porém, de pouco taes obras, pois se não obrigassem os moradores a murar os quintaes que deitavam para o campo e as embocaduras das ruas que davam saída e entrada para a terra serem tapadas á custa da Câmara, os ladrões dos guerrilhas sempre cá tinham entrado pela certa e saqueado a vila.¹¹

- O quê? Roubado?!

- Então qué duvida?... Não deixavam prego em parede, os marôtos! Era má gente! Uma peste! Mas apezar d’andarem ahi á roda

¹ José Gonçalves de Sá foi por largos anos tabelião em Messejana morrendo de edade avançada e deixando numerosa prole. Dizia ele *que não dava notícia* de ter estado alguma vez doente e foi tão feliz, digo eu, que morreu aos 86 anos dumha apoplexia fulminantel Bebia café todo o dia, rindo, trocistamente, quando lhe diziam que essa bebida fazia mal e tirava o sono...

² Sessão da Câmara Municipal de Messejana de 23 de Julho de 1837. Na sessão de 26-9-1837 foi feita uma exposição sobre movimento de tropas e reccios dos ataques a esta vila e concelhos limítrofes e da audácia dos guerrilhas.

¹¹ *Sessão da mesma Câmara em 13 – X – 1838*: Foi determinado nesta sessão que “em vista das tentativas dos guerrilhas penetrarem nesta vila nas noites de 2 e 5 do corrente com o fim de roubarem e matarem, tendo sido repelidos valentemente pela Guarda Nacional, empregados públicos e mais cidadãos, todas as pessoas que tivessem cercas ou quintaes contíguos da vila fossem obrigadas a murá-las no mais curto prazo de tempo sob pena de 4000 reis de multa e a obra á sua custa por meio d’arrematação”. Os corpos de segurança pública, que tenham o nome de Guarda Nacional, haviam sido ordenados por decreto de 29 de Março de 1834.

uns poucos de dias e de fazerem para cá o seu tírito, não prantaram cá pés, porque as nossas espingardas e clavinas os enxotavam p'r'o largo, como cães!

Dum, porém, dei eu a notícia de ter entrado na vila, mas também ter saído á pressa...

- Então como foi, Cola?

- Ora, ora como foi... como foi... isto já se passou há tanto tempo... eu não gosto de falar nessas coisas!

- Diga lá! Diga!...

- Eu andava esse dia de serviço. Ia passando, ali na rua do Pancias, quando, na venda da Canoxa, *lombrigo* - era já assim ao lusco fusco - um homem alto, com um chapeirão, e um lenço d' Alcobaça á roda do pescoço que lhe tapava quasi metade da cara. “Deu-me que fazer” aquele figurão... Quem seria? Alguém d'Aljustrel que viesse consultar o doutor Correia Beles¹, que nesse tempo era o melhor facultativo destes sítios? Quem diacho seria?... E fui andando e magicando...

Nisto o homem sae e dá de caras comigo... Quem diacho é?... Eu já vi esta cara... mas aonde?... E o homem a estugar o passo em direcção ao Terreiro do Ivo Lopes... De repente aclareia-se-me a idéa!

Ah! Agora, agora! Já sei! É o Faustino, de Garvão! - Um terrível miguelista, que eu vira no combate, naquela vila, entre as nossas tropas, que eu vira no combate, naquela vila, entre as nossas tropas, em que eu estava, e as de D. Miguel - naquela manhã memorável em que houve momentos de tanta névoa, sendo a cerração de maneira tal que andávamos todos baralhados não se conhecendo, como se costuma dizer, pae por filho, nem filho por pae, nem se sabendo quem era amigo, ou inimigo!... Pois aquele desalmado, que ia ali, agora, adiante de mim, era um dos miguelistas que, antes da cerração ser maior, mais sangue haviam feito nos nossos e até me atirara - o ladrão! - uma catanada que me racharia a cabeça de meio a

¹ Médico em Cezimbra, muito considerado e morreu d'idade avançada.

meio se não fosse o meu cavalo ter-se empinado com medo e a apanhou de raspão!

E ia ali esse tratante!... Vou-me a ele!... Ah! Ladrão, que m'as pagas todas juntas agora! – e desatei a correr a traz dele, que fugia que nem uma lebre, mas que ao voltar a esquina e um pouco encoberto com ela, parou, por momentos, mandando-me dois tiros de pistola, zunindo-me as balas aos ouvidos, mas não me estorvando dir na saga dele, apanhando-o quando ia a saltar a parede do quintal do João dos Marmelos – sabe aonde é?

- Sei, sei...

- Pois ia ele a saltar, e já a desandar para o outro lado, quando lhe joguei um golpe de espada, que o apanhou em cheio... mesmo pela cabeça!

E o Cola calou-se...

- E depois, depois?...

- Depois... não sei lá o que se passou do outro lado da parede... eu vim-me embora, que os colegas do homem, era natural que andassem por ali perto a rondar – e eles traziam escopêta e eu não. – Foi há tantos anos!...

Dizia-me mais o Cola:

- Veja vocemecê lá, menino, se eu havia, ou não, de ter asco aquela canalha dos guerrilhas: Em 23 d'Outubro (o Cola foi sempre forte em datas) de 1838 foram sepultados, ali, na egreja matriz, o prior António dos Santos Nogueira e Manoel Marques Ramalho que eles mataram barbaramente na volta da feira de Castro, no caminho de Cazevel, aonde chamam “a Cruz dos Mementos”. Ainda quiseram atribuir essas mortes ao Remechido, mas isso não era assim, pois esse guerrilheiro, que era – e verdade manda Deus que as diga um homem valente ás direitas, fora justiçado em Faro em 2 d'Agosto desse ano.

- Oh! Cola diga-me cá: e “os Baiôas”¹ também eram miguelistas?

- Se eram miguelistas, ‘stá bom! Da gêmea! Olhe, o José Gonçalves, tabelião, deve o estar ainda ahi com vida a um acaso: O João da Baiôa, andava uma tarde, ali quasi ao acender das candeias, “o Careca” – sabe que o José Gonçalves tem tantos cabelos na cabeça como um cão tem na língua?

- Não sabia, ele anda sempre de chapéu e de barretinho...

- Pois fique sabendo... Andava, pois “o Careca” passeando na Praça com o Veloso pae, quando o João da Baiôa desembocando ali, na *Travessa do Caruncho*, deu com a vista nele. Tirou a clavina debaixo da capa, meteu-se á cara, e “o Careca” era duma vez uma careca se não fosse um amigo que vinha com o Baiôa e lhe desviou a apontaria, indo o tiro bater na parede do José Dias. Eram levados do diabo os Baiôas, o mais rijo e o mais importante era o João².

Na minha ancia de saber das coisas d’aqueles agitados tempos, a minha imaginação de criança revestia de grande soma de maravilha, eu não deixava descansar o ti’Cola...

- E, oh! Cola, você conheceu o Galamba? Perguntava eu, sorrateiro, sabendo que a resposta seria afirmativa, visto que, por muitas vezes ouvira o velhote falar do famôso “boticário-guerreiro” António Manoel Soares Galamba.

¹ José Joaquim de Sousa Reis – O Remechido – era como os Baiôas, miguelista, sendo a fama dele e destes de tal força no Alemtejo e Algarve os liberaes – “malhados” – cantavam:

“O João da Baiôa
Mal – o Remechido
Já estão no inferno
De beijo caído”

O que pode a precisão da rima...

² No muzeu de Beja acha-se depositada a espada que pertenceu ao Francisco Baiôa. O apelido deles era Monteiro, vindo-lhes a alcunha do monte onde moravam – a Baiôa – perto d’Ervidel.

- Então não conheci! Foi um dos patuleias mais valentes. Olhe no Alto do Vizo² ali p'r'os lados de Setúbal, vi-o eu fazer coisas do Arco da Velha – parecia o diabo solto nas tropas da Junta do Porto, comandadas pelo Sá da Bandeira, foi ele quem matou o tenente coronel Castelo Branco¹: vendo cair ao seu lado, varado de balas, o tenente Pancada partiu como um damnado contra o Castelo Branco e *empadeirou-o* num ápice. Era um diabo esturrado, mas muito valente e que tinha muita importância: ainda *m'alembro* dele vir pedir votos a Messejana, mas não sei se saiu ou não deputado. Afinal foi morto por um sapateiro, que ainda é vivo e que eu conheço muito bem, por ter caçado já mais d'uma vez com ele e que se charma Nogueira e que aonde põe o olho põe uma bala. Foi ás claras do dia que ele o matou, na Praça da Vidigueira em 1855 – “no ano do feno”.

- Oh! Cola o que quer dizer o ano do feno?

- O que quer dizer está bôa!... quer dizer, nem mais nem menos, que nesse ano choveu tanto, ou tão pouco, que até os cães podiam beber de pé; os campos cobriram-se todos d'ervançum que “mamou” os trigos e toda a seara – foi um ano desgraçado de fome!

- Mas diga, lá, Cola, porque é que o Sapateiro matou o Galamba?

- Dizem, que eu não sei, é que se o Nogueira não o mata, o Galamba o matava.

- Coitado do Galamba!

² O combate do Alto do Vizo teve lugar no primeiro de Maio de 1847, sendo as tropas de D. Maria 2^a comandadas pelo Conde de Vimioso e as contrárias pelo Sá da Bandeira.

¹ Este Castelo Branco prestava valiosos serviços a D. Pedro 4º. Foi ferido gravemente na batalha de 29 de Setembro de 1832 nas linhas do Porto, sendo tenente, e agraciado com a Torre e Espada. Era muito popular no Campo d'Ourique, principalmente em Messejana onde vinha muitas vezes, passando ahi temporadas na casa do Morgado José Joaquim Moreira Brito Velho e Costa.

- Naquele tempo matava-se um homem como quem mata um coelho?² Um outro valente muito falado, cá no Alemtejo, por esse tempo foi “O Capitão Eduardo” d’Odemira¹ não ouviu falar?

- Ouvi, ouvi, já o meu pae falar nele, era um homem que gostava muito de bater, diz a Comadre Joana que ele era muito mau.

- Mau, mau, não era, não senhor, o que era, e que ele foi sempre, foi um homem muitíssimo valente, um militar rijo como poucos tenho conhecido e tão estimado foi que se contavam ás dúzias os afilhados de baptismo e de casamento que tinha em Odemira e pelas redondêsas do Campo d’Ourique, pondo a todos os afilhados de baptismo o nome d’Eduardo: - por todas essas vilas e aldeias quando oíça dar esse nome a alguém, pode apostar que esse homem é afilhado dele.

² Falando do Galamba diz-nos Pinheiro Chagas: - “Fôra boticário em 1833, serviu no exército liberal como voluntário e ficara com a graduação d’alferes. Diziam-no o homem sem escrúpulos e acusaram-n’o de crimes; não sabemos se era ou não fundada a acusação. O que sabemos é que em 1846 foi um dos chefes mais decididos das forças progressistas no Alemtejo e militou ao lado de José Estêvão, do conde de Melo, de Cesar de Vasconcelos. Recolheu-se á vida privada quando terminou a insurreição, e em 1855 foi assassinado por um sapateiro que ele ameaçara de morte e que se lhe antecipou.”

O jornal a *Revolução de Setembro* de 1 de Março de 1849 traz um estirado artigo sobre “o patriota Galamba”. Esse artigo é dirigido ao presidente então do ministério o marechal Saldanha, increpando-o por não obstar a perseguição feita aquele soldado valente e cidadão valoroso, a quem a rainha condecorou com a patente de major do exército por serviços destintos á liberdade do paiz e ao trono constitucional”

Entre as muitas perseguições que o dito arrasoado aponta e vem esta:” Saberá V.Ex^a (dirigindo-se ao marechal) que no dia 1 de Setembro pretérito foi uma corja de assassinos esperar o Snr. Galamba para o matarem na sua barca do Guadiana e que não indo ele como era costume, mataram o barqueiro a tiros e o filho deste que lhe ia fugindo o degolaram a meia légua de distância do cadáver do pae?

Não sabe que outro criado fora espancado sem que os suspiros e rogos da infeliz consorte que o acompanhava, podessem suspender a raiva dos assassinos? Não sabe que mais tarde mataram um sobrinho do Snr. Galamba?”

¹ Eduardo Eloy de Brito Carvalho, com bastante importância política no Campo d’Ourique, muito amigo e dedicado dos irmãos Cabraes, desempenhando por diversas vezes o cargo d’administrador do concelho, sendo-o em Messejana quando esse foi extinto, em 1855.

- E morreu há muito tempo, Cola?

- Não senhor, haverá por ahi uns oito anos. Está a lembrar-me uma partida que lhe sucedeu e que não deixa de ter a sua *peleria*...

- Como foi?

- Ia o capitão Eduardo com um grupo d'amigos – ele andava sempre muito acompanhado e divertido – na feira de Castro; tinham acabado de almoçar “e bebido-lhe bem” – o Capitão de vez em quando “chupava-lhe” menos mal, ao passarem pelo arraial dos bois ele, que ia á frente do grupo, meteu a ponta do cacete numa benica de rez e levantando-o, chegou-a ao nariz de um maioral, que estava encostado ao cajado, olhando distraidamente o gado, e diz-lhe:

- Ao que te cheira?

- E esta ao que sabe? Replica imediatamente o zagal, mandando uma cajadada á cabeça do Capitão; da larga ferida começou o sangue a brotar...

Correram prontos os amigos, uns a socorrê-lo, outros a tosar o homem, rijamente.

- Alto! Alto! Não quero que façam mal ao maioral, grita o capitão, safando-se das mãos dos amigos, com a cara a sangrar, - deixem-no que é um homem valente e que sabe desafrontar-se quando o ofendem! Assim é que eu gosto deles! Tragam-m'o cá... Como te chamas?

- *António Camisas!*

- E sabes quem eu sou?...

- Sim, senhor: é o seu Capitão Eduardo, mas lá por isso não deixa de ser um *home* como eu sou e se alguém lhe fizesse o mesmo que me fez a mim...

- Matava-o!

- Então, já vê...

- És um valente, dá cá a tua mão e amanhã vae á Torre Vã, que te quero para meu serviço – e o capitão deitou na mão do maioral uma peça d'ouro e nunca mais deixou de o proteger.

- E a dizerem que ele era mau!

- Qual mau; valente, valente! E olhe que nesse tempo havia cá em Messejana dois grupos, que logo que sucedia ocasião era pancadaria um no outro por uma pá velha; mas com o capitão e comigo, em boa hora o diga, nunca se intrometiam e nós lá os deixávamos a amolgarem as costelas uns aos outros...

- Quem eram, Cola, como era isso?

- Eu lheuento: Havia dois partidos que tinham alcunhas – um de “Os Gravatinhas” – gente fina, de mais representação, empregados públicos, alguns rapazes que andavam nos estudos e que, já se vê, todos eles uzavam gravata – objecto que, nessa época, homem nenhum grosseiro se atreveria a prantar, não era como hoje em dia, que não há ahi cão, nem gato, que não até ao pescoço a sua coleira, sendo por isso que lhe davam aquele nome. O outro grupo era conhecido pelos “Garrocheiros” e andava sempre armado de bordão.¹

Era, então, costume trazer debaixo da capa...

- Oh! Cola, então os homens uzavam capa?

- Já se vê que sim: umas capas sem cabeção, muito redondas e a que chamavam “á franceza”; ainda tive uma que me deu “o Patrão”.

- Ah! Isso sim. Tem graça!

- Mas diziz eu que se trazia debaixo da capa uma folha de espada, sempre pronta a *pranchar*, ou a acutilar “Os Garrocheiros” que se defendiam valentemente á cacetada. Havia ás vezes guerreias muito sérias e nem sempre “Os Gravatinhas” levavam a melhor; mas como andavam mais bem armados do que aqueles, *molhavam mais a sopa*.

Havia um *garrocheiro* de quem eu fui amigo – olhe, por sinal, era pae do nosso almocreve Joaquim Raimundo e chamava-se Pedro Raimundo e que era um bom homem, valente como poucos tenho conhecido. Sendo amigo do seu amigo, era capaz de dar por ele a vida, até á última pinga de sangue; mas se o ofendiam, ai pae da vida! Era como um toiro na praça.

¹ Naturalmente d’arrôcho que naquela região dizem garrocho (pau, cacete)

- Então o que fazia ele, Cola?

- O que fazia ele?... Oiça lá esta, por exemplo: Deixe-me dizer-lhe primeiro que era costume nesse tempo andarem os homens valentões a desafiarem-se, dumas terras para as outras, a mdeir forças, a ver quem melhor as dava. Eu nuca pude levar tal á paciênciá.

Veiu de propósito a Messejana certo valentão d'Alcacer, para conhecer o Pedro Raimundo, de quem ouvira contar grandes "africanas" e mal o encontro atira-lhe de chofre:

- Então vocemecê é que é o tal Pedro que seja tarde ou cêdo mete mêsdo a toda a gente?... Ora toque nestes ossos e ganhará dois tramoços.

O Raimundo olhou p'ra ele e diz-lhe, assim todo bonacheirão:

- Oh! Homem, eu não n'o conheço, nunca o vi mais gôrdo, váse embora que eu tenho mais que fazer...

- Toque! Já disse, senão...

- O quê?! Senão?! Oh! Raio, então lá vae, quem assim o quer, assim o tenha! Diz o Pedro apertando a mão que lhe estendiam, mas apertou-a de tal maneira que o d'Alcacer, que era um negralhão como umas casas e um pimpão de fama em toda a Ribeira do Sado, ficou aleijado para o resto da vida!

- Oh! Co'os diabos, Cola!

- Foi assim mesmo. O Pedro tinha tanta força que ainda hoje se fala nele, dizendo-se quando se pretende levantar grande peso: - Isto só com a força do Pedro Raimundo. Vi-o mais duma vez prantarem-lhe ás costas três sacos de trigo e leva-los da eira até casa. Era um bruto de força, mas bom homem, bom homem!

Houve também nesse tempo um diabo muito rijo, que não tinha mêsdo de nada e era cego, mas tinha um ouvido tão fino, que quasi sempre saía bem das muitas desordens em que entrava e cacetada jogada por ele, raro seria errar o alvo! Chegavam a ir grupos á porta desafia-lo! Saltava como um leão, dava pulos enormes, varrendo com o sarilho do seu cacete a rua a um lado e outro pondo tudo ao largo. Era *danado* e mau.

Duma ocasião veiu visitá-lo certo valentão dos lados de Trigaches, e beberricando iam conversando.

- É uma coisa que eu não posso compreender é que vocemecê sendo um homem cego meta medo á gente desta terra, que fala de si como se fosse Samsão! Bem se vê que são uns sanfonas os homens cá do sítio. O que é que vocemecê lhe faz é que eu não sei?! Um cego!

- Faço-lhes isto! E dando um salto enorme o cego agarra, nos seus braços de ferro, o de Trigaches, que não mais dele poude desenvincilhar-se e pegando-lhe quasi em peso, arrastando-o sem o molestar grandemente encaminha-se para a cavalaria. Ali diz-lhe:

- Deixe estar seu maroto que não serei eu quem vae castigar o seu atrevimento, não estou p'ra ter esse trabalho.

E acabando de dizer isso atira o pobre homem com toda a força para detraz duma mula maliciosíssima, que recebeu o desgraçado com uma data de coices, deixando-o em mizerio estado.

- Ai que mau, mesmo sendo cego; que faria se visse!

- Diz bem, era um veneno o raio do Cego.

- Oh! Cola conte lá como foi aquela história de D. Miguel – esse também era valente?

- Ah! Isso era, a verdade manda Deus que se diga ainda que seja contra nós: apezar d'eu não *ir á bola* com ele, nem com a cambada que o seguia, era tão rijo que, dizia-me o Zé Silvestre, que foi seu soldado, que os ofícios e as praças se viam gregos *a bater sela* atrás dele de Cintra a Lisbôa, com o cavalo sempre a trote largo e com um bordão debaixo dos assentos; e nas toiradas era destemido, pegando nos toiros, como o mais pinchado.

- Você viu-o alguma vez, Cola?

- Então não vi?! Fiz parte da escolta que o acompanhou ao embarque em Sines. Era uma perfeita figura de homem com uns olhos grandes, negros, vivos que até faziam impressão.

Dizia o Zé Silvestre, que estava em Lisbôa, quando ele desembarcou em Belém para vir ser rei, em logar do senhor D. Pedro 4º que o povo entusiasmado com a sua bela figura, cantava:

*D. Miguel chegou á barra
Já lá estava o seu carrinho
Para o levar a palácio
Descançar um bocadinho.*

Rei chegou!

Rei chegou!

Em Belém

Desembarcou.

D. Miguel

Lindo ramalhete,

Ele já é rei,

Já não é cadete.

- Que engraçado... Mas como foi isso de Sines, Cola?

- Não vê que eu fazia parte da escolta e acompanhei-o desde Alvalade, onde ele dormiu em casa do José da Lança, deixando até lá por sinal, e dizem que como prenda de recordação, um belo e rico punhal, que ainda hoje aquele sujeito, que vocemecê conhece muito bem, conserva em grande estimação, até Sines.

- Mas porque é que ele ia embarcar ahi?

- Ora essa! Porque as suas tropas tinham apanhado tapôna por uma pá velha, dada pelas nossas tropas liberais no combate da Asseiceira, combinando-se pela convenção d'Evora Monte que D. Miguel sairia para sempre do reino, indo lá para fóra, entregando tudo de que se tinha apoderado e ficando com uma pensão de sessenta contos por ano, com a obrigação de nunca querer ser rei de Portugal. Dizem que d'haia pouco ele roeu a corda, publicando uma proclamação em que dizia querer ser rei.

- Mas foi já no estrangeiro, não foi, Cola?

- Pois já se vê que sim, porque ele, depois que embarcou em Sines nunca mais cá “prantou” os pés, e se os “prantasse” adeus oh! Ana! E que ahi iria – era um tambor numa festa... Mas, como eu ia dizendo, eu fazia parte do esquadrão de lanceiros “malhados” que o

levava debaixo de prisão. Iam com ele alguns dos seus soldados desarmados: eram dos mais velhos, dos mais amigos, alguns até choravam. No caminho, e já nas ruas de Sines, tivemos um trabalhão para o livrar das unhas do povo – até lhe atiravam pedras! – ainda me apanhou uma num ombro, que, por um pouco, me não deita abaiixo do cavalo. Se não fosse o oficial Simão Infante de Lacerda e o guerrilha Batalha e alguns de nós, que fizemos frente ao povo, eu não sei como a coisa seria – o tal senhor D. Miguel teria visto uma bruxa. Emfim, o homem lá embarcou no navio inglez que o esperava na bahia e ficámos livres dele por muitos anos e bons.

E, agora, basta de conversas, que tenho de ir pôr umas coisas em ordem para levar á feira de Beja, aonde vamos eu *mal-o* o feitor comprar bois p'rá lavoira do Reguengo Grande.

- Oh! Cola, é bonita a feira?

- A feira d'Agosto?¹ – Isso é que ela é! É a principal cá do Alemtejo Baixo. Se o menino visse: mete mais gente que a feira de Castro, essa já vocemecê viu o ano passado.

- E é verdade, fartei-me de comer castanhas assadas e batata doce. Não estava lá a minha mãe, se estivesse não me deixava comer tanto. E não me fez mal, veja lá, Cola!

- Pois a feira d'Agosto mete muito mais gentio e é muito mais bonita; á noite as barracas todas abertas, muitíssimas luzes, teatros com palhaços, cavalinhos a fazerem partes, um burro a dar tiros...

- O quê? Um burro aos tiros?!... Eh! Eh!...

¹ A feira de Beja, chamada d'Agosto, data do tempo de D. Manoel 1º. Em 1642 por pedido dos procuradores de Beja, que foram ás côrtes celebradas em Lisboa, o rei D. João 4º acedeu á seguinte pretensão: Que a Feira de Beja se dividisse em duas épocas: a 1ª desde 20 até 28 de Março e de 9 a 16 d'Agosto – ambas com eguaes garantias concedidas por D. Manoel. Passados anos e havendo novas côrtes no mesmo reinado, os procuradores de Beja requereram que a 1ª feira, por causa de coincidir ás vezes com a Semana Santa fosse transferida, pois trazia “*grande indecência áquele santo tempo e funções que nele a igreja celebrava*”

D. João por alvará ordenou que essa feira passasse para os dias de 17 a 25 de Abril. Alguns anos assim se conservou. Depois fixou-se de 9 a 16 de Agosto. Actualmente há também em Beja um mercado mensal abundante de todos os gados e na época da engorda muitos mercados de gado suíno.

- Sim, senhor, não vê que punham uma armânhā d'aonde estava dependurado um pedaço de pão, doutro lado a corda prendia ao gatilho duma pistola, o burro empinava-se, puxava pelo pão para o corner e o fio puchava pelo gatilho da arma, depois pum!

- Ah! Isso sim, agora entendo! É boa!

- Mas dizia eu que a feira mete muita fruta, muita melancia, muita pêra, as lojas cheinhas de coisas bonitas, até bem parece Lisbôa...

- Então você já esteve em Lisbôa muita vez, Cola? — perguntava eu, malicioso, esperando já, como costume, a narração circunstanciada de muitas peripécias das viagens que o velho e dedicado servo fizera pelo paiz fóra a quando da guerra e que tão pitoresca e interessantememte narrava, bebendo-lhe eu as palavras. Tinha ele sido muitos anos soldado, passara a mocidade no quartel entrara nas campanhas de 33 e 46...

- Sempre pela liberdade, que está acima de tudo! Como ele dizia convictamente, batendo no peito amplo d'atleta.

- Nunca fôra nada com frades, nem com padres, que eram gente de D. Miguel. Não sabe que nós, naquele tempo, cantávamos por essas ruas e nas casernas a seguinte cantiga?

“Se vires homens com saias

“A cintura um cordão

“Foge deles que não querem

“Liberal Constituição”

Pois olhe que, apesar disso tudo, aqui onde me vê, salvei um padre da morte!...

- Ó Cola, conte lá, como foi isso?...

- Foi lá para os lados d'Almôster, ao pé do Cartaxo, onde ha muito bom vinho. Nós, os malhados, como nos chamava a corja dos miguelistas, apelidando-se nós dos *burros*, tínhamos lhes chegado um calor e íamos lhes na saga...

- O que é ir na saga? — perguntava eu com os olhos muito abertos, interessado deveras na narrativa.

- *Iamos*-os seguindo de perto, quasi pilha, não pilha... O nosso alferes – parece-me que o estou vendo, era um belo moço, desempenado, alto, forte como um chaparro, valente como as armas – dera ordem para revistarmos as casas duma aldeia da *onde* o inimigo nos tinha feito fogo e que nós tomáramos numa carga de baioneta, a ver se lá encontrávamos de comér e... miguelistas, recomendando-nos que se achássemos o padre lhe cortássemos as orelhas, pois era um tratante, que já tinha morto uns poucos de “malhados”.

De baioneta armada e armas carregadas começamos a “festa”.

Nas casas só havia velhos e crianças, tendo-se o resto da povoação safado p’ró campo. Num dos melhores prédios d’aldeia, encontramos comer á farta, rico presunto e linguiças tão vermelhinhos que era um gosto ver e que nos souberam a miolo de queijada.

- Ai, que bom, dizia eu, entusiasmado, e como se tomasse também parte do festim...

- Ao passarmos revista á adega, onde havia um vinho que era da gente beber e gritar por mais, ao levantar o tampo duma talha vazia, dessas grandes, de barro, que levam três pipas de vinho, o que hei de eu ver?... O que hei de eu ver, meu rico menino?...

- O que foi Cola, o que foi? Gritava eu com os cabelos em pé, todos os meus sentidos vibrando, concentrados na discrição.

- O padre!... O padre! Via-lhe a cabeça, a coroa... ajoelhado e de mãos postas! Deu-me uma coisa cá por dentro... tive dó do pobre homem... e... tapei a talha sem dizer nada aos meus companheiros, que bebericando, como uns damnados, já “pingados” diziam uns para os outros:

- Oh! Rapazes, se nós agora apanhássemos aqui “o padreca” da aldeia, fazíamo-lo dançar o fandango em cima das baionetas!

É quando o Cola contava com as suas façanhas de caça?... A família toda, á lareira, ouvia-o num embevecimento... É que o Cola era

um narrador exímio... prendia, sugestionava com a sua palavra cheia de termos pitorescos, mas precisos, entusiasmando-se como se ainda estivesse assistindo ao facto que descrevia.

Duma vez, á espera dos coelhos, ia o *sol já caindo para a cama*, vira pela frente um lobo de dentuça arreganhada, pelo arripiado, “batendo matraca”. Não se assustara... arma á cara e desfechou, mas... “carépe” a escorva não estalara, o tiro não partira... O lobo agachou-se, olhando-o avidamente, como que preparando-se para lhe jogar o salto... Ele não se atrapalhou, rapidamente meteu amão á algibeira, tirou outro fulminante, pô-lo no pipo e truz! Era duma vez um lobo, que por sinal era uma lôba, que tinha oito lobinhos na barriga, e cuja pele lhe rendera, nos peditórios pelos montes, mais de quatro moios de trigo, com o produto dos quaes comprara uma espingarda, um fato de tripé e uma jaqueta ao irmão Joaquim.

Efectivamente o Francisco Cola era um bom atirador e ainda o vi, quando eu já homem, caçava, “Bigodear”, apesar dos seus setenta anos, bem puchados, “espingardas” novas e de fama.

Uma outra “africa” que contava “das suas rapaziadas”: vinha da caça com mais alguns amigos quando ao chegar perto da vila adiante, uns trinta passos deles, seguia um grupo de raparigas vindas da fonte com as “quartas”¹ á cabeça.

- Vocês querem ver o susto que eu vou meter á Anica (era a sua namorada d’então) e pondo a arma á cara desfechou! A bilha não se deslocara, mas ficara num crivo, começando a água a repuchar e a molhar a rapariga, que só por esse facto “deu pela coisa”.

- Mas podia “variar” o chumbo! – diziam.

- Qual “variar”, nem qual varapuça! Eu nem sabia que dava na quarta do meio para cima, conhecia a minha espingarda, melhor do que conheço a você! Respondeu o Cola abespinhado e num tom de voz, que não admitia contestação.

¹ Bilhas de barro para água, indústria da vila de Beringel, e que levam entre dez e doze litros – são elegantíssimas dum aza e, que por serem muito porosas, fazem a água fresquissima. As mais pequenas teem o nome de infusas.

Caiu de cama, muito mal, com uma nefrite.

- O que tem, Cola?

- Uma esquisitice. Isto passa, não se apoquente, menino, que ainda não vou desta.

- Vem ahi o médico para o tratar...

- P'ra quê? Eu não tomo remédios, drogas nunca entraram, nem entram cá no meu *interior*.

E assim foi. Morreu, podendo, talvez, ainda durar mais algum tempo.

Quando percebeu que iam findar os seus dias, apertando e beijando-me a mão, disse-me:

- Isto está pronto!...

E eu a insistir para ele tomar os remédios...

- P'ra quê? Já cá não faço nada. Olhe, menino, deixo-lhe o “Ruço” mande tratar bem dele, era as minhas pernas.

E inclinando a cabeça, ficou quieto, sem uma contracção.

Foi o primeiro grande desgosto da minha vida.

Veiu para a nossa casa o “Ruço”.

Quando na povoação o viam passar espertito, lusidio, gôrdo, bem tratado; no chouto ligeirinho e miúdo a caminho do pôço com os dois cântaros de cobre areados pendentes e “o moço da agua” escarranchados na albarda nova d’atafaes amarelos, ouvia-se dizer das portas e das encruzilhadas das ruas, num tom de simpatia, de familiaridade:

- Lá vae o burrinho, que era do Ti’Cola... Aquilo é que é “uma verga”!

- Duro e rijo com’o ferro!

- Assim foi sempre o dôno!

Capítulo III Superstições

- Quando cae no chão um morrão de candieiro, ou de candeia, e fica aceso em chama, não se deve apagar, porque está alumando os mortos.

- Quando as pombas abandonam uma casa sucede desgraça á fam'lia dessa, havendo o dito: *Casa de pombo, casa de tombo.*

- Bonecos de gesso em casa, trazem desgraça.

- Quando morre alguém, não se deve fazer uso da água que está em casa, porque a alma do falecido, antes de partir para a eternidade, se foi lavar nela. Em Beja chamam logo o aguadeiro.

- Junto do defunto é costume colocarem, além das velas de cera, um candieiro de latão, acésas as quatro bicas, porque, dizem, só a luz do azeite é que alumia a alma até o logar para onde ela vae.

- Quando se acaba d'amassar o pão deve-se logo fazer-lhe uma cruz para levedar mais depressa.

Ao fazer-lhe a cruz, exclama quem o amassou, a meia voz:

*“Deus te acrescente
E as almas do ceo para sempre
E assim como a virgem pura
Assim Deus me acrescente
Esta minha amassadura.
Amen.”*

- Também para a levedura não demorar é bom cobrir o alguidar com umas calças de homem.

- Com o chapéu dum *mascato* (homem atraíçoadado pela mulher) se se cobrir a *galinha deitada*, todos os ovos darão pintos.

- Não se devem matar porcos no interlúdio e no minguante, porque a carne deminuirá na panela, ou na frigideira.

- Deve se casar á quinta feira, porque é de bom augúrio.

- Quem quiser ter sorte na loteria deve arranjar um lagarto de dois rabos, metê-lo em caixote cheio de cinza peneirada, deixa-lo ficar ahi durante a noite, tira-lo de manhã com muito cuidado para não desmanchar o número que ele tiver feito na cinza com as caudas, número que se deve adquirir na loteria e *com certeza* nele sairá a sorte grande.

- Para ter sorte ao jogo, sorte maior será matar uma bicha (víbora) na primeira sexta feira de março e trazer a cabeça dela consigo.

- Quem trouxer um ossinho de sapo, pode considerar-se grande conquistador, pois se com ele tocar o fato duma rapariga, esta não lhe resistirá aos galanteios.

- Quando os porcos e bois teem praga (bichos pastos pelas varejas) bom é fazer uma cruz no sítio d'aonde o animal levantou o pé esquerdo.

- As mulheres quando se penteiam enrolam muito bem os cabellos, que ficaram no pente, e no rolosito formado cospem três vezes, dizendo outras tantas vezes “Jesus!” deitando-o cá para fora – é para “evitar que as bruxas... embruxem o cabelo de cada um”.

- Ao almoço e ao jantar é sempre o chefe da casa quem tira a primeira sôpa, dizendo: “Para Jesus”.

- Quando cae um pedaço de pão no chão, apanham-no rapidamente, beijam-no, tocando com ele as duas faces.

- Quando se perde um objecto e se quer achar, pega-se em dois pausitos, cruzam-se, ligando-os fortemente com um barbante e põe-se o atado a um canto da casa com um pedregulho em cima, isso,

dizem, é suplício que se ministra ao demónio, inutilisando-o, temporariamente, na sua qualidade de macho, apressando-se ele, para se libertar das *talas*, a fazer com que o objecto apareça. Em reconhecimento, a pessoa que o *entalhou* corre a desentalá-lo, isto é, a levantar a pedra e desligar os pausitos.

Para o mesmo fim também usam dumas resas muito complicadas a que chamam encomendar a *morte e a ferro*.

- Apanhar lagarto na primeira sexta feira de Março, metê-lo vivo dentro de uma panela nova de barro com meio quartilho d'azeite, um “*pataçô*” de cicuta, pôr a panela no fôrno bem quente, deixar ferver bastante, depois tirar o lagarto e com o óleo que fica besuntar, com uma pena de galinha, muito bem, a ferida das alpercás (escrofulas).

- Nalgumas povoações do sul do Alemtejo, quando duas mulheres se pegam de rasões uma delas, se lhe faltam os argumentos para deprimir a contraria vae dentro da casa traz um *pot au chambre* com uma vaseira dentro e põe-n'o á porta ou janela e retira-se. É a suprema injúria. A antagonista perde, então, as estribeiras e só se cala quando os sons da garganta já lhe saem rouquejantes.

- Chovendo e fazendo sol gritam os garotos:

“*A chover e a fazer sol*

“*E as bruxas a comer pão mole.*”

- Dar de comer miolos de burro ao namorado, ou ao marido, faz com que ele se conserve fiel.

Para pôr em evidencia o quantp ha de ridículo nesta crendice, corre também entre o povo a seguinte anedota, e que é uma bela azarragada naquela patetice:

Numa terra do Baixo Alemtejo – não vale dizer qual o nome para não ferir susceptibilidades – certa rapariga doidamente apaixonada e receiosa que o namorado a trocasse por outra, a quem ele andava a *deitar lonas* (lôas) encarecendo-lhe a formosura e *rondando-lhe a porta*, consultou a t' Brites bruxa das mais cotadas, que a *sabia toda* e “o que ela não fizesse não fazia ningüém”.

A t*í* Brites, depois de lhe apanhar o que estava estipulado para a consulta, disse “ia dar-lhe uma *reçeta* tão certa como o *sulfate* p’rás sezões: Que fosse ela mais uma amiga, se não tivesse *corage* dir só, á Lagoa dos Cavalos, que lá estava a burra do Manel P’reira e que *havera* morrido *enta* duma *traçã*, que *l’abrissem* a cabeça de meio a meio e *le* tirassem os miolos, fazendo *áli bis co’elas* um bolo muito bem amassado com farinha fina, *azéte*, mel e canela e o desse de comer ao namorado. Podia ter a certeza que nunca mais ele a deixava e que dentro de três ou quatro meses estavam casados,” tão certo como o sol que nos alumêa” veja você lá!

A rapariga contentíssima correu a casa duma amiga, tão esperta como ela, relatou-lhe o caso, e, noite alta, ahi vão as duas abrir os cascós da burra do Manoel Pereira, a qual se em vida foi sempre cabeçuda, em morta provou ás raparigas que a cabeça dum asinino é sempre dura de rôer...

Emfim, depois dum trabalho estenuante, a *autopsia* fez-se e dahi a horas estava pronto e cosido o belo, loiro, odorífero, apetitoso “Capaz de os anjos a comêrem” afiançou a t*í* Brites, ao vê-lo.

Agora estudar a melhor forma de o namorado o ingerir, sem desconfiar da “matrafice”...

- Ah!... ah! Estava achada a maneira: o rapaz, como era domingo, viria, segundo o hábito, conversar com os paes dela e á saída demorar-se-ia em paleio com ela no quintal, junto ao pôço. Seria ali, então, no local do mesmo que colocaria o bolo, já com um pedaço de menos. Dizia, depois, ao rapaz, quando este, naturalmente, lhe perguntasse quem ali o teria deixado: - Olha fui eu, que estava a tirar água quando chegaste e a comer este bolo que está bem bom e m’o deu a ti ‘Inaiça, que “coseu” hoje. Já me tinha esquecido dèle! E *faria a améão*, dir comer, tirando-lhe até um bocado, que rapidamente esconderia debaixo do avental, dizendo ao conversado: Come que está rico! – É claro que ele “caia como um patinho”.

Mas... a mulher propõe e Deus dispõe: tudo tinha ido muito bem até que ela deixou o bolo no bocal do pôço... e bem iria até ao fim se o Ruço – o burrico em que o pae dela carregava o vinho da

Vidigueira para vender nas aldeias, se não se soltasse da cavalariça e fosse levado pela sede até ao bocal do pôço. Ver o bolo, aspirar-lhe o cheiro, estender-lhe a beiçola, triturá-lo na dentuça e fazê-lo desaparecer na enorme goela... foi obra de um momento.

- E... depois? – perguntam á lareira, ou nas fainas do campo, as raparigas, ouvindo a história, contada por alguma velhota, ou manageiro de bom humor.

- Depois?... Depois... o burro, aonde dava *notícia*, da rapariga, nunca mais a deixava, zurrando e deitando-lhe uns olhos que pareciam *talí quali* os duma pessoa. Taes e quaes os que te deita o teu derriço quando te passa á porta, oh! Minha tramela.

- Quaresma começada, ás vezes ainda as *brencadeiras de Antrudo* andam nas ruas, pois algumas povoações do Campo d'Ourique, na quarta feira de Cinza o *Enterro do Entrudo* é pretexto para grandes e pitorescas mascaradas, já a gente moça anda a ajustar-se para as âmendoas a dar no sábado d'aleluia.

Vejamos:

Duas pessoas dão uma á outra os dedos mínimos enlaçando-os, enquanto pronunciam:

*“Contratos, contratos fazêmos,
Sábado d’aleluia os desmancharêmos”*

Desde esse momento em diante, pela Quaresma fora, todos os dias, pela manhã, ao meio dia e á tarde, uma delas – a que primeiro avista a outra – grita-lhe: *Rezel Rezel!*

Chegado o sábado d'aleluia, aquela que primeiro dá essa ordem á outra tem direito a receber dela um pacote d'âmendoas. A ordem não se limita nesse dia como nos outros a dizer *Rezel!* pois é acrescentada com a copolativa – *E ofereçal!* – o que quer dizer que ha d'oferecer os padres nossos, que rezou durante a Quaresma, a bem das almas, que tem no outro mundo.

Esse costume não deixa de ser engraçado e típico, pois quem na época quaresmal fôr a alguma dessas povoações, ha de, amiúde, ouvir gritar de todos os cantos, em tangente meio dia, ou Ave Marias: - *Rezel! Rezel!* Fui eu que mandei primeiro! Não foi, não senhor! Fui eu! Fui eu! Não foi! Fui eu! Fui eu!

Todos querem ser os primeiros a mandar.

Sempre a supremacia em tudo.

- Á meia noite do dia da Senhora das Candeias (2 de Fevereiro) deve-se observar de que quadrante fica o vento “porque se conservará, mais ou menos, desse lado durante quarenta dias.”

Também no Baixo Alemtejo há a crença de que se chove “Pelas Candeias” está passado o Inverno; o contrario se não chover. É verdade que os hespanhóes dizem:

Cuando la candena llora

Está l'invierno fuera

Cuando ella rieí

Está él por venir

Na mesma orden d'ideias dizem os franceses, mas referindo-se ao dia de S. Medard – 8 de Junho –

Quand il pleut á la Saint Medard

Il pleut quarente jours plus tard.

Diz-se no Alemtejo, como, cremos, se diz em todo o Portugal e, naturalmente, nas ilhas adjacentes, que no dia de S. Bartholomeu – 24 de Agosto – *anda o diabo á solta*, querendo afirmar-se que tal dia é fértil em acontecimentos maus, e sobre qualquer precalço que a alguém sucede sempre quem resmungue: “Não admira, hoje é dia de S. Bartolomeu, anda o demo á solta”.

Para exconjurar Satanaz e detê-lo na sua desenfreada carreira por esse mundo fora á rédea solta, profere a seguinte resa a gente do campo:

“*O S. Bartolomeu nos disse*

“*Que dormissemos,*

“E descansássemos
“Que de nada nos importássemos
“Nem da onda
“Nem da má sombra
“Nem do pesadelo em que andassemos
“Porque ele tem a mão furada
“E a unha retuntubada.”

O que quererá dizer retuntunhada?...

Veja se indaga, descobrindo a significação, meu paciente leitor, e digame, depois, se para isso tiver pachorra... Retuntunhada... que palavra tão imbirrativa!

Capítulo IV
Origem Dalguns Anexins Locaes

- *Quem fez a Mónica asca?...*

- *Fômos nós!...*

Os caturras teem, por vezes, idêas levadas da breca... Sou do número; e vae dahi lembrei-me da seguinte esturrice: Deixar neste livrto Capítulo que tratasse de ditos locaes – ditos que por muito repetidos e, portanto, muito escutados “formaram” já no grupo dos anexins, ou dos apropopositos sentenciosos da provincia.

Conheço de muitos deles sua origem, sendo algumas das suas personagens “do meu tempo”.

Eu não sei se o leitor sente, ao notar um desses ditos, próloquios, ou anexins que diariamente os seus ouvidos escutam, ou que os seus lábios amiúde proferem, curiosidade de saber sua origem, d'onde viria, o facto que o ocasionou a ponto de “dar no gôto”, a ponto de “ficar”.

Eu, confesso, sinto imenso; e quando, por exemplo oiço, ou da minha bôca sae a desolada frase *Lá se foi tudo quanto Martha fion!* – fico com profunda mágoa de não saber quem foi essa Martha, onde viveu, se era uma beleza, ou um estafermo como foi que ela deu, ou lhe deram, cabo da maçaroca e o que de tal facto resultou.

E tantos e tantos outros ditos...

Vamos lá, então, a cuidar d'alguns, que vagueiam chocarreiros entre a população do Baixo Alemtejo, devendo muitos o nascimento a casos decorridos ainda há pouco anos.

Este, que se papagueia em muitas povoações do Campo d'Ourique e que teve sua origem em Messejana, uma das vilas mais importantes no primeiro e segundo quartéis do século XIX.

Nela viveu, d'origem que vae do século XII a família morganica Moreira Velho e Costa, que tinha aquele solar, possuindo o seu morgadio magníficas propriedades, que em montados e charnecas, vinhedos, olivaes e terras aforrejaladas preenchiam centos de hectares, milhares mesmo, pela província fora.

Ahi pelas alturas de 1833 era morgado de Messejana José Joaquim Moreira de Brito Velho e Costa¹ que como homem liberal se inclinara para o *partido da Carta*, advindo-lhe dessa simpatia largas perseguições por banda dos *homens de D. Miguel*.

Caído o governo absoluto ele tivera de emigrar, sofrendo espaçado, penoso e humilhante tempo de clausura, voltou a Messejana e a sua casa tornou a ter o brilho que anteriormente tinha, disfrutando ele e sua família vida d'abastança e conservando o decôro e o luxo que a sua posição exigia, sustentando numerosa criadagem, boas equipagens com cavalos de raça e de boa estampa.

- Era um gôstovê-lo montado no seu cavalo baio, d'Alter, grande como uma montanha e gordo que se podia lavar com uma boxêxa d'água, e que ele manobrava com uma rédea delgadíssima e um freio muito fino, fazendo desse animal o que queria!

¹ José Joaquim Moreira de Brito Velho e Costa tenente coronel de milícias de Lagos, natural de Messejana foi preso em Estói a 28 de Maio de 1828. Foi demitido, entrando na Torre de S. Julião da Barra em 26 de Julho do mesmo ano. Evadiu-se da feitoria a 2 de Junho de 1833.

Baltazar Moreira de Brito Velho e Costa, irmão do precedente, alferes d'infantaria 20, natural de Messejana e [foi] preso em Lisboa no mez de Setembro de 1828. Entrou na Torre em 1829. Foi solto nesse mesmo ano em 24 de Maio, devendo apresentar-se na Intendência de Policia.

Foi durante o tempo de Teles Jordão, que o despotismo atingiu maiores proporções. Basta dizer-se que tendo o senhor Velho e Costa os seus bahús, roupas e mais objectos de serviço marcados com as inciaes V. C. o obrigaram a acrescentar-lhes os breves, ficando Vº Cta. porque as letras izoladas podiam significar Viva a Constituição (*Campo d'Ourique*, n.º 15 – Soares Victor).

Grande cavaleiro, o José Joaquim Moreira, nunca conheci outro melhor do que ele! – dizia-nos o velho Cola, que fora seu escudeiro por largo tempo.

Entre os serviços do velho morgado José Joaquim Moreira contava-se uma azougada garota dos seus treze anos, que, a par do desempenho de cuveta da senhora morgada, se ia industriando, com a senhora Joana Marcelina, cosinheira e doceira, que o morgado mandara vir do convento da Conceição de Beja, em fazer empadas, tosquiados, papos d'anjo, bolo de bom gosto e outros acepipes e gulodices; e tal perícia ela demonstrou, tal apetidão, que dahi a poucos anos estava de posse da cosinha e da copa, sendo dispensados os serviços de Marcelina.

Essa rapariga teria, então, já os seus dezassete anos, feia mas simpática, era o ai Jesus da criançada da casa, que doida pelos doces e pitéus que ela lhes dava ás mãos largas e pelos brinquedos e carícias que lhes proporcionava, tinham pela Mónica tanta, ou mais, amizade que aos seus progenitores.

Foi correndo veloz no seu inexorável caminhar o tempo, morreu o velho morgado, sucedeu-lhe o filho José Francisco Moreira, encheu-se o solar de nova pequenada, e a Mónica ajudou a criar estes como já fizera ao pae e aos tios com mimos parecidos, com idênticas carícias.

Veiu, inexorável, mas racional, a lei que extinguiu os morgados, e o último – José Francisco Moreira Velho Costa, sentindo-se liberto das peias vinculares, começa num frenesi louco a malbaratar a fortuna, sem consideração pelo futuro e pelo seu nome, sem cuidar se os filhos, criados na abastança e na ociosidade, teriam amanhã que ir esmolcar o sustento ou sujeitar-se a trabalhos penosos. Desbarata-se o solar, pôs-se tudo em almoada, dispersam-se os filhos já todos senhoras e homens, vão-se os criados... a Lisbôa, então, assiste durante dois anos, ou pouco mais, a ver esse perdulário fidalgo provinciano – ultimo morgado de Messejana – passeiar na rua do Ouro e Chiado e resto das suas equipagens e nas “mesas do monte” de da “ronda” a vê-lo fazer as últimas “paradas” nas “pintas” predilectas, mas avaras. Era

fatal: veiu a pobresa, abraçou-o a miséria, tropeçando a morte com ele. Já d'idade provecta num azilo.

Com a caída é o desmantelo do último morgadio, os velhos e novos criados, que serviam o solar – alguns tão velhos que ainda haviam conhecido o avô do desperdiçioso morgado – o belo fidalgo Balthazar Moreira de Brito Velho e Costa – tinham tomado novo rumo.

A Mónica – a tia Mónica, como lhe chamavam – fora montar casa e posera uma lojeca. Dentro de pouco tempo vivia farta e cheia, pois que juntara á sua acção comercial de venda d'assucar, café, bacalhau e tabaco, a factura de bôlos “feitos pela sua própria mão” sendo considerada no povoado e montes das cercanias a melhor e a mais aceiada das “bolandeiras”.

Passam-se anos: voltou a Messejana a respirar ares pátrios, alguns dos filhos do morgado Moreira; procuram a velha Mónica – que acham gorda e bem conservada – e que os recebe muito bem, alegremente, mas já com um certo ar d'independencia e nada comparável com o de servidão, que n'outro tempo tivera, pelo contrário agora apresentava uns modos um tanto *assenhoreados*, assumindo certa pontinha d'importância, o que fez cair das nuvens os seus antigos patrões.

- Ora, ora, – diz um deles, depois, para os outros – quem conheceu a Mónica e quem a vê hoje! Quasi que tem os modos da nossa tia D. Maria do Rosário! Como ela está importante! Repara para a maneira como ela cumprimenta o nosso Fernando... Bravo! Ora! Ora! (a tia Mónica era surda como uma porta)

Afinal, diz ou outro, *quem fez a Mónica asna?*

- Fomos nós! Responde o Fernando – O mais velho de todos¹.

Repetiram mais vezes essa asserção naturalmente, e tanto ela calou no espírito de quem ouviu, que o dito se generalisou, de forma tal, que em anexim se radicou.

¹ Fernando Moreira de Brito ainda vive (1926); é empregado aposentado do Ultramar, excelente pessoa e a quem pertenceria o morgadio de Messejana, se não fora a extinção dos morgados.

Assim, hoje, em Messejana e povoações adjacentes, quando se critica alguém que se conheceu de vida modesta, mas que no presente, por *ter alguma coisa* toma ares de pessoa importante – ares brigando com a falta de *chá em pequeno* – é trivial ouvir-se, ajudado por um trocar d'olhos e um sorriso trocista:

- Quem fez a Mónica asna?
- Quem havéra de ser: *Fomos nós!*

Um outro dito, ou anexim, cuja origem vem da mesma família morganática Moreira Velho e Costa e amiúde citado também no Campo d'Ourique:

Nem a renda do João Velho!

Quando um sujeito gasta mais do que pode, ou do que deve gastar, quando ao avaliar a despesa a fazer-se, se conhece a sua exorbitância, quando as dônas da casa ralham com as criadas pelos desperdícios que notam no tráfego doméstico, a frase *Nem a renda do João Velho!* Vem á baila, de camaradagem com um gesto de censura.

Este João Velho, diz-nos o infatigável investigador de *Coisas velhas*, o senhor Francisco Soares Victor, nas *Notas Históricas* que há anos escrevia no “*Campo d'Ourique*”, nasceu em Messejana no primeiro quartel do século XVII. Serviu á sua custa na guerra da restauração, foi proprietário dos ofícios da Justiça e Fazenda de Messejana, lançador, ministro da Décima, cavaleiro com tensa no almoxarifado do Campo d'Ourique. Morreu em 1895, instituindo por sua morte e de sua mulher D. Micaela d'Abreu Mendanha um morgado em diversas e importantes propriedades de que foi último administrador José Francisco de Brito Velho e Costa”.

Foi, portanto, João Velho quem instituiu o morgado de Messejana e era tal a sua importância, tal o seu rendimento anual, que decorridos três séculos, ainda á laia de sentença, d'admiração, de... respeito por tão considerável fortuna, se diz, inflando as bochechas:

Nem a renda de João Velho!

É tão duro como o sarato da Carretas!

Um pobre diabo, tosquiador d'ovelhas, chamado José Alves e que viveu numa terra do Baixo Alemtejo ha de haver uns trinta anos, vendo, uma noite, ao volatr a casa, que um dos sapatos do gresso atanado tinha a sola descosida, diz para a mulher – a Costodia Carrêtas – uma pobre de Cristo, que á espertesa poucos favores devia:

- Olha, oh! *Costoida*: deita-me este sapato de mólho para se coser quando eu vier do trabalho. Eu levo as alpercetas p'rá tosquia das Refroias, que deve durar uns três dias.

- Fica descansado, Zé.

Foi o Zé p'ró trabalho, por lá esteve os três dias, chega a casa, dirige-se á lareira e fica “atolito” de ver um grande taxo ao lume, coberto, ouvindo-se ferver fortemente líquido nas *suas entranas*.

- Oh! Costoida, temos ensopado? Ainda bem que estou com o *Garpar*¹. D'aonde veiu a resgalha?

- Que ‘stás tu p'r'ahi a *lansoar*² *home*? Zimbarrada!³ Bôa vae ela! Quem dera! Vê Zé: ferve há duas noites e dois dias e não há maneira de o dar cosido, cada vez esta mais duro, credo!

E a Costodia, destapando o tacho, deixa ver, ao admirado marido, o mísero e descosido sapato, que ele lhe recomendara deitasse de mólho, na idêa, é claro, que ela fizesse o mesmo que os sapateiros fazem, lançando-o na água fria, para lhe tornar a sola masi dútil, mais branda, menos resistente ao bico da sovela, que lhe abriria os furos para a linha acelerada coser.

Soube a povoação da *espertesa* da Carrêtas, caiu-lhe no góto e na critica e, dahi, quando o pão é duro, quando a terra resiste á pá da enhcada, ou ao ferro do charrucco, quando o feijão careto, branco ou grão de bico, se não cosem bem, quando, inclusivamente, algum valentão é capaz de fazer frente a dois ou três homens, que o queiram agredir, é quasi fatal ouvir-se exclamar:

¹ Fome em calão alemtejano.

² Falar, ralhar.

³ Guisado d'ovelha em geral morta de baceira, e que o povo, sem receio de lhe fazer mal, come, porque, diz, morrem de fartas, muito gordas.

É tão duro como o sapato da Carrétas!

É muito esperto, é filho do Forges

Ahi pelos anos de 1855 a 1865 viveu em Messejana um indivíduo chamado José Maria Borges tido por grande espertalhão, fino *como o azeite de Moira*, como soê dizer-se lá pelo Alemtejo, na frase querendo afirmar-se a fineza da inteligência d'algum, confrontando-a com a puresa, a transparência do producto da azeitona da ridante e importante povoação transtagana.

O José Maria Borges, arguto, questionador, sabendo muito de *coisas de camara*, dado á leitura das gazetas, falando dos *Mistérios do Povo* d' Eugenio Sue, de que recitava trechos endemes nas lojas do burgo, dando inflexões dramáticas á voz, sensibilisando quasi até as lágrimas alguns dos circunstantes mais lidos, era admirado pelo povo, que, amiúde, o consultava ou sobre uma questão de partilhas, ou de como se havia de pagar certa contribuição, ou desentalar-se de coima lançada sobre gado vadiando das estradas e rocos sobre propriedade alheia.

E a tudo ele respondia prontamente, recolhendo também com presteza os honorários que entendia levar pela consulta.

De tão prestimosas e variadas aptidões, nascera a fama d'esperto que tinha em alguns quilómetros em redor da vila, fama que chegou até aos nossos dias, de forma que querendo ainda hoje designar alguém que com lábia, pretenda *ferrar partida*, ou *meter as mãos nas algibeiras d'outrem*, ou que sustente, com calor, opinião diversa da pessoa com quem questione, é certo, muitas vezes, ouvir-se entre o povo dizer:

- Você é muito esperto, é filho do Borges!

Não há chapéu como o do Jacinto Paes!

Morreu em Janeiro de 1914 na Quinta dos Alevrias, no Lumiar, o distinto Alemtejano que se chamou Jacinto Paes Falcão.

Descendente de uma das mais ilustres famílias do Baixo Alemtejo, Jacinto Paes era, podemos afirmá-lo convictamente, porque

muito com ele privamos, uma das figuras mais originais, mais típicas, mais simpáticas desta região que durante mais de oitenta anos, morando no seu *Monte Negro*, na freguesia de Panóias, foi estimado, querido e respeitado, como poucos homens terão sido.

Lavrador apaixonado, olhava a terra com carinho, com amor e a ela se dedicou muitos anos dando-lhe tudo quanto a prática lhe ensinou, quanto lia nos livros, que os tinha bons, aconchegados nas estantes do seu original *escritório* — *casa de jantar* — em cuja mesa enorme me lembro de comer as empadas mais saborosas que os meus dentes ainda trincaram e que eram feitas — afirmação dele — segundo o seu ensino.

Lavrador dedicado, como dissemos, á sua profissão, procurou sempre ter raças de gado apuradas. Nas suas cocheiras relinchavam e escarvavam cavalos de bela estampa, ensinados em alta escola pela sua adextrada mão — a mais finíssima mão de rédea em toda a província —; nos seus canis cabriolavam os podengos mais ligeiros e esbeltos, seleccionados com paciência e cuidado e que era um encanto ver atrelados, em parelhas de vinte e mais, quando marchavam dóceis e gracis adiante do “Regente” garboso Alter montado por ele, a caminho do fôjo de que lhe davam notícia ser malhada d’algum velho, ou novo javali — bicho que em breve experimentaria a lamina fina da sua pequena faca de mato — *o meu canivete*, como ele dizia ao falar da intervenção desse instrumento, nas suas grandes caçadas, ao porco bravo.

Nos jardins, cuidados com disvelos de mestre, da sua Quinta, na baixa do “Monte” os canteiros, artisticamente delineados, esmaltavam-se com as mais exóticas dhalias, com os mais petulantes amores perfeitos, com as rosas *mais modernas*, com os cravos sevilhanos d’encarnado de sangue, ou de cores esquisitas, de tamanho longe de trivial; hortaliças, das qualidades mais apreciadas, destendiam-se tentadoras no “lavouro” da horta.

Quem entrasse no escritório de que acima falamos admiraria nas estantes, de largas portadas, a par dos tratados agrícolas, encadernações curiosas, destacando títulos de poetas e autores consagrados: aqui Camões ao lado de João de Deus — ali Victor Hugo

encostado a Cezar Cantu, mais além Garrett segredando com Tomaz Ribeiro e no *logar de honra*, mesmo ao meio duma das estantes, dois ou três volumes de Bulhão Pato – o poeta querido de Jacinto Paes, que amiúde recitava, entusiasmado, trechos da *Paquita* ou bucólicas – que as ha lindas como poucas conhecemos em português – do solitário de Caparica.

Com que entusiasmo ele passava dessas eglogas para as amorosas do nosso primeiro lírico:

“*A vida é o dia de hoje*

“*A vida é ai que mal sóa*

“*Ávida é nuvem que foge*

“*Ávida é ave que voa*

e ia por ahí fora, os belos olhos, grandes de peninsular, em que se lia a franquesa e a bondade, brilhando e rindo, e gesto romântico acompanhando o verso, a longa barba, finamente tratada, poisando-lhe sobre o peito forte, vasto, em que batia o coração de velho português, amando muito a sua pátria, idolatrando a sua província, dedicado aos seus amigos, acarinhando os pobres. E esse homem que passou a maior parte da sua vida, no sítio mais despovoado do Alemtejo, onde abundava a charneca e os montados, teve a faculdade notável de conservar o seu espírito sempre adentro duma educação intelectual, que o punha em destaque em qualquer meio em que se encontrasse.

As maneiras eram distintas, o seu falar cativava, a sua convivência tornava-nos seu amigo – sendo duma “linha” impecável.

Não iria Jacinto Paes, não iria, acompanhando o progresso nas suas diversas modalidades – talvez se conservasse um tanto ou quanto aferrado a muitas fórmulas antigas, mais por independência de carácter e um nadinha por caturrice do que por convicção; mas era, com tudo, admirador, até á idolatria, do que despertasse a sua natural sensibilidade artística, e, assim, o víamos falar horas e horas sobre literatura romântica, sobre os Luziadas, sobre a prosa castiça de Herculano, sobre os discursos de Garrett, sobre os feitos da nossa

história, sobre a beleza do nosso sol, sobre a formosura, a bondade, a distinção das damas portuguêses.

Sobre literatura moderna é que não falava, não a conhecia... e, dahi, um ceto desdém pelo Fialho, pelo Eça, pelo Ramalho Ortigão.

- Mas leia-os, senhor Jacinto Paes, dizíamos-lhe nós, leia-os e depois nos dirá.

- Não leio, meu amigo, não leio, deixe-me ter o espírito tranquilo. Os meus autores são pessoas que conheço, com quem convivo nesta Thebaida, desde muitos anos, com quem não discuto. Para que hei dir travar relações novas, eles naturalmente não se entenderão comigo e eu não me entenderei com eles? Nada meu excelente amigo, deixe-me continuar com antes bôas relações, que tenho. Olhe: vamos tomar café – o café do *Monte Negro*, que, como sabe, tem *tres logos* depois de torrado: *logo* moído, *logo* feito, *logo* tornado e veremos deslisar as horas hein? Lendo Thomaz Ribeiro, João de Deus porque

“*A vida é o dia de hoje*
“*A vida é o ai que mal sóa*”

hein?

Jacinto Paes era duma prodigalidade enorme em distribuir esmolas – tão pródigo que lhe custavam a chegar os vastos rendimentos, raras vezes dispondo para avenda d'alguns dos muitos moios que recolhia da sua grande lavoura.

- Vae tudo p'r'a pobrêsa! dizia o pôvo.

Tinha Jacinto Paes uma mania – quem ha ahi que não tenha pelo menos uma?... – desejar que desde a casa que habitava e a que pôz o nome de “Monte Negro” té aos cavalos, cães, pombos e galinhas tudo tivesse a côr preta, conseguindo isso em parte, desistindo nos últimos anos desse propósito.

A sua matilha – de mais de cincuenta podengos – gosava de farta fama por esse país fora, dela falando, com a admiração, todos os verdadeiros caçadores, assim como das proeas do seu dôno.

- Jacinto Paes... quem o não conhece? Não há javardo que resista aos seus cães e á sua faca! Não há pobre que ao seu monte chegue que não tenha o jantar certo! É o rei dos homens! Em dada ocasião ouvimos nós o seguinte diálogo entre “campanço”.

- Que ‘stás tu p’r’ahi a dizer! Queres agora comparar o *Lauterio* com o lavrador do Carrascal! Isso tem tanta *parecenza* como o dia co’ a noite!

- Mas olha, oh! Toino, que o *Lauterio* é *tamem* um grande lavrador! Olha que eu não sei qual deles *sará* o mais valente, eles *andem* a bater-se! Eu não sei, não sei qual dos dois arrebanhará mais cabeças de gado!...

- *Poje sim, Manel*, não *pranto* duvidas, mas o Jacinto Paes é outra *loíça*! E *trataveli*, é um *home* sem *aquelas* nenhumas, sem *empostura*, mas que se tem no seu lugar e quem te diz isto sou eu que sei bem o que ali está! Aquilo é o pae dos *proves*, fica-o sabendo se o não sabias, ora essa, deixa lá o *Lauterio*.

Moveu-me a curiosidade esse dialogo, e conhecendo um dos que estavam no grupo, perguntei.lhe, aproximando-me, fingindo não ter ouvido o começo.

- De quem tratam vocês – estão para ahi a dizer mal?

- A dizer mal não senhor; estamos a prantar as coisas no seu logra, é o que é. Dizia eu, aqui ao Manel da Bemposta, que pelo *Campo Branco* não há lavrador com mais brio que ele, nem quem mais bem faça á pobresa, nem quem melhor saiba tratar com ricos e *proves*, basta dizer-se que não *ha chapéu como o do Jacinto Paes*.

- Ah! É do lavrador do Monte Negro que se trata¹...

- *Poje Antão* de quem *bavera* de ser?! É um *home* que passando numa estrada, *aindas* que vá no seu trem, ou montado no seu cavalo, rodeado d’amigos, ou só, o seu chapéu não deixa de se tirar *aindas* que seja por um zagalito que passe, *aindas* que seja que descortine ao longe alguém num atalho, ou rancho de mondadeiras numa “falha”. É por

¹ Jacinto Paes também era conhecido por lavrador do Carrascal, nome que tinha o seu monte antes dele o chamar Monte Negro.

isso que eu digo e repito o que meu pae diz muita vez, ao vêr certos figurões, que p'r'ahi andam, cheios de prosápias, uns *Joões ninguém, tocando rabaleiro*²:

Não há chapéu como o de Jacinto Paes!

Este dito é ainda hoje, mesmo depois da morte do distinto alemtejano – desse original tipo, que o era desde a forma de vestir até á maneira de caçar e matar javalis á faca – proferido a propósito dalgum que se dê ares d'importancia, não a tendo, e trate com friesa ... as classes modestas.

Jacinto Paes Falcão era tio do arrojado e glorioso aviador António de Brito Paes, a quem Portugal deve algumas das suas melhores horas d'entusiasmo, horas de viver, horas de sentir, horas em que o homem é todo alma, todo coração.

António Brito de Paes, alemtejano como seu tio, amando a sua província como ele a amava, quiz que fosse dela – abraçado ao Beires e ao Gouveia – que “O Patria” ruflando as azas subisse, cortando os ares, levando apegados á Cruz Vermelha os gritos d'entusiasmo e d'encorajamento, soltados por centos de vozes alemtejanas em que sobressaia a da madrinha do avião – uma sobrinha de Jacinto Paes.

Como ele, se ao acto assistisse, beijaria, chamando-lhe os olhos leaes lágrimas de ternura e orgulho, esse Rapaz e essa Menina em cujas veias corria sangue do seu sangue, em cujos olhos lia o amor á sua Terra “á sua província alemtejana” – á qual ningum como ele seria capas de consagrar mais carinho, mais dedicação.

António de Brito Paes nasceu em Colos e Colos orgulhar-se-á sempre, séculos em fora, de ter sido o seu berço.

Se o belo espírito investigador que foi Patrocínio Ribeiro – ha pouco falecido – se não enganou nos seus estudos, Colos teria sido também a pátria de Cristóvão Colombo e, então, a velha vila alemtejana poderia afirmar ao mundo em êxtase de desvanecimento, que se um dos seus filhos descobriu a América, outro rasgando os ares

² Ter muita impostura, ser impafia.

levou ás povoações indianas a mesma Cruz de Cristo, que elas haviam admirado e respeitado nas caravelas de Vasco da Gama – o grande marinheiro – nascido ali, nos rochedos de Sines, essa linda e simpática vila, que eu não posso deixar de considerar a dentro do Alemtejo, ninguém me convencendo, portanto, que esse nauta giganteo não fosse alemtejano.

Jacinto Paes Flacão era cunhado de José Maria de Brito (avô paterno do aviador) e parente de José Maria Lopes Falcão. Estes dois cavalheiros pertenciam ás melhores famílias de Odemira e ali viveram na última metade do século passado. De largas iniciativas, muito dedicados á sua terra, a poltica mereceu-lhes carinhosa atenção, sendo grande o prestígio que tinham entre a população da vila e das povoações vizinhas – tão grande que o povo querendo traduzir a sua estima e consideração por eles, cantava, pelas ruas e nos “balhos”, “moda” com toada própria, bisarra e estrambótica e em que a fantasia corre a galope na necessidade de encontrar rima aos nomes dos dois prestantes cidadãos.

Como curiosidade aqui arquivamos essas duas quadras:

Eu já vi o rei de França

Encostado ao seu balcão

Gritando em altas vozes:

Viva o senhor Zé Maria Falcão

Viva o senhor Zé Maria Falcão

Viva o senhor José Maria de Brito.

Eu já vi o rei de França,

Que é um rapaz bem bonito.

Nem com botas, nem sem botas, como os cães do Dr. Vicente...

O Dr. Vicente foi personalidade que vivia em Messejana¹ ahi pelos anos de 1798 até 1815, tornando-se notável pelas suas excentricidades, que muita gente classificava de maluquices.

Entre muitas, esta, que nos serve por se adequar á índole deste capítulo. Possuía o exquisito doutor e que era padre, formado em cânones, grande matilha de belos podengos, galgos e perdigueiros, mas caçando raras vezes, tinha um cãosoeiro (matilheiro) que todos os dias havia de “sair” com eles para abastecer a casa de caça.

Ora, um dia, ao esmorecer a tarde e quando o crepúsculo reinava já no horizonte, entrou no páteo da quinta o matilheiro, rodeado da cãosoadia, muito cansado, muito aborrecido.

Viu-o o patrão – o doutor Vicente – e notou-lhe a maxila vazia; enverrugou a testa, increpando-o:

- Então a caça, João Vaz?!...

- Nem uma peça p'ra uma mézinha, senhor Doutor!...

- Ora essa! Então não foste para os lados da *Galiana e Rinfaxe*, como eu te ordenei?

- Saiba *vossaeoria* que sim e isso é que foi a minha *presa*: aquilo, p'r'ali, é tudo um “jardal” e um “cardal”; os *proves* dos cães não faziam senão *picar-se nos picos* e pouco tempo era p'ra s'assentarem (com sua licença) e co'os dentes tratarem a ver se tiravam os cardos das patas. P'r'ali não se pode ir!

¹ Chamava-se Vicente José Cordeiro Pereira tendo nascido em Messejana em 1739 e aqui morreu em 1815. Era filho do reitor da freguesia de S. João, de Montemór-o-Novo Dom João Alberto Cordeiro Pereira e sobrinho do desembargador e chanceler mór do reino Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira juiz da Inconfidência e relator do *Processo dos Távoras*. O celebrado doutor Vicente formou-se em Coimbra em 1762 e foi prior da Colegiada de Torres Novas, que paroquiou até 1798, vindo morar para Messejana, na sua *Quinta da Golipa*, que herdara do pae. Esta quinta tinha o privilégio de *Conto de Romisio*, bastando que qualquer criminoso perseguido tocasse nos seus muros para a Justiça o não poder prender. Numa das torres da igreja de S. Tiago de Torres Novas existe ainda um sino que tem gravado o nome do doutor Vicente José Cordeiro Pereira.

Foi ainda o doutor Vicente quem, sendo reitor da Mizericordia de Messejana, fez reedificar esse templo, quase em runas ampliando-o imenso, dando-lhe as dimensões que hoje conserva.

- Ah! Não?! Tu verá se podem ou não... Em ceando – e dá aos dentes depressa! – vae á vila e traze de lá um sapateiro ainda esta noite e nada de demoras, ouviste?

O criado, engulida a ceia, presto cumpriu ordens do amos, pois sabia que ele não gostava de as repetir.

Sapateiro chegado e o doutor Vicente a dizer-lhe.

- Mestre... como é o seu nome?

- Eu sou Francisco, mas cá no termo todos me conhecem por *Trãoberleque*.

- Pois, mestre *Trãoberleque*, vocemecê vae já tirar-me a medida das patas de todos os cães de caça, que estejam ahi na Quinta, ouviu? E amanhã, á noite, quero aqui a *obra* toda pronta.

- Mas... senhor Doutor...

- Não temos mas, nem meio mas, mestre, eu não olho a preço! Agora se não quer, ou não se atreve com essa obra, virá outro.

- *Ora iessa*, senhor Doutor, então não me *havera d'astrever*? Note vossaseoria que eu sou quem faço calçado p'r'a casa do Senhor Morgado e do Senhor Capitão Mór!... *Ora iessa*, senhor Doutor, tudo que *vossaseoria* quizer estas mãos são capazes d'executar, por mais *difícil* que seja a obra!...

- Pois bem, então vá cumprir a missão que acabo de o encarregar. Aviste-se com o meu cãosoeiro, e passando pela cosinha diga lá á Feitora que lhe dê um copo de vinho e alguma coisa que trinque.

- Muito *agradecido*, senhor Doutor, ás suas *ordes* e fique certo que a *obra* ha de ficar que nem uma luva, *ora iessa*!

Dois dias depois os cães, *todos calçados*, lá iam com mais ou menos *gaucherie* atraz do matilheiro a caminho das terras da *Galiana*, para aonde os mandara o Doutor a *ver*, dizia o João Vaz, *se ainda se picavam nos cardos...*

Tarde alta eis todos de voltas á Quinta – os cães, com *as botas* *quasi de todo inutilisadas*, o matilheiro, com um sorrisinho ironico a

bailar-lhe na face trigueira e barbuda, a moxila vazia e chocha como figo maduro em que os pássaros tivessem debicado.

O doutor Vicente esperava, sentado no banco de cortiça, á entrada de casa.

- Então a caça, João Vaz?...
- Saiba *vossaeoria* que ficou lá...
- Então nem um coelho, nem uma lebre?!

- Nem um *lapo* (laparo)! Estão como queria e senhor Doutro que os *proves* dos cães caçassem com aqueles *apendículos* nas pátas?! Pouco tempo tiveram eles para com os dentes destruírem aqueles *estróvos*... O claçado é p'ra gente, não é p'ra *alímaes*, com perdão de *vossaeoria*...

- Ah! Sim? Pois a rua á para você, visto ser tão *pragostico*, e logo que os cães não caçam *nem sem botas, nem com botas*, dispenso-os muito bem, assim como a você – e chamando um criado que passava – oh! Miguel Pato: amanhã dá esses cães a quem os quizer, não quero nenhum cá na Quinta a não ser o rafeiro de guarda ouviste? Se não houver quem os queira manda-os matar. Cá em casa é que não comem mais pão.

Ora aqui tem o leitor d'onde vem o anexim: *Nem com botas, nem sem botas como os cães do doutor Vicente*, empregado quando qualquer projecto se não realisa dumha forma ou doutra que se imaginara poder executar.

O Corpo de Deus em Lisbôa e o Sacramento em Beja

O Corpo de Deus em Lisboa...

Grande festa, linda procissão!

Vimo-la pela vez primeira éramos crianças distendendo-se enorem, aparatosas, luzente de oiros, ridente d' encarnados, descendo da encosta da Sé para os plainos da Baixa.

E já não tinha, segundo as crónicas, a magnificência e a extensão dos tempos idos, em que metade da população da capital nela tomava parte, estando a outra metade na rua avê-la passar.

Três coisas iam nesse préstilo que principalmente nos impressionaram e tocaram a nossa sensibilidade infantil.

- As Bazilicas.
- S. Jorge a cavalo.
- Os Pretos.

Aqueles enormes balões caminhando pelas ruas *sosinhos* (da janela onde estávamos não víamos os pés dos condutores), os Prêtos que nós, pobre provinciano, nada afeito a ver *retintos d'Angola*, imaginamos serem homens pintados de preto – *homens que melhor que nós sabiam tocar tambor* – e o S. Jorge, *querendo aprumar-se, mas sempre aos bondos* no seu cavalo branco pacato e mesureiro, fizeram-nos tal impressão, que muitos anos passados ainda o quadro, os grupos, se nos destacam na mente de linhas pronunciadíssimas.

No ano seguinte fômos a Beja com pessoas de família assistir ás *Festas do Sacramento* ou do *Pae do Céu*, como o povo alemtejano lhe chamava.

Á janela dum prédio da rua das Ferrarias nós e uma petisa, pouco mais velhinha, tomamos logar antes de passar a procissão principal.

- Então é a primeira vez que vem á nossa Festa?
- Sim, senhora! – respondi, fazendo-me corado como uma roa assaria – mas já vi a *Festa do Corpo de Deus*, em Lisbôa, o ano passado.
- Ah! Sim... mas olhe que a nossa cá é muito mais bonita, atalhou, muito pespeniga, a menina.
- Faço idêal! – repliquei, pouco delicadamente.
- Olhe veja, veja: lá em Lisboa não há carros d'espadâna, não há São Sizinando, não há foguetes, não há assim colchas nas janelas, não há andores de prata...
- Ah! Não há?... *Deixa-me* tir! Cá é que não há aqueles grandes balões, todos ás listas de côres, tão altos que a gente, das janelas, lhes

chega com as mãos, aqueles pretos *muito á pretos*, todos vestidos com uns casacos muito compridos e dourados, a tocar flauta e tambôr, não há tropa, tudo pelas ruas, e S. Jorge a cavalo no seu cavalo branco.

- Há, sim senhor! Há sim senhor! Há tudo isso e muito mais, fique sabendo!

- Não há!

- Há! Há! Há! Já disse!

- Não há!

E dahi a pouco a menina chorava enraivecida e mimosa e eu muito embezerrado retirava-me para dentro e ia curtir o meu despeito para um sofá.

Vieram ter connosco pessoas das nossas famílias e – lembro-me terem-se posto a arengar, dizendo-nos que ambos – menina e môço – tínhamos razão, pois razão havia para exaltarmos as duas festas – a de Lisboa e a de Beja – rematando com o seguinte dito, que, depois, fômos ouvindo, tanto nessa cidade, como pela província em fora, sempre que se tratava d'alguma festa de esbarrunto:

- Deixem lá, deixem lá, que não há festas como o Corpo de Deus em Lisboa e o Sacramento em Beja.

Havia muitas coisas típicas, regionaes nesta Festa, que durante os dias de quinta feira até domingo revolucionava a velha e briosa cidade alemtejana:

As Carradas d'Espadâna: Era uma curiosidade que no Domingo do Sacramento prendia grandemente não só a atenção dos forasteiros, que nesse dia acudiam aos milhares á cidade, como também a dos que habitualmente dentro dos seus muros viviam. Carretas enormes abrigavam no seu leito carradas em pirâmide artisticamente executadas pelos melhores “carregadores” das principaes lavouras das cercanias – com espadana, planta ribeirinha.

Nas arestas das pirâmides entrelaçavam-se fitas de variegadas matizes, salpicada toda a carrada de diversas flores, tendo no lado da frente, feito a cravos vermelhos e rosas escarlates, o letreiro *Viva o*

Santíssimo Sacramento e em plano inferior as inciaes do oferente da carrada.

Possantes juntas de bois, das mais lindas que os lavradores possuíam, nodios e luzidios, túmidos de gordura, tratados esmeradamente “á mão” e pascendo nas pastagens mais mimosas das várzeas, mezes atraç, para figurarem na “Festa” puxavam os carros, guiados pelas aguilhadas dos “ganhões” de boa presença com andaina apurada, chapéus floridos de cravos rubros e medalhas do S.S.

Todas “As Carradas” qual delas a mais caprichosamente arranjada – orgulho do lavrador que a oferecia e do carregador que a confeccionára – tomavam logar, depois de dar volta á cidade toda – no largo da igreja, onde tinha lugar a “Festa”.

Ainda nos lembra de contar á porta da igreja de Santa Maria dez carradas, todas magnificas d’aprumo e deliciosamente enfeitadas.

Depois da saída de toda a gente do templo, as carradas eram distribuídas pelas ruas em que á tarde passaria a procissão, sendo a espadâna lançada no pavimento delas, juncando-as e formando um tapete macio, fresco, adorífero – encantador esse costume.

Na procissão iam os três celebres andôres de prata e que hoje, ainda, crêmos, se guardam cuidadosamente no pequeno muzeu sacro, no edifício do “Colegio”. São relíquias de que Beja se não deve desfazer e que fazem parte do seu património artístico.

Outra curiosidade da *Festa do Sacramento*:

- *A Posse*

Beja tem quatro freguesias: São Tiago, Santa Maria, Salvador e São João.

A “Festa” pertencia cada ano a uma delas e aquela que de desempenhava desse encargo tinha, por obrigação, de dar *posse* a outra, acto que era praticado no domingo, á noite.

Reunidas todas as irmandades com o padroeiro da cidade na frente – uma pequena e velha imagem de S. Sizenando – formavam uma procissão, que se dirigia para a sede da paróquia que ia tomar

posse. Por todas as ruas a percorrer havia, dum lado e doutro armações de madeira em que se enfileiravam, hirtos, milhares de foguetes.

Ainda temos bem presente: Morávamos em Beja havia pouco tempo, na rua d'Alcobaça, tinhamo-nos sentado á mesa para jantar...

De repente grande vozearia, gritos para os lados da Praça de D. Manoel Iº - hoje da República - Em sobresalto, viemos á janela.

- O que é isto? - e lá longe continuava o vozear ensurdecedor - gritos de Morra! Viva! Fora! E bombas estalavam, centenares d'estampidos soavam no ar, no chão, uns surdos, outros vibrantes.

- O que é isto?!

- É a "Posse" acudia pessoa de família, rindo perante o nosso assustado rôsto, perante a nossa admiração, filha de nunca termos assitido a essa scêna - vênhā ver, que é curioso!

Fômos! Ia a procissão na rua dos Infantes - numa corrida doida, São Sizenando aos bordos no pequeno andor, toda a gente a gritar.

- Morra a *Tripa*! Viva a *Carda*! Fóra os pelados! Viva a *Escâma*!

E cruzes levantadas ao alto, brilhando-lhes os doirados á luz de milhares de foguetes multicolores, que enchiham grande parte da atmosfera, pontuando-a de miríades de pequenas estrelas ruinando-se d'esta lidos uns de pequenas bombas - *das de nove respostas* - outros de poderosas e irritantes morteiros.

- Viva a *Escâma*! Morra a *Tripa*! Fóra os *Pelados*! Morra a *Carda*!

E lá foi toda aquela *borda de doidos*, gritando, gesticulando, ameaçando, aos trôpos galhôpos, rampa abaixo, a caminho de Santa Maria, onde era a *Posse*... parecendo ir, num rompante revolucionário, praticar algum acto de vendita, algum massacre.

Chegamos á porta da Igreja quando *eles* a abordavam e grande é o nosso espanto vendo á luz dos archotes e do foguetorio estalejante, segurando as cruzes das quatro irmandades, lutando brutalmente para, qual deles, ser o primeiro a entrar no templo, quatro indivíduos da primeira sociedade da terra, cavalleiros que conhecíamos, tendo-lhes sempre notado a finura no trato, delicadeza

de maneiras, bondade natural. E furando, lutando, empurrando-se, lá entraram todos de caminhada; correndo, acompanhados das irmandades, igreja acima até junto do altar mó, batendo desesperadamente nele com as cruzes.

Estava dada a *Posse!*

A primeira vez que tocára no altar, era a que havia ganho aquela movimentada e pitoresca *batalha...*

Nesse ano, fôra a Cruz da Irmandade de S. Tiago a mais ligeira, gritos soaram quasi *una voz!* Viva a Tripa! Viva a Tripa!

Soltado esse grito, tudo ficou em silêncio e a função religiosa, já *sem paganismo*, como me dizia o Dr. Silveira, naturalmente começou então. Um padre subiu ao púlpito e pregou sermão sobre o Sacramento, não tecendo, nem ao de leve, no *acto d'esturdia*, que acabava de dar-se *Tout est bien qui fini bien...*

Uma explicação necessária: freguesia de S. Tiago era alcunhada de Tripa por estar dentro da sua área o matadoiro, a de Santa Maria – de *Escama* – por ser nela o mercado de peixe, a do Salvador – os *Pelados* – naturalmente pela abundância de carecas que nela moravam, a de S. João – a da *Carda*, por ser, noutros tempos, o bairro dos cardadores, dizem.

Parece o jantar dos presos em Beja!

Não será raro ouvir dizer, quando num banquête de batisado, ou de núpcias, numa “adiafa”, ou num jantar de “pescaria” ou de “caçada”, a abundância, “a fartura” é extraordinária “saindo...” e que os pratos se sucedem em procissão demorada, a alguém do povo, que assiste como convidado, ou comensal:

- Ih! O que ahi vae! *Parece o jantar dos presos em Beja!*

O que é então, ou o que era, porque, hoje, esta *Festa* já se não faz – o *Jantar dos Presos?*

Era uma coisa enorme, estupenda pantagruelicamente falando, como dizia o pobre Joaquim Costa há pouco roubado á secas (sic)

portuguesa..., um banquete digno de Luculus, uma comesaina de tal ordem, que um regimento, abancado ante ela, ficaria saciado! No domingo do Sacramento enorme procissão, precedida de cruzes e rematada por músicas e acompanhada pelas autoridades militares e civis enchia as ruas da cidade, o passo cadenciado caminhava em direcção á cadeia na, então, Praça de D. Manoel Iº e hoje da República. Era o préstio formado na maioria pelos “irmãos” das quatro freguesias da cidade caminhando a par, segurava cada um deles a ponta duma toalha dobrada, que passava pelas azas de uma alcôfa d'esparto, ou d'empreitada.

Dentro de cada uma dessas alcôfas – que chegavam muitos anos a ser mais de tresentas – ia uma parcela do jantar – numas os tachos com a sôpa – que era sempre fervida – a carne guisada, ou assada de vaca, de carneiro, as travessas d'arrôz no forno, a salada, as azeitonas, o arroz doce, as frutas, as trouxas d'ovos, os charutos, as cafeteiras com o café, as garrafas com o vinho do Porto – tudo numa abundânciia que cançava ver-se. E lá ia a caminho da cadeia toda aquela fartura, muitas vezes não existindo nela uma dúzia de presos se tanto... e ainda que só um ou dois estivessem entre ferros, era o mesmo!

Costume era, então, dizer-se que não haveria em Beja nesse dia quem não tivesse o estômago saciado e de coisas bôas. E assim devia ser, pois, a par desse jantar, havia sempre lautos bôdos dados pelas irmandades.

Razão ha, por tanto, para ouvir amiúde exclamar ante alguma refeição, extraordinariamente abundante:

Parece o Jantar dos Presos, em Beja

Herdar o côrno da mera

Em todas as lavoiras que tenham ovelhas, ha dependurado no curral, ou na malhada, um chavêlho de boi, ou carneiro, contendo mera.

A mera é um preparado obtido por distilação do zambujo, do azinho, do zimbro e não sabemos se demais algumas madeiras e é no

concelho de Moura, e principalmente na freguesia da Amareleja, que é feita quasi toda a que se gasta por esse Alemtejo fora, andando os fabricantes dessa pequena industria a vende-la pelas “lavoiras” trazendo-a em ôdres.

É um poderoso remédio contra a “rônha” das ovelhas. Todo o pastor “precisa sempre ter á mão para acudir a tempo a alguma cabeça atacada” “o côrno da mera”.

Com certeza é esse traste um dos utensílios de menos valia que uma lavoira possue entre a sua alfaia agrícola.

Pois bem: quando um criado cuidadoso, ou um feitor dedicado, trata, com carinho, a propriedade, a seara, os gados, os interesses, enfim, do patrão, é quasi certo ouvir algum dos companheiros sensurar-lhe a dedicação, o zêlo, acrescentando:

- *Vás bem Manel*, trabalha, mata-te bem que em o patrão morrendo hás de lhe *herdar o côrno da mera*...

Como quem diz: depois de tantas canceiras não ha de herdar nem o valor de um fósforo.

É frase amiúde usada no Baixo Alemtejo.

Já parece a Feira de Castro!

É tão certo como a Feira de Castro em Outubro!

Castro Verde – donairosa olhando as suas campinas, orgulhosa das suas tradições e mais ainda do seu caminhar rápido, da sua actividade incessante no comércio, na vida agrícola, no seu desenvolvimento comercial – é uma bonita vila do Baixo Alemtejo.

Os habitantes da pitoresca e simpática povoação, sem se alhearem completamente da política, não tem esperado que esta os *protja*, quero dizer, que os tome debaixo da sua tutela, para que recomendando-os ao estado, á espera estejam que este á sua terra faça tudo, ou nada faça: eles tratam do que lhe é preciso, eles cuidam do seu burgo promovendo-lhe os melhoramentos de que carece, tratando de o alindarem, de o fazerem progredir. E, assim, Castro Verde d'ano

a ano aumenta, alinda-se, engrandece. Ha dentro dos seus muros edifícios dignos de nota – uns públicos, outros particulares, sendo a sua igreja matriz – basílica grandiosa fundada por D. João 5º, com curiosos azulejos d'assuntos históricos, destacando imponente toda a fabrica, duma forma monumental adentro d'espacoso adro.

A egreja das Chagas do Salvador mais conhecida por Nossa Senhora dos Remédios é também um lindo templo. Consta ter sido D. Afonso Henriques quem a fez edificar em memória da batalha que consolidou o trono em 1139. No tempo do intruso D. Filipe 2º de Espanha foi reedificada. Em 16 d'Abri de 1867 abateu a abóbada, que pouco depois foi restaurada. Há nesta igreja alguns quadros que estão muito longe do valor que alguns autores, certamente por o não terem visto, lhes atribuem.

O *Padrão* – Em 1785 o doutor Jacinto Paes Moreira de Mendonça contador e provedor da Comarca de Ourique, ouvidas as câmaras da comarca e com elas concordando, representou a D. Maria 1ª pedindo licença para erigir um monumento comemorativo da famigerada batalha do Campo d'Ourique.

Foi atendido tão justo pedido, sendo o representante encarregado de tal comunicar ás comarcas, devendo esse monumento “ser grande, digno do objecto a que é dedicado”.

Foi a vila de Castro Verde por ter sido nas suas cercanias (em S. Pedro das Cabeças) que se ferira a batalha, a escolhida para num dos seus melhores sítios ser erecto tal padrão – e a 9 de Maio de 1792 foi ele inaugurado. Era de mármore azulado em pirâmide quadrangular, tendo um pedestal sobre que a mesma descansava de pouco mais dum metro d'altura, rodeado por um escadório circular de cinco degraus também de mármore. A pirâmide tinha no topo um globo com a coroa e no centro um medalhão de jaspe com a efígie de D. Maria primeira, sendo todo o monumento duma simplicidade tocante e agradável.

Durou poucos anos, um tufão derribou a pirâmide em 8 de Dezembro de 1804 e desde então até hoje não foi mais restaurado, o que, diga-se de passagem, constitue descuido imperdoável de tantas

gerações, que se teem sucedido na bonita e graciosa povoação alemtéjana; existindo hoje do monumento apenas o sóco com as inscrições e os degraus. Uma dessas — a que fica do lado da frente diz em latim:

Os moradores do Campo d'Ourique libertados dos sarracenos pelos esforços e pelas armas de D. Afonso primeiro rei de Portugal, e felizes pela sabedoria cuidados e munificencia de D. Maria 1^a rainha de Portugal e progenie de Afonso, agradecidos a ambos por seus egrégios benefícios na guerra e na paz, lhes levantaram esta memoria no ano de 1791

A do lado opôsto resa assim:

Neste sítio foi pelo seu exército aclamado rei de Portugal o rei feliz D. Afonso Henriques quando estava para dar batalha a Ismar e outros quatro reis sarracenos e a uma inumerável multidão de bárbaros, e exortados por Cristo, que lhes apareceu crucificado, a pelejar com valor não obstante serem tão diminutas suas tropas fez tal destroço nas inimigas que as águas do Cobres e do Targes, que neste logar se ajuntam em uma só veia, se tingiram de sangue

Do lado esquerdo há os eguinte letreiro mandado gravar pelo Senado Castrecense que assistiu á inauguração:

*O Corregedor da
Comarca*

*Jacinto Paes Mo-
reira de Mendonça,*

*O Fez Executar
7 De Maio*

1792

A Feira de Castro Verde é a mais importante e a mais típica do Baixo Alemtéjo e uma das melhores e mais bem sortidas do Paiz e a ela concorrem géneros e gados em abundância de todo o Algarve, que fica relativamente perto, sendo a Feira das gulodices, das “frutas da tarde”, como : figos sécos, nozes, castanhas, amêndoas, peros, maçãs “Maria Gomes” e “Reinetas” e a ela vão fazer as suas “mercas” as lavradoras do concelho e das comarcas próximas, abastecendo-se das sobremesas e avios d’inverno e que farão a delícia dos maridos e

filhos, quando, depois dum dia agreste passado na faina agrícola, ou estafados por uma “pilota” ás perdizes, ou pelo estádio de muitas horas na “choça”, espreitando os “torcases”, voltam ao “monte” e encontram um bom lume, a mesa farta e um trago de boa “pinga”.

Tanto nesta feira como nas outras do Baixo Alemtejo, ha o logar destinado aos artigos da provincia sul litoral, e assim ouve-se dizer aos feirantes, que deles precisam, uns para os outros: *Vamos, agora, ali “ao Algarve” tenho que comprar umas coisas* – e essas coisas tanto podem ser nozes ou figos como cordas d’espardo e alfírime, pexelim ou arreatais.

Nozes...

Todos os anos eu deixaria d’ir a outras *secções* da feira, á das nozes nem uma, só vez me lembro de faltar... lá estava *caido*, acompanhado pelo velho Zé Agostinho – servo fiel que servia a nossa casa ha mais de 30 anos – e que levava ás costas os largos sacos de linho em que devia conduzir “para o carro” a pouco e pouco, o arroz, o feijão amarelo, branco e frade para o gasto de todo o ano e “as guloseimas da feira”.

- Olha, oh! Zé Agostinho, quando fores ás nozes dize, que eu quero ir contigo, ouviste?

- Sim, senhor, Patrão, replicava o criado com um sorrisinho velhaco nos labios, em que bailava “a beata” do grosso cigarro – acrescentando – E *Ela* está cá, que eu já *lombrigui*...

Este “ela” era *Ela* – a Catrinita monchiquina – dos olhos nêgros, dominadores, eguaes aos que João de Deuz viu, tambem no Algarve, patria do poeta e da Catrinita.

*“Eu d’olbos sei duns
Que assim que os vi
Não vi mais nenbuns”*

Disse o poeta, e eu que tambem o era nesse tempo – quem o não é aos vinte anos? – ficava a ajustar as nozes, de “paleio” com a rapariguinha de Monchique, linda, um encanto, de pele finissima e rozada como a dos pêcegos e maracotões da serra – e dizia-lhe coisas.

Banalidades, talvez tolices, enquanto que os seus olhos escravizando os meus, riam d'amor, enquanto que a sua boca rica de frescura, de labios carnudos a pedirem beijos, deixava passar a dialectica precisa ao seu negócio, encarecendo a mercadoria, ávida de m'impingir muito mais cara do que o preço trivial.

- Oh! Patrão, olhe, ali, aquele homem, vende as nozes por metade do preço destas!

- Não digas tolices! Cala-te!

- Deixe falar, lavrador, acabe-me o resto, são muito bôas, molares, do Pomar Velho, não sei se vocemecê sabe aonde é? – dizia ela no sotaque amolentado dos habitantes da Faia e da Picota – e o seu olhar envolvia-me tôdo numa onda de sedução, deixando-me ver o paraíso, ordenando-me que obedecesse – e “o resto” que ás vezes era alqueires – e mais que fosse? – passava para os sacos do Zé Agostinho, que lá no seu intimo dizia o que me parecia ler no seu leve sorriso: - *Caiste como um patinho!* – Mas eu gostava de ver o Zé Agostinho, ou o leitor, vamos! – no meu logar... Quem está de fóra fala muito...

Visinhando a rua das nozes está o comprido arruamento para a venda de madeiras também de Monchique tudo de castanho e em que a par dos seguros barrotes, que hão d'aguentar o tecto amigo, se vê a arca de largas taboas em que se ha de meter o bragal, ou o quarteirito de trigo para a “coledura da semana” o escaparate em que ha de repousar a loiça ratinha “do uso”.

Aqui a rua dos paneiros – todos do norte de Figueiró – com as saragoças para as jalecas e calças – “copa do trabalho” – com as casimiras para “a muda dos Dias de Festa”.

Depois a rua das mantas, todas ás riscas preto e branco, tecidas na região em teares primitivos e que mulhersinhas andam vendendo-*Compre-me esta manta, tio homem que lh'a vendo barata!* – mantas “bôas” p'r'a goada ao pé do gado, p'r'ás “bátegas do Pego” na lavoira.

Mais “a lá” “as lojes” dos fanqueiros, dos chapeleiros, dos sapateiros d'Almodovar e de Loulé, dos latoeiros d'Aljustrel e de Beja, dos ourives, das loiças vidradas da vila e de Viana, dos títeres e tudo

em ruas próprias, compridas como as duma boa cidade e concorridas e a meter inveja ás principaes de Lisbôa e Porto.

E “a Corredoira?” – Solipedes aos milhares, ciganos aos cêntos.

- *Compre-me este potro (...) lavrador, que é só um calção como vosseoria é digno de o montar.*

E “os arraiaes” do gado vacum, das ovelhas, dos porcos, onde cirandaram centos de marchantes de tesoira em punho para assinalar as rezes compradas, onde algarviam ganadeiros espanhóes apartando fatos de cabras, onde passeiam pachorrentos lavradores alemtejanos arrebanhando farroupos, destacando alfeires?

Pois se até a “venda dos Perús” deixa a *perder de vista* o Largo de S. Domingos, pelo Natal, em Lisbôa...

Nada mais natural, portanto, que os habitantes do Baixo Alemtejo, se eles tiverem grande ajuntamento, cá ao falarem de uma grande multidão que viram digam:

- *Já me parecia (ou parece) uma Feira de Castro.*

Outro ditado sobre o mesmo assunto, ao fazer-se uma asserção, uma afirmativa: - *É tão certo como a Feira de Castro, em Outubro*¹.

Tudo o que é pequeno tem graça menos o pão padeiro.

Havia o costume em Messejana e nalgumas povoações circumvizinhas d'andarem rapariguitas vendendo, em alcôfa d'empreita, coberta d'alva toalha o “pão padeiro” isto é, o que era fabricado por mulheres (padeiras) que a tal commercio se dedicavam, e que tinha esse nome para o diferenciar do “pão caseiro” o fabricado nas casas particulares e destinado para o consumo próprio.

“O pão padeiro” que dantes se fabricava era bastante macio, - muito batido d'água – como diziam, então, mas algo *leve, rendendo muito em vulto*, menos substancial do que o de hoje – uma espécie “meleças”

¹ A feira de Castro Verde é no 3º Domingo d'Outubro e dura três dias.

como nessa época havia em Lisboa e do qual, no velho Martinhp, o quasi lendário criado e pencudo Valentim servia a torrada, aoo chásinho, depois da teatrada, por oito vinténs, recebendo, com um reconhecido “obrigado” o pataquito de gorgeta.

A gente do campo chamava ao “pão padeiro” “um fangueiro” e havia homensinho que *metia na mala* dois e três dum a assentada, achando-os sempre pequenos. É verdade que cada pão custava vinte reis, mas verídico também é que a jorna dum trabalhador era, então, de doze ou quatorze vinténs no Inverno e dum crusado ou cinco tostões no verão.

Da ganância das padeiras, fazendo os pães pequenos em relação ao seu custo, e da ambição dos trabalhadores apetecendo-os maiores, nasceu o dito, radicado hoje em anexim “*Tudo que é pequeno tem graça, menos os pães padeiros...*” amiude aplicado a propósito de criança, ou coisa, pequena e graciosa.

Típica era a forma das rapariguitas apregoarem o pão, com toada especial:

Quem merece o pão mole

E ole... e ole... e ole?

Oh! Tia vá lá bom pão

De vintém.

Esse sistema de apregoar a venda do pão faz-me lembrar – já lá vão algumas dúzias d’anos – uma empresa que se fundou em Lisboa e pôz nas ruas um exército de rapasitos fardados de branco e *bonet* de pala de polimento, trasendo a tiracol cesta coberta com panos alvíssimos, tudo respirando aceio, e gritando na toada, então em voga, da opereta “Três Rolas/Rocas de Cristal”:

“Bom e barato!

Bom e barato!

Cada pãozinho

Custa um pataco!

Pãozinho fino

*A cinco reis
E a dez reis!
Bolacha fina.
Bom e barato!
Cada pãesinho
Custa um pataco!"*

Felizes tempos em que havia pão fino a pataco e dez e até a cinco reis!

Desapareceu das ruas alemtejanas o pão padeiro e com ele o alegre pregão – *Sic transit...*

No Martinho se hoje se pedissem torradas de “meleça” os actuaes Valentins, galegos como o velho e quasi lendáio criado recalcitariam, sendo capazes de com olhar ameaçador e dedo idem dizerem:

- Bocê não benha cá com palabrões, s'olhe que eu boi-me a quêxar ao xindicato, oubiu?...

Capítulo V **Pratos Regionaes**

Açorda

A açorda d'alho e coentros é, por assim dizer, o prato... provincial, e tão estimado e apreciado que, não só é raro ouvir dizer-se a alguma camponesa sul alemtejana:

- O meu Zé (ou meu *Jão*) referindo-se ao marido, ou a filho, tem estado muito mal, nem uma açordinha tem podido cômer! E quando ele não *leva* a açorda, a coisa não vai boa!

Mesmo nas casas mais abastadas a açorda tem honrôso lugar antes dos grandes pratos, como os miolos de pôrco, o chibo á pastora, o lombo de vinha d'alhos, o peru recheiado, o leitão no fôrno, as empadas de frango, as tuberas de fricassé, a lebre laborada, mas para ela conservar, para manter essas honras tem de ser *bem feita*, de ter um *quid*, que só as bôas dônas de casa lhe sabem dar - sendo condição essencial o bom pão caseiro, que tenha dois dias de cosido, devendo o azeite ser neutro, ou de pouquíssima acidez, e o pão ser cortado em pequenos paralelopipedos, que se lançarão no caldo á hora de ir para a mêsma, para que absorvendo só o necessário, se não tornarem em sopa mole.

Em Lisbôa fazem uma pasta de pão cosido em água, muito branda, a que chamam – os vândalos! – açorda!

Como alemtejano protesto contra esse nome! O que na cidade de mármore e granito comem com essa designação são umas migas horrorosas, parecidas com outras que lá também fazem – aparte o ácido bórico – para matar as baratas...

A açorda é para o alemtejano¹ o mesmo que o caldo verde – que bem feito é uma delícia e mal cosinhado uma travia – é para o minhôto: um brio provincial, quasi um dogma!

O chinez comprimenta o seu semilhante dizendo:

- Comeu bem o seu arrôz?

O minhôto ao encontrar o seu padre pergunta-lhe:

- Estava bom o seu caldinho *bérde*, senhor abade?

O alemtejano ao topar o seu patrício na campina vasta, ou nas ruas e praças estreitas das suas povoações, põe-lhe muitas vezes a mão larga e calejada sobre o ombro forte:

- Comi hoje uma açorda com ovos¹, que me regalou!

- *Tabem* eu môço! E soube-me que nem miolo de *quêjada*...

As migas duras são igualmente bastante apetecíveis nas manhãs enregeladas de Inverno, não havendo caçador de pombos torcases que, antes dir para a “choça” não abanque em frente duma boa pratada de migas. A elas prestaram homenagem, com certesa, todos esses caçadores da velha guarda, desde o celebre João d’Azevedo, das Alcáçovas, cuja pataca enorme levava dez onças de tabaco e generosamente amiúde se abria a pobres e ricos, e cuja espingarda estava sempre lesta a fazer uma “carambola” ainda que “de bico” viassem os torcases, ou as Seixas, até o falecido e sempre lembrado José Domingues Fernandes, chefe do “Grupo da Darceira”². Verdade seja que essas taes migas eram sempre

¹ “Ás oito horas da manhã estamos de volta com uma açorda, a clássica açorda alemtejana, que só não figura na lista dos banquetes por uma lamentável ignorância dos cosinheiros e uma estranha aberração do gosto, por banda das pessoas que pretendem comer bem.” (Do livro *Jornadas*, do doutor Brito Camacho)

¹ Nalgumas povoações chamam pitorescamente á açorda com ovos – *velha de capote e lenço*.

² José Domingues Fernandes todos os anos na “Época dos Pombos” reunia na sua modelar herdade esse *Grupo* – todos amigos e quasi todos *belíssimas espingardas* – alguns ainda vivos, outros já ceifados pela morte – Eram eles: Miguel Fernandes, José Pinto de Campos, Manoel Bravo, José e Casimiro Guedes, João Fonseca, Dr. Aresta Branco, Joaquim Carvalho e outros.

Grandes caçadas! Bons tempos! Que saudades.

acompanhadas faustosamente com aloirados pedaços de lombo de pôrco, rodelas de paio, miolos á moda da província, ficando elas, portanto, na categoria da célebre *Sopa da Pedra* do belo humorista, que tão trágico fim teve, Júlio César Machado.

Tuberas

A tubera é um tubérculo saborosíssimo de que conhecemos duas qualidades no nosso paiz – a prête e a branca, aquela medrando deaixo das asinheiras, danod-se bem nos terrenos siliciosos, e esta abrigando-se á sombra das estevas e rasmônos, nas termas galegas do Campo Branco, ou Campo d'Ourique. – Antes dos terrênos arroteados, nesta região, colhiam-se moios delas, constituindo essa colheita um comércio relativamente importante e um belo alimento para as suas povoações.

Vieram o labeigo e a charrua *virar* as terras, que nada davam, a não ser pastagem inferior debaixo dos seus *estevaes de pé caiado*, dos seus rasmonaes a perder de vista e onde a tubera branca se desenvolvia a seu bel prazer, então, esses traços de terreno foram *limpos*, preparados, e o trigo – o pão nosso de cada dia – primeiro e outros cereaes depois, - neles vieram crescer e multiplicar-se, espancando os esporos do saboroso tubérculo, de forma que, hoje, é quasi raridade poder comer-se, nestes sítios, dantes chamados o *coração das tuberas*, uma arrosada, ou fritada, delas.

Que delicioso prato, elas fazem, mexidas com ovos, cortadas em talhadinhas, muito be fritas antes de se juntarem aqueles.

A morte do pôrco

Coitado do pobre bixo, que tendo vivido para comer, deve ao homem o cuidado de bem o tratar, para bem engordar e ser comido.

Mais uma das muitas traições que o bípede se serve para requinte do seu prazer, das suas comodidades... estomacaes.

Quanto mais leaes são o leão, a águia, o gato, que mata simplesmente para satisfação da necessidade fisiológica, sem talvez

repararem que as suas victimas estão gordas ou magras, se a carne delas é tenra e saborosa por terem sido alimentadas a milho, a bolêta, ou a farelos com bagaço.

- Que belo lômbo de pôrco, como é suculento e tenro!...

- Poderá, é dum porquito que só comeu bolêta enquanto a houve e que, depois, eu trouxe para o chiqueiro, acabando de o engordar a milho!

- Tenho notado que a carne de pôrco no Inverno, é mais gostosa do que no verão! Porquê? pergunta um lisboeta ingênuo.

- Dizem, responde um outro da mesma força, que é porque lá por esses *alentejos* abaixo dão de comer aos porcos só bolota e mais bolota...

- Ann!... E o que é bolota oh! Seu Zaquiel?

- Bolota... bolota... é... é... nem eu sei *desplicar-te* bem, homé! É uma *especia* de castanha, mas mais aguda, e que eles *taobem* comem.

- Eles *quaen*?

- Os *alantajanos*, Antão *quaen carias* tu que fossem?!...

- Nesse caso *andem* ser gordos, como os porcos os raios dos homes?...

- Já se vê que sim, ora *iessa*... É cada um que só vistos!

- Oh! Seu *Zaquiel* em vendo um *alantajano* ha de m'o mostrar, valeu?...

- Está dito, rapaz! Vamos ali ó *Colete Encarnado* beber dois do termo, que ele abriu *ontem* um casco...

A morte do pôrco não é tão festejada no Alemtejo como no Norte, talvez por mais... trivial, porque, em geral, quem é remediado mata “o seu porquinho”, não deixando, comtudo, de ser “um acontecimento” numa casa...

- Ha hoje *grande mexida á de fulano*, o que é?

- Olha *qu'admiração, está de matança*.

- Ah! *Conte-me dessas*. é verdade que eu vi, *onte* entrar p'ra lá um *cabecita*, bem boa, deve *détar* umas oito arrobinhas...

- Ah! Isso dêta, c'uma certesa, e é de bôa pelage.

A “época das matanças” – Desembro a Fevereiro – é de fartura no Baixo Alemtejo, desde “a casa que se governa menos mal” e que mata um porco ou dois, té á do “lavrador forte” em que não é raro matarem-se ás dúzias, sendo curioso, então, entrar nas amplas cosinhas e espreitar “ao pano da chaminé”... Em todos os seus “descanços” repousam compridos “varaes” de que pendem dúzias “d’enchido” – paio, choricos e linguiças, brilhando ao brazido d’azinholho encostado “á boneca” “o vivo da carne de vinha d’alhos”.

No dia da matança, quer ela seja grande ou modesta, um dos pratos que, certamente, figurará no *menu* do jantar será a “moléja” – guisado feito com fígado, bofe e coração a que juntam o sangue do bixo.

É prato apreciado, próprio para desconhecedores do bicarbonato de sódio e da águia de Vidago.

No segundo dia, ao almoço, não deixarão de aparecer os miolos, que é um dos melhores pratos alemtejanos, quando bem preparados com ovos e pão ralado, misturados com talhadas de lombinhos e baço – eguária a que não resistirá um despeptico, se cair na fraqueza de a provar. E “os pesinhos”?... – o diminutivo deve ter sido inventado por Savarin ou algum seu compadre... Fritos com ovos, ou em mólho branco é acepipe de *muita consideração e respeito...*

Cabeça d’Achara...

Lembro-me perfeitamente que foi num almoço ali em “monte” alemtejano que eu, ao servir-me dessa conserva, tal *atenção* lhe prestei que m’esqueci de corresponder á leve pressão do pé da filha do lavrador – a dona dos olhos mais pretoz, ladinos e prometedores, que em minha vida fitei; e tão despeitada ela ficou, que “mudando de sentido” pôs-se a *dar trela* ao meu companheiro de passeio e de convite – *trela* de tal forma, que, em menos de seis meses, estavam casados, tendo-me convidado, no jantar da bôda, para ir *ao seu monte*, na época das matanças, comer uma mioleira como ela a sabia fazer, segundo receita que aprendera com a mãe, que já a herdara da avó.

Chibo

No Alemtejo chamam ensopado ao guizado do chibo ou borrêgo –prato obrigado nas funçanatas campestres no “dia de Maio” ou em quinta feira d’Ascenção.

- Então não se serve de mais um bocadinho d’ensopado, senhor compadre? Olhe que pode comer sem escrúpulo, porque tem muito pouco tempero – nem só assim, do tamanho de uma unha, tem de pimentão de cornicho; não, senhor, eu é coisa de que não gosto.

Não vale fiar na asserção, pois o tal ensopado está quasi sempre de deixar as guelas a arder.

Coelho de molho de vilão

Tenho conhecido empoados fidalgos que por ele dão a alma e a vida... – é “muito usado” em jantares e merendas no verão, quando o calor aperta e lá fora, na campina vasta, *ardem* os rastolhos e os pássaros pião como que a mèdo á sombra dos rilheiros, ou dos esgalhos das oliveiras.

Pela mesma época os alemtejanos gostam igualmente de *sópas frias* – que também dão o nome da vinagrada¹, e quando o camponéz, ao meio dia, ou ao cair da noite, chega a casa, na vila, ou no seu monte, a primeira coisa que diz, atirando a jaqueta para o lado e o corpo fatigadíssimo da labuta, ou da caminhada, para cima duma cadeira, ou duma tripeça:

- Que grande calmásio! Até as cotovias andam de bico aberto! Só os raios das cigarras e do cito (sic) é que não cançam de cantar! Oh! M’ria arranja-me ahi uma vinagrada a ver se mato este calor que sinto cá por dentro! Bota-lhe bastante vinagre e água da quarta nova, ouviste?

¹ Nalgumas povoações também lhe chamam *gaspacho*, mas mais para leste para os lados de Espanha

Capítulo VI *Poetas Populares*

*“Isto de cantar é arte
“Que Deus deu às criaturas
“Quem não sabe tactêa
“Como se estivesse ás escuras...”*

A quadra popular, que ahi fica, diz, perfeitamente, com a idêa que querêmos expor na entrada deste Capítulo: É que a natureza concedeu ao homem o dom de ser poeta, como o de cantar bem, como o de possuir geito para pinatr, como o de ter “quêda” enfim, para qualquer arte.

O poeta nasce, não se faz¹.

Quem pretender cantar sem ter voz, quem intente ser poeta sem bossa possuir para isso... tactêa... tactêa e fica a marcar passo, sem poder andar para diante porque a *escuridão* lh'o não permitirá.

Na mocidade, quasi todos, quando a época d'amar lhes ilumina o horisonte da vida, erguem um altar á Mulher, incensando esse ídolo com cânticos de ternura, esmalte da sua alma apaixonada, depondo-lhe aos pés o coração sangrando queixumes em toadas dolentes e, não raras vezes, desesperadas... suicidas.

É a fase da *lamechice*, aquela em que todos fazem versos – certos, ou coxos, com côr, ou deslavados – achando imprópria a prosa

¹ Os verdadeiros poetas nascem ensinados – diz Júlio Dantas, na “Arte de Amar”.

– baixa homenagem *áquela* por quem suspiram e vestem de luto a alma.

Mas desses enormes batalhões de soldados destacam apenas alguns, que, em breve, adquirem galões, ficando a galuchagem á retaguarda cançada, sonolenta, desmoralisada... “tacteando”.

Poeta é, pois, aquele que anda para a frente, firme, resoluto sem hesitações, fazendo versos, ou em linguagem pura, limpida como o cristal de rocha, ou em frase plebêa e chã, mas em que brilha a faísca da inteligência.

João de Deus se não tivera flanado (sic) pela *Porta Ferrea* e andad pelos *Geraes* e na sua aldeia, ignorando o *Abc*, lhe deslisasse a mocidade calcurriando a serra, caçando as perdizes, indiferente a civilisação, *vivendo* só do seu cérebro, havia de, por força, fazer versos, e versos lindos, ainda que mais não fosse senão para os cantar ao sol poente, quando o crepúsculo ri e a brisa é um beijo, ainda que mais não fosse senão para os gargantear nos bailaricos e nas “fumeiras” do seu Algarve quando as moças trigueiras, de faces coradas e cintura fina embebessessem no seu olhar leal a pupila negra como os seus cabelos, scintilante como carvão ardente.

O mesmo sucederia a Camões, a Bocage, a Gomes Leal, a António Corrêa de Oliveira, a Guerra Junqueiro e a todos esses que *nasceram* poetas.

O povo adora os poetas – os seus poetas, principalmente – esses que falam a linguagem que ele fala, servindo-se, para traduzir e dar clarêsa ao pensamento, das mesmas frases de que ele se serve e que, portanto, mais lhe falam á alma, despertando-lhe as faculdades e delícias do amor, – amor que ele, se não fosse a poesia – quadras e décimas para cantar – só reconheceria como os outros animaes pela necessidade genésica.

Tratemos, pois, d’alguns poetas populares de que temos conhecimento e que existiram no Baixo Alemtejo, desde a última metade do século 19.

“O Velhinho” e “O Pôtra”

Joaquim da Costa Velhinho, natural de Messejana ahi vivia ainda, já bastante idoso, pelos anos de 1867 ou 1869 tendo morrido pouco depois.

Sabendo ler, mal sabia escrever, empregando-se como ganhão (criado de lavoira).

Dele correm entre o povo muitas peças poéticas, algumas com bastante engenho feitas e com inspiração, sendo notáveis e apreciadas aquelas a que esse chama “décimas ao profundo” – coisas tiradas da História Sagrada – em que entram os nomes e feitos de muitas personagens da Bíblia, – desafiando genealogias.

Coleccionamos algumas dessas décimas, que temos idêa d'ouvir ao mestre João Zambuba – pedreiro, grande beberrana – excelente pessoa duma memória felicissima e que também “compunha a sua décimasinha” como ele dizia, mas o caderno em que as tínhamos escrito perdeu-se no mare magnum da papelada em que, desde os verdes anos, temos andado envolvido. Recorrendo, porém, a um coevo do Velhinho (o mestre João Zabumba já havia muito que fora para o outro mundo juntar-se á sua Carolina – a única mulher que namorara, veja vocemecê lá, como ele me afirmava) que se lembrava muito bem do poeta com quem privara e do qual com saudade, se recordava. Da boca dele ouvimos muitas poesias, algumas que nos pareceram interessantes aqui as deixamos, para se poder avaliar o estro do pobre Costa Velhinho, que jamais pensou que o seu nome modestíssimo andasse, tempos passados, em letra redonda.

Como acima dissemos empregava-se ele como “ganhão”; mas um dia emancipou-se e pôz lavoira por sua conta arrendando um ferrejalito nos subúrbios da vila. O dinheiro, porém, era pouco não chegando para comprar uma junta de novilhos, ou uma parelha de muares, lembrou-se então de fazer “torna boi” com um visinho: ele, Velhinho, tinha uma vaca, o vesinho um boi, juntavam os dois animaes, tomavam-n'os ao arado e um dia lavravam na terra dum e outro dia na terra do outro, valeu?

- Valeu!

E no dia seguinte eis o nosso Velhinhp lavrando no seu ferregeal com a sua vaca e o boi emprestado; mas o arado estava mal “encaminhado” desafinado, “lavrava de bico” isto é, “d'estaca” e, naturalmente por ter as aivecas muito fechadas, “engasgava-se” não “despedia a terra”. Velhinho, esgotada toda a paciência, arreliado, atira com o instrumento agrícola para o lado, deixando-lhe a rabiça e improvisa:

“*O diabo te leve arado*
“*E mais a mão que te fez!*
“*Mais de cento e uma vez*
“*Já te tenho excomungado!*
“*Um homem com um machado,*
“*Abi de qualquer chamiço*
“*Faz um arado inteiriço*
“*Para um boi e p'ra uma vaca!...*
“*Não lhe bônda andar d'estaca*
“*E ainda é engasgadiço!...*

Vemos por essa décima, que bem em relevo põe o desespêro do poeta, que ele tinha faculdades de repentista.

Morreu o século XVIII legando ao seu sucessor o gosto pela poesia e jamais ela foi tão cultivada – desde os que como Bocage, ou José Agostinho de Macedo, Felinto Elísio ou Bingre, Nicolau Tolentino ou Nascimento a florearam, imprimindo-lhe a fáscia do génio, até ao peralta insonso que, nos saraus, depois do minuete gravemente dançado ao som do cravo d'embutidos ricos, glosava o mote que a “secia” gentil e aribicada, atirava para a turba dos janotas, com a gravidade dum desembragdor, todos lhe prestavam o seu culto, todos entendiam que podiam e *deviam* fazer versos! Como se, afinal de contas o ser poeta fosse ofício que se aprendesse como o de escanhoar barbas, ou talhar uma quinsêna...

Nos conventos, pelas tardes quentes d'estio, quando o sol era fogo e as ruas escladavam, nas “Rodas” de paredes brancas de cal e de ladrilhos frescos, almagrados, juntava-se a fina flor da terra.

Serviam-se *Papos d'Anjo*, *Pingos de Tocha*, *Quartos de marmelada*, *Bolo de Bom Gosto*, *Manjar Branco*, *Caramelos*, licores, água de flôr de laranja...

De lá, por detraz das grades, olhos lindos fuzilavam, bocas vermelhas, gralhavam...

De cá, bigodes petulantes negrejavam, olhos em fogo pediam...
Estava-se ali tão bem...

As monjas então – as noviças á frente – abriam o *Outeiro*, isto é, davam o mote para *eles* glosarem – e o tiroteio começava, dizendo-se muitas tolices, mas banalidade deliciosas, pois era sempre o amor que presidia ao torneio.

Ora essa atmosfera poética, que envolvia o reino, era de tal maneira sugestiva, que mesmo entre o povo, ainda o mais ignorante e afastado das cidades, se fazia sentir. E, assim quem tinha *jeito para a coisa*, quem se *sentia poeta*, fazia o seu *rol de décimas* a pretexto de qualquer assunto, ou reptava um *colega* para, em logar público, os dois se baterem, glosando motes que a assistência lhes atirasse, ou poetando livremente em alto e bom som.

Já dissemos que Joaquim da Costa Velhinho era “protegido das mesas” como então se dizia; admiração, pois, não cansava que ele se batesse, aos domingos no *Taboleiro da Misericórdia*, e duma vez, se conta, que o torneio durara dois dias.

Infelizmente não podemos coligir dessa contenda senão as duas décimas seguintes – uma do Velhinho e outra do Pôtra – poeta popular de quem adiante falaremos. Diziam-se eles riquíssimos, abonando-se de Crésus...

Fala o Velhinho:

“Tenho casas assobradas
“E de marfim são as telhas.
“De bois tenho cem parelhas,

“De éguas oitenta manadas,
“E mil vacas afilhadas
“Com uma linda criação,
“Sou forte como Samsão
“P’ra vencer toda a Turquia,
“E tenho mais sabedoria
“Do que teve Salomão.”

Prontamente o Pôtra retrucou:

“Dessa tua abonação
“Muito me farto de rir!
“Eu semeei em Abril
“Quatrocentos moios de pão –
“– Não falando no temporão
“Que foram eles dobrados!
“Tenho oitenta mil crusados
“E herdades noventa mil!
“Já é meu todo o Brasil!
“Tenho em Hespanha cem morgados!”

Esses dois pobres poetas quasi eguaes em teres aos seus colegas Camões e Bocage e dizemos *quasi* porque enquanto o cantor dos *Luziadas* e o grande sonetista só tinham a sua pena – sinónimo de penúria nesses tempos – o Velhinho e o Pôtra possuíam – um o seu ferregeal e o seu alferce de marcar o outro o seu polvilhal no rebarho que guardava – riam assim da sua sorte e hemos de concordar que com bastante verve e espontaneidade no verso.

Do Velhinho são também as seguintes estrofes feitas a uma namorada, que pouco sensível á afeição e dedicação do poeta, o *tratava de resto*, despresando os seus idílios, indo *prosaicamente* entregar-se a outro. É enorme essa poesia, mas para avaliarmos a indignação, o desespero do vate, basta que publiquemos parte dela. Essa

composição chama-se *Pragasina* (de praga, termo que hoje ainda o povo emprega e que serviu ao Velhinho como sinónimo de anátema):

“Os céu te faltém, oh! Ingrata,
“Que nada tenhas que me mandes (?!)
“Que dentro dum cesto andes
“Entrevara!
“E á borda duma estrada
“Te ponham em padiola
“Pedindo esmola
“A quem passar!
“E quem para ti olhar
“De te ver tenha vergonha,
“E que a mesma peçonha
“De ti fuja!
“Vida tenhas de coruja!
“Do mórcego a liberdade
“Vivendo na escuridade
“Pois és falsa!
“Andes despida e descalça!
“Que de te ver fuja a gente!
“Que nem d'amigo, nem parente,
“Te socórras!
“E assim como Judas, morras
“Enforcada!”

E seguida por ahí adiante nessa linguagem de sentença, “rogando pragas” á *pobresinha* e que se lhe caíssem em cima, devia ficar reduzida a torrêsmos...

Servira Velhinho em casa dum lavradoreco, que, ao ajuste de contas, roêra a corda, pagando-lhe menos do que o combinado, o poeta afinou expandindo o seu despeito na seguinte décima:

“Se pagar’s aos mais criados
“Como me pagaste a mim
“És mesmo vilão ruim
“E bem dos quatro costados:
“Atentaram - me os meus pecados
“Um dia a servir-te munto!
“— Gastei com este defunto
“Céra que falta me faz! -...
“Mas ‘spera que lá irás
“Onde pagues tudo junto!...”

Corre no termo d'Ourique esta *estrofe coreografica*, que não deixa de ser curiosa e que já ouvimos atribuir, uns, ao Velhinho e outros ao Pôtra:

“Santa Luzia dos olhos.
“São Martinho dos macebos.
“Garvão é terra de negros.
“Em Panóias bizarria.
“Messejana gravidade.
“P’ra falar com corteza
“Barrigotos d’Ahalade.”

Deixêmos o Velhinho, que já cheira a caduco, e tratemos doutro poeta, que também viveu em Messejana pelos anos de 1836 a 1840.

Nessa época era comandante dum destacamento, que permanecia naquela vila, um alferes, que naturalmente, porque os labores profissionaes lhe deixassem tempo de sobejo, se entretinha a fazer “a sua decimasinha”.

Gostava ele d'ouvir o Pedro de Moira – um vulto importante entre os poetrastos populares do tempo, mas a quem a penúria acompanhava e que vivia de fazer rascados.

Quando pretendia, porem, glosar mote que fosse dado ao Pedro, a sua composição longe estava de parecer-se com a deste, ficando-lhe muito inferior em rima e conceito, dahi uma pontinha d'inveja e vontade de fazer-lhe *partida*. Soube o alferes que, em Ferreira do Alemtejo, um outro poeta de fama provincial chamado Raio – raio que a todos *assombrava* nas contendas poéticas – e lembrou-se dele para amachucar as prosápias do Pedro de Moira: resolveu mandar este aquela vila, mas para que não desconfiasse do que lá ia fazer, deu-lhe um papel dobrado em forma d'ofício para ser entregue ao senhor administrador do concelho; mas como o Pedro era já velhote, teve compaixão dele e emprestou-lhe, para ir a cavalo, uma velha e trôpega burra – tão velha como a de Balão e tão magra como o Rossinante. Nuns esfiampados alforges mandou meter um pão ralo e um queijo de cabras.

Ora o papel que Pedro levava julgando-o ofício, que tratasse de coisas d'interesse público, resava o seguinte, para o administrador, que já sabia quem era o Pedro:

“*Abi vae o Pedro de Moira*
“*A cavalo na “Paciência”;*
“*Vae servir Vossa exceléncia*
“*Feito o demo vaca loira (?)*
“*Mande assentar-lhe a tesoura*
“*Por esse Raio que lá está,*
“*Todo o meu gosto será*
“*Darem-lhe lá uma surra;*
“*Mas tratem dele e da burra*
“*Não m'os leve o demo lá.”*

Não nos foi possível saber o que se passou em Ferreira entre Pedro e o *Raio* – devia ter sido de respeito, ou de falta de respeito ás Musas, a contenda.

Pedro voltou, mas só – faltara-lhe a paciência para aturar a “Paciência” – esta provara-lhe que mais para diante não ia porque não queria – estava no seu direito e ele também, por mais nas suas pernas

confiar do que nas dela. Pedro, porém, não apareceu ao alferes; este manda-o chamar e apostrofa-o:

“Pedro o que é feito de ti

“Tu vieste e eu já sei

“Mas ainda não te vi?!

Pedro responde incontinente

“‘stou sentido da matraca¹

“P’lo traste que m’impingiu

“O pão e o queijo? Caiu

“Cada um por sua enxaca!...

“A burra, que é velha e fraca,

“Serviu-me mais mal que bem,

“Puxões dei-lhe mais de cem

“Por se ver em terra estranha!

“Mas é velha e não tem manha

“Como o senhor alferes tem...

E digamos adeus ao alferes, mais ao Pedro da Moira, que pelo que deles publicamos nem para porteiros ou môços de recados do Parnaso préstimo teriam...

Viveu há anos em Messejana – nasceu em 1853 e morreu em 1897 – uma rapariga de nome Sofia Frade que improvisava versos com a maior facilidade, sendo escutada com atenção e carinho nos “balhos” das romarias da senhora da Cola, de S. João do Deserto, da S.^a de Ayres e de todas as vigílias em que aparecia e em que a sua privilegiada voz repostava aos adversários nas cantigas ao desafio, pondo-os fora do combate, aturando horas e horas nesses torneios, colhendo sempre as palmas da victoria.

¹ *Estar sentido da matraca* – frase alemtejana, talvez local, pois só a ouvimos em Messejana, e que quer dizer *estar ofendido*.

Conhecemos muito bem essa rapariga e basta vezas a ouvimos cantar e recitar admirando-lhe a prontidão na rima e a graça no epígrama.

Infelizmente poucas provas podemos dar aqui do seu estro, porque quasi toda a sua obra era improvisada nos cantos e despiques por vigílias e romarias, e hoje correrão no cancioneiro popular muitas dessas quadras – aquelas que mais impressionassem os ouvidos dos seus admiradores – Para prova da categoria em que o povo a considerava basta citar a cantiga de rima forçada que trivial era ouvir-se nos balaricos dessa época:

*“D’Ourique é o Moréta
“D’Aljustrel o Cara Rota
“De Messejana a Sofia
“Como essa não há outra!”¹*

Em todo o caso aqui deixâmos mote e glossa duma sua composição, que se não prima como peça de valor, mostra que ela tinha pela sua Messejana uma grande afeição, lastimando a decadência em que essa terra cairá depois de lhe tirarem o concelho em 1855.

*Mote
Messejana n’algum dia
Ilustre foi teu bração
Hoje é grande tua desgraça
... Sem relógio e sem cirurgião.
Glosa*

¹ Todos cantadores de fama.

*Quando tinhas o Convento
E as mais egrejas de pé
Então ainda tinhas fé
Em Deus e no andamento.*

*- Eras feliz nesse momento.
Grande cristandade havia
E toda a crença existia!
Tinhas Cam'ra e Hospital,
Vivias bem em geral
Messejana n'algum dia*

*Chegaste a ter Corregedora
Juiz de Fora e Escrivão
Tinhas muito figurão
E também muita senhora.
Disso eras merecedora
Iam todos á Confissão
Hoje? Nem á missa vão,
Estão as crenças perdidas!
Aqui há uma ou duas vidas
Ilustre foi teu Brazão.*

*Quando tinhas o Morgado
Chegado á Casa Real,
Tinhas botica e hospital
Pobre e rico era curado.
Agora chegaste ao 'stado
De não haver quem cura faça
Não se ouvem horas na Praça!*

*'stás mais reles que uma aldeia.
Ferram bestas na Cadeia²
Tal é a tua desgraça!*

*Agora é tudo ao Moderno
Deixam p'ra traz o Antigo
Entregues ao Inimigo
'stão metidos no Inferno
Lembrem-se do Padre Eterno
Da Virgem Mãe d'Assunção,
Vão todos á Confissão
Confessar os seus pecados!
Olhem que já 'stão castigados
Sem relógio e sem cirurgião.*

² Refere-se a um banco de ferrador, que havia e há junto das grades da Cadeia.

A Sofia respondia com ênfase quando lhe perguntavam o nome:

- Chamo-me Sofia dos Remédios Moraes Pessanha e sou parenta do senhor Francisco Pessanha de Beja, que o senhor ha de conhecer? Ora quem não conhece o senhor Pessanha, uma das principaes pessoas da cidade?!

E a Sofia ficava muito ancha, muito impertigada, como se nas veias lhe deslizasse sangue fidalgo e esse parentesco a tirasse da modéstia em que tinha nascido e vivido – trabalhadora do campo – quando afinal, o que a impunha e tornava conhecida em todo o *Campo d'Ourique*, era a sua bossa poética, que ela aproveitava improvisando lindas cantigas.

“O senhor Pessanha” de quem ela jactanciava ser parente, viveu á setenta anos em Beja, onde fez figura, morando na casa que é hoje dum dos membros da família Gomes Palma, no largo da igreja de Santa Maria. Esse Pessanha foi filho do doutor Francisco Pessanha de Mendonça Furtado e Carcome, Juiz de Fora, de Messejana de 1791 a 1796.

Quando duma vez o rei D. Luiz se achava hospedado no Castelo d'Alvito, onde a miude ia para caçar, o Marquez, velho camarista muito dedicado ao Soberano, procurava distrai-lo proporcionando-lhe divertimentos compatíveis e em harmonia com os hábitos regionaes. Era pela “apanha da azeitona”.

- Venha o rancho e que bailem ahi no pátio, Sua Magestade quer ouvir as melhores cantadeiras e ver as caras mais bonitas cá destes sítios.

Armou-se o bailarico – D. Luiz, como entendedor, fitava as môças e admirava o afinado côro. Numa das “voltas” uma voz agradabilíssima “começa”:

“*Sou 'ma pobre camponesa*

“*Eu não vivo na cidade.*

“*Oh! Môças, digam, comigo,*

“— *Viva Sua Magestade!*

“ *Viva Sua Magestade!*

“ *Deus o faça bem feliz.*

“ *Digam, oh! Móças, comigo*

“— *Viva o Senhor D. Luiz!*”

Quem assim cantava desassombradamente, fora do protocolo, muito á vontade, era a Sofia.

O Rei gostou, dizendo com a sua bonhomia costumada:

- Bôa voz, bôa voz.

E a Sofia apanhou uns cincoenta mil reisitos, que o camarista lhe mandou entregar e que, naquele tempo, ainda chegavam para umas arrecadas d'ouro.

Eram notórias essas festas populares, a que o rei gostava de assistir, bonancheirão, rodeado de ganhões, de mondadeiras, que lhe sorriam francamente, encarando-o com simpatia.

A propósito do Castelo d'Alvito e dos bailaricos, que em honra do rei o Barão ali organisava, com a gente do campo transcrevemos como curiosidade uns versos que ha pouco lêmos num jornal e que o mesmo diz serem da autoria do Snr. Fernando Manoel, que não conhecemos:

Alvito

- *Solar d'antigos Barões!*

À sombra dos seus muros seculares

Antigos reis em cálidos salões

Buscavam a frescura dos seus ares.

El-Rei D. Luiz num cadeirão de vêrga

No pátio vê as móças a dançar,

Não ha um peito só que não se érga

Em cristalinas notas a cantar.

*“Eis se não quando a seu lado
Vê uma môça trigueira
Que num pranto desolado
Lhe fala desta maneira:*

*-Ó Senhor Rei vá pedir
A meu pae que alem está,
Que embora não queira ir
Não queira também que eu vá;
Que ainda é cedo... E córou.
E o Rei sorriu
E pediu
E a môça ficou...”*

Concordâmos que estes versos de metro... tão variado devem, pela certa, reproduzir scena vista pelo autor já, talvez, bastante velhote ou, então, pode ser que a ouvisse contar a quem presenciasse. A ingenuidade dela é interessante e aqui fica arquivada para o leitor se quizer, dar-se ao labor d'indagar do senhor Fernando Manoel se ela deu ou não, ou se nasceu duma fantasia do mesmo.

Aquela môça trigueira faz-nos lembrar a Sofia... Seria ela que o poeta viu chorosa... e *ficar* a pedido do Rei, ao pae? Naturalmente não era, porque a nossa poetisa *apesar de trigueira* e amiga de “balhar” era avessa a lágrima...

Tivemos ocasião de, por mais duma vez, nas nossas férias do Carnaval, ou pelo S. João, nos bailes das Comadres, ou da Teresinha Nobre, ouvir “o garganteado” da Sofia.

Que encanto de voz!

Mais tarde foi ela serviçal em nossa casa, mas, então, desconfiada de que as quadras não lhe saíam dos lábios com a mesma frescura do que dantes, com o timbre melodiosíssimo, que tanto a distinguia de todas as raparigas que tinham boa voz, era trivial ouvirmo-la, melancolicamente, cantar:

*Minha “fala” minha “fala”
Minha “fala” d’algum dia
Quem casa que muda a “fala”
A minha porque seria?*

Nunca indagámos porque a “fala” lhe enfraquecêra, já nessa idade éramos pouco curiosos...

Falámos atraç do Pôtra, outro poeta muito conhecido no Baixo Alemtejo: Chamava-se Braz Martins Beirão – era analfabeto, pastor e vivia em Cuba – o que não evitava que fosse fazer os seus torneios poéticos pela província e, assim, o vimos já, em contenda, com o Costa Velhinho.

Foi o Pôtra coeve do notável Frei Manoel do Cenáculo, que regeu o bispado de Beja¹.

¹ Fr. Manoel do Cenáculo Vilas Bôas foi sagrado na Real Capela da Ajuda, na presença da família real aos 28 d’Outubro de 1770 pelo patriarca Saldanha, sendo consagrantes o Arcebispo de Lacedemonia e o bispo de Macau e chegou a Beja a 22 de Abril de 1777 – o ano dos três martelinhos como lhe chamavam...

Cenáculo regeu o bispado por mais de trinta anos, e estabeleceu no paço algumas cadeiras de sciencias e belas artes e uma Academia em que sob a sua presidência se ventilavam e resolviam diferentes questões religiosas e literárias e fundou o Muzeu Seginando Cenáculo Pacence.

Em 1802 foi Cenáculo transferido do bispado de Beja para a archidiocese d’Évora.

O Muzeu que ele criou era na maior parte, diz-nos Gabriel Pereira, composto de mais de cem objectos – lápides e esculturas antigas – que ele, com muito desvelo e proficiência, reuniu.

Era esse bispo muito ilustrado e dedicado a todas as manifestações de talento. Alguém lhe falara das aptidões do pobre pastor em matéria de poesia, recitando-lhe, mesmo, alguns improvisos de poeta, feitos sobre motes que lhe davam – dahi, o desejar conhecê-lo.

Veiu o Pôtra ao palácio episcopal, Cenáculo ouviu-o, gostou dele e ficou mais ou menos, protegendo-o.

Ora, o poeta se, com facilidade, improvisava, com prontidão, também mandava para o estômago os quartilhos e meios ditos que os amigos e *ouvintes* lhe pagavam nas adegas de Cuba, grandemente afamada província em fora pelos *brancos* e *tintos* das roupeiras e manteúdas das suas vargeas férteis.

Andava, pois, o Pôtra quasi sempre “com *ela* em massa” como o alemtejano costuma dizer dos que amiúde se embriagam, e como ele, pela Quaresma, quiz esse desobrigar o corpo e a alma dos pecados acumulados um ano inteiro, foi ajoelhar aos pés do confessor, este, que o conhecia de gingeira e lhe cheirou *á erva doce* – da *matadela do bicho*, negou a absolvição. Doeu-se o Pôtra, e tirando-se dos seus cuidados ala! A caminho de Beja a “estar com o senhor Bispo”.

Depois de algum trabalho, conseguiu que o fizessem conduzir junto do Prelado, que, não o conhecendo logo, perguntou quem era e o que desejava, ao que o Pôtra prontamente respondeu:

“*Senhor: sou o Braz Beirão*
“*Pessoa bem conhecida,*
“*Que por amor da bebida*
“*Lhe negam a absolvição!*”

Diz-se que Cenáculo compadecido do homem, e gostando do *cartão de visita*, o ouvira no dia seguinte de confissão, izento, já se vê, da *matadela do bicho*, absolvendo-o e mandando dar-lhe almoço, no Paço.

Com a saída do Bispo para Évora, muitos desses objectos dispersaram-se. Felizmente mais tarde a Camara da velha cidade, fundou sob proposta do distinto bejense e ilustrado cidadão Dr. Manoel Duarte Laranjo Gomes Palma, o Muzeu Municipal, que é hoje um repositório curiosíssimo onde os estudiosos e amigos de Portugal poderão passar alguns momentos de verdadeiro afago.

Pôtra desejava despedir-se e agradecer pessoalmente ao prelado, este, bondosamente, tornou a recebê-lo e de bom humor, depois d'alguma conversa, deu-lhe o seguinte mote:

Nós ambos sômos pastores!

Dum fôlego o *Pôtra* glosa:

“*Senhor, não batei as palmas*
“*Que nós não sômos eguaes:*
“*Vós sois pastor das almas*
“*Eu sou pastor d'animaes.*
“*Sôfro frio e sôfro calmas,*
“*Sinto do tempo os rigôres;*
“*Vós brilhaes entre os doutores,*
“*Servindo aos sábios d'exemplo:*
“*Eu no prado e vós no templo*
“*Nós ambos sômos pastores.*”

Haverá quem dúvida ponha que um bispo *descesse* até um pastor d'ovelhas dando-lhe motes para glosar... É que esse bispo era um intelectual e viera de condição humilde, o pae fora ferreiro; o seu orgulho – legitimo como os mais legítimos – era o de dever a *sua subida*, ao próprio merecimento á sua capacidade, e nada deve honrar tanto um homem como o poder dizer: o que sou a mim o devo¹.

A seguinte poesia foi feita por uma namorada em resposta ao namorado, que lhe pedia para devolver uma caixa de rapé que lhe havia oferecido – visto acabar, ou dever acabar, o namoro por

¹ Cenáculo morreu em 1814 e escreveu *Os cuidados literários do Prelado de Beja*, Memórias históricas do ministerio do púlpito.

desidencia da família. Esses versos devem ser do primeiro quartel do século XIX.

*Esta caixa, senhor meu,
Amo eu em favor vosso.
Caixa que na minha algibeira
Encaixo
Encaixou de tal maneira,
Que inda que desencaixa-la
Eu queira
Desencaixa-la não posso!*

O namoro não acabou, as famílias amoldaram-se á situação, e os dois namorados casaram, ficando a caixa, que não se desencaixou, na posse do casal.

Foi uma bisneta desse para, que nos cedeu a estrofe espirituosa, que ahi fica transcrita.

Capítulo VII O Lurias

Curiosa figura a desse “curandeiro” com *pose* e gestos como se fora um grande em sciencia, como se vivesse nadando em libras...

Levando arrogantemente a fronte, de macrocéfalo, encarava todos com desassombro, sobranceiro, como se o mundo todo lhe estivesse inferior...

Na prega vincada aos cantos da sua boca de beiços delgados, abrigava-se ironia bastante para tratar quem se lhe apunha ás teorias estapafúrdias, expostas com autoritarismo.

Uma barbita rala “de passa piolho” emoldurava-lhe o rosto trigueiro, pálido.

Embrulhado na capa de pano piloto, ou na manta alemtejana bastante coçadas – árcades ambo... – “O Lurias” tinha os ares d’aquele andaluz que de manto esfiampado, a custo encobrindo-lhe o gibão *de mil remendos feito*, passeava pelas *calles* de Sevilha, quando dele se aproximou fidalgo que noutro tempo conhecera, perguntando-lhe, admirado da sua penúria:

- *Que hace D. Raymundo?! Como passa usted?*

E ele, o d. Raymundo, tracejando com garbo a banda da capa esburada e andando com *salero*, respondera:

- *Mui grandemente D. Paço, mui grandemente!*

Pois “O Lurias” não tinha menos galhardia, deminutas prosápias passeando na praça da vila, ou entrando em qualquer taberna a *matar o bicho* – moriticinio que ele praticava, descaroavel, pelo dia adiante...

E a importância da sua pessoa, sentado imponente á cabeceira dum enfermo?...

- Deixe lá ver essa língua... De cá o pulso... Você está podre por dentro!

- Oh! Senhor Zé Jacinto! Não diga isso que me sinto morrer!

- Está podre, podríssimo, digo-lhe eu! E não me replique, ouviu? Você não sabe o que diz! Você é um alarve! Você é um animal! O que comeu você hoje?

- Ele, senhor Zé Jacinto, – dizia a mulher metendo-se na conversa – comeu uma torradinha com manteiga de porco e café...

- Cale-se! Você é tão esperta como ele! Palha, palha é que você lhe devia ter dado! Café, torradas, manteiga de porco! Isso é lá coisa que se dê a quem está a morrer!

- Oh! Senhor Zé...

- Cale-se sua ignorantona! E anda você com os pés pelo chão! Com as mãos é que era lógico que você andasse! Mas fique tranquila, que se o seu marido não vae além para a *Chapada* (cemitério) é porque eu estou aqui, tenha a certeza disso! Mas a recompensa ha de ser boa, eu já o espero!...

- Mas, oh! Senhor José Jacinto, o que hei de eu fazer ao meu *Antoino*, diga lá pelo amor de Deus?! Veja como ele está vermelho! Está mesmo ardendo em febre! Meu pobre marido, coitadinho!

- Ardendo, então, em febre?! Ora essa! Então você, sua alma de torresmos, sabe o que é febre? A febre é, pois, coisa, que se tenha sem mais nem menos e que vocemece saiba o que é?! Até me tem feito secar as guelas! Você não tem p'ráhi uma gota de vinho, que me mate a sede, que me tem feito com as suas parvoices? Ora essa! Febre! Ouve a gente coisas a esta gente! E querem ser gente! Que gente esta!... Venha de lá esse vinho!

- Foi o meu rapasinho buscar ali á do Zé Dias, um *cortilho*, já vem, tenha paciênciia. Mas diga lá, senhor Zé Jacinto, o que hei de eu fazer ao meu *Antoino*, que está tão doente?

- O que lhe ha de fazer? Não chore que a lamúria não lhe faz nada! – Ferre-lhe com um sinapismo, aqui na boca do estômago, de mostarda e losna; e á noite dê-lhe um escaldá pés d'água quasi a ferver e faça-o tomar meio quartilho de vinho branco, com água mel, bem quente; quer-se que ele sue como um cavalo, ouviu?

- Sim, senhor.

- Bem! E venha de lá esse vinho que está a perder a fortidão e a sede a aumentar-me a secura no esófago. Você sabe o que é o esófago? Não sabe, já se sabe, já se vê, não sabem nada! Andam com os pés pelo chão por verem andar os mais! Ande ligeira, sua palerma, dê cá o vinho!

- Sim, senhor, senhor Zé Jacinto, e faça favor de me dizer quanto lhe devo...

- Quanto me deve?! Não me deve nada, ora essa! Vá bugiar! Não basta eu ter salvado o seu marido da morte – que está salvo, garantolh'o eu, sua patetinha! – e ainda você me quer pagar! Então a minha sciencia é coisa que qualquer *lagalhê* pague, hein?! Ora a figurona! Deite aqui mais vinho no copo e vá aonde foi ontem a estas horas! E d'aqui a bocado passe lá pela minha casa para trazer uma galinha, que ainda agora me deram para o jantar de festa d'amanhã, e faça uns caldos com arroz ao seu marido, o que ele precisa é de alimento. Logo lhe dou também um pedacinho de toicinho que lá tenho.

- Oh! Senhor Zé Jacinto, muito obrigada, mas isso é para o seu jantar!...

- Deixe lá o meu jantar, eu cá me arranjo, ainda lá tenho pão e queijo; não seja idiota, ouviu? Faça o que lhe digo e não tem nada que dizer:

- Deus nosso Senhor o abençoe...

- Sim, sim, bênçãos, lérias, lérias suas trinta e duas. Adeus, adeus, até amanhã.

E o *Lurias* saía de casa desse doente como saía de casa de todos da sua vasta clientela: muito digno, muito direito, abordado ao cajado de Monchique, embrulhado com dignidade na sua capa

esfiampada ou na manta de riscas pretas e brancas, muito gasta, a dizer adeus ao mundo das mantas.

Nunca o *Lurias* levou cinco reis a ninguém pela sua clínica; e pode dizer-se, afoitamente, que se os seus remédios não salvavam, também não matavam, limitando-se, no grande número de casas, a fazer transpirar muito o doente – isto quanto á sua sciencia médica, porque se como cirurgião tinha d'intervir, então o spermacete, as papas de linhança, as folhas de losna, o basalício eram os seus poderosos auxiliares.

Toda a gente dele gostava e todos, ricos e pobres, dele se serviam, rindo com o seu falso mau génio, com os seus arreganhos ferrabescos sem consistência, apreciando-lhe o mérito em ligar uma atadura, em saber deitar umas bichas, em conhecer um carbúnculo – que, diga-se de passagem, ele não tratava.

- Isso é lá para o Cabaça, para o Pinto de Casevel. Vá lá e diga-lhe que o que você ahi tem é carbúnculo, que lh'o digo eu. Podem-lh'o queimar. É que esses figurões muitas vezes chegam ferro e fogo a qualquer borbulha como se fosse carbúnculo. Vá lá! Vá lá!

O *Lurias* dizia a verdade, porque os desgraçados a quem nascia qualquer borbulha, quer fosse carbúnculo, ou não – muito sabiam eles! – iam logo a casa de qualquer dos “curandeiros” citados e estes não se preocupando se “a nascença” era, ou não maligna, mas afirmindo ao consultente que era, lançavam imediatamente mão dum pequeno ferro, aqueciam-no ao rubro, chagavam-n'o á borbulha até a carne rechinar, depois embebiam um pequeno pincel em água forte e zás!... zás!... em cima da ferida.

Não era carbúnculo, o sítio era melindroso, como, por exemplo, numa pálpebra?

Muito sabiam eles, ou queriam saber... o que preciso se tornava era *matar o nascido* e ganhar a espórtula da cura; e assim é que em Messejana e arredores se viam, e ainda se vêem, muitas pessoas com a pálpebra distruida, ou tendo na face alguma cicatriz medonha. Felizmente, hoje, já chamam mais o médico, havendo também *menos carbúnculos...* por haver menos “curandeiros”.

Ora o *Lurias* não tratava, como dissemos, o carbúnculo – relutância á cirurgia... – assim como também, na noite de S. João, nunca sangrava ninguém. Era, então, costume, quasi moda, sangrarem-se os moços e as moças nessa noite.

- Vão lá p'r'o *Cabaça*! Vão p'r'o *Cabaça*...

E iam...

E na casa desse outro curandeiro havia nessa noite bacias e bacias cheias de sangue, apenas despejadas, logo cheias – sangue que o *Cabaça* – excelente pessoa, diga-se de passagem – com a ligeira e, talvez, enferrujada lanceta extraída das túmidas veias “dos rapazes e das rapariga de trabalho” – sendo luxo nessa noite festiva “ir visitar os mastros” e “balhar” de braço ao peito.

- É p'ra tirar o sangue velho e vir sangue novo, afirmava o *Cabaça*.

- É mais é p'ra ele apanhar a cravela de doze vintén a esses alarves! Sangue precisam eles e vão ainda tira-l'o. São uns pacóvios e o *Cabaça* um explorador! – rematava o *Lurias*, acomchegando-se na manta esfiampada e atirando para as guelas, com gesto decidido, um copito da afamada aguardente da venda da *Pedras Ahas*.

Diziam que o *Lurias* era poeta, não sei. Lá que era filósofo isso era e que nunca se [...] a ninguém também é verdade, fazendo o bem que podia dentro da sua esfera d'acção.

Fora ele durante anos enfermeiro, ou ajudante, no hospital de S. José, em Lisboa e, dahi, o ter algumas luzes sobre tratamento de doentes, sabendo-se ainda que durante a epidemia da febre amarela fôra um dos empregados daquela casa de caridade que mais se distinguira, pela coragem e abnegação que desenvolvera junto de centos de desgraçados, que ali eram recolhidos.

Deixando Lisboa, não sabemos por que circunstancias, fixarase na pequena vila alemtejana “por haver ali bom vinho e muitas tuberas” de que era grande amador.

Recebido hostilmente ao principio, devido ao seu génio irrascível, fôra, a pouco e pouco, o povo apercebendo-se que essa irrascibilidade não tinha consistência, que não passava d'aparente e foi

ela caindo ante os atraços de bondade, d'altruismo que aquele *ferrabraz* cometia naturalmente, sem alarde..

E contavam-se factos...

Este por exemplo, que nas “mondas” “aceifas” e “serões” era trivial ouvir: Vinha num dia ardente d’Agosto, por uma das poucas estradas que de Aljustrel vêem a Messejana “montada” no seu carro uma das filhas – a mais novita – 15 anos lindos – da lavradora Josefa do Reguengo Grande. Puchva o pesado vehiculo bela parelha de folgadas muares, que, ao passar pela frente do convento de S. Francisco, se espantou por, na sua frente, atravessarem a estrada, em carreira doida, algumas cabras perseguidas por dois podêngos num béo, béo esganiçado. Era a estrada nesse ponto como ainda o é hoje, cheia de roxas, em que a água e o trânsito abriram sulcos profundos. Aterraram-se as malas, encabritaram-se, desprezando a obidencia do arrastado, até que partindo-se a pratica, a parelha se libertou, ficando o leito com pessoas e tudo o que tinha dentro, debaixo do toldo esfrangalhado, na estrada pedragosa.

Deambulava o *Lurias* na cerca do Convento – seu passeio favorito. Nessa ocasião e aos seus ouvidos chegaram os sons do desastre e gritos lancinantes. Corre para junto do moitão de destroços e d'aonde agora saiam gemidos; lança fora a capa, olha em redor: nem viva alma! Então, sem perder tempo, mete-se corajosamente a remover aquele emaranhado conjunto de coisas e de gente. Consegue, depois d'esforços hercúleos, chegar aos corpos das victimas; são três: o carreiro, uma feitora e a filha do lavrador. Só esta dava sinaes de vida.

Então o *Lurias* monologa em voz alta, como tinha por costume:

- Aquele – e o seu olhar dirige-se para o corpo do pobre carreiro, que ficara com a cabeça esmagada debaixo dum tendal – está pronto! Esta – e afirma-se no tronco da desgraçada feitora comprimido, achatado, debaixo da maça duma das rodas – não comerá mais pão, pobresita! Vejámos aquela Pequena, que tem um grande ferida na testa, e donde brota tanto sangue... Ah! Está

desmaiada! – Comoção cerebral, naturalmente! Vamos a ver se lhe estanco o sangue e se a posso arrastar. Ninguém na estrada que me possa ajudar! Não devo deixar aqui esta desgraçada até ir á vila, seria descarоável e morreria com certeza. É preciso tirá-la daqui!

E o *Lurias* pegando quasi em peso no corpo inanimado, encostara-o á berma da estrada, dizendo-lhe ao ouvido: Veja se me ouve e se pode dar um leósinho ao corpo! Vou salvá-la! – E levantando-lhe os braços, curvando-se, carregara com a pobresita ás costas, e arquejante, num esforço de todas as suas forças, conseguira quasi o impossível: trepar a ladeira e só quando ao desembocar da Travessa do Carunxo lhe vieram prestar auxilio pessoas, que no Largo do Pelourinho estacionavam, ele se poude indireitar, dizendo ofegante: levemn'a casa do Dr. Peles (?) talvez ainda a possa salvar – e vão á estrada do convento ver a desgraça – mas mais não poude acrecentar porque as forças lhe faltaram caindo no chão com uma sincope, levando-o dali para a cama, d'onde a sciencia hábil daquele velho clínico o poude arrancar, ainda mais tarde do que á rapariga que ele com tanto sacrificio salvara duma morte certa e que, devido ao seu belo temperamento e resistênciа, escapara das grandes feridas e comoção, enquanto que ele – o pobre *Lurias*, pelo esforço empregado, tivera o coração velho e gasto quasi a parar!

Quis a família dessa menina recompensa-lo, oferecendo-lhe boa casa para viver e estabelecendo-lhe uma mesada, de forma “que ele não tivesse cuidados pelo dia d'amanhã”.

- Belo dia d'amanhã!... Eu importo-me lá saber pelo que ha de suceder amanhã, ora essa! Diga lá á sua patroa, a senhora Josefa, que só o que peço é que me mande um garrafão – um só! – daquele vinho roupeiro que lá tem na adega e que mande dar ali ao pobre Joaquim Anastácio, que está a *arder* com um catarral, uma ou duas galinhas para caldos e que lhe pague os remédios ali na botica das Ivas. E que não tem nada que me agradecer, por lhe trazer para a vila a filha ao colo: sempre gostei de pegar em crianças – se bem que essa pesava mais que o meu dinheiro. E não venham para cá com mais cantigas se não zango-me e vou lá ao monte e ferro uma descompostura em toda essa

gente! Não esqueçam as galinhas para o pobre Joaquim Anastácio, a quem agora vou deitar dois cáusticos, ouviu?

- Ouvi, sim senhor Zé Jacinto.

- Ah! Pensei que não tivesse ouvido, que fosse mouco! Você não tem cara d'esperto...

- Eu...

- Bem! Bem!... Não temos que ter mais conversas!

E o *Lurias* voltou as costas ao Feitor da lavradora Josefa, que foi resmungando:

- Este homem é ás vezes muito malcriado. Dá vontade da gente lhe chegar um troca queixos!

Sôgro dum grande médico, de vasta fama em toda a província, viveu o *Lurias* sempre entregue á sua penúria e á sua independência, não se sujeitando a poder viver sossegada e farta vida, que o prenderia a convenções.

- Porque não vive com a sua filha e o seu genro?

- Você é muito atrevida em se importar com a minha vida! Eu peço-lhe alguma coisa, ou já lhe pedi? É bôa! Você não sabe que eu e esse tal senhor doutor (referia-se ao Dr. Ganso d'Almeida) somos incompatíveis e temos opiniões diametralmente opostas?... Ele é homeopata, eu sou alopata, fique-o sabendo! É bôa! Vá-se com esta!

Efectivamente era aquele clínico distintíssimo; viveu em Beja e Castro Verde muitos anos e dedicava-se á homeopatia.

Tinha o *Lurias* algumas tinturas de latim, não sendo raro ouvir-lhe frases nessa língua, adequadas ao assunto em conversa. Seriam apanhadas d'orélha, ou andaria o nosso homem nalguma aula de gramática latina – aulas, nesse tempo, muito espalhadas no paiz e nas quaes um rapaz ingressava apenas saído da Cartilha do Padre Inácio, obrigando-o ao *Hora-Horae*, ao *Laudo-as-are?* Ignoramos. O que é certo é que ainda nos lembra – aos rapazes nada escapa! – d'ouvir o *Lurias*, na loja da Márcia, dizer para esta, apontando a variada bateria de copos, que descansava sobre o velho balcão:

- Oh! Senhora Márcia: *Impleri patrem vino!*

- Não *no* entendo, senhor José Jacinto! Queira explicar-se... volve-lhe a lojista – *doublé* de taberneira – e que passava por ser muito *explicada*.

- Oh! Senhora! Pouco tem de entender! *Implevi*: encha, *patrem*: a taça, ou copo; *vino*: de vinho! Encha o copo de vinho, não tem nada que saber! São duma ignorância, duma estupidez, que dá náuseas! Encha o copo, senhora Márcia, encha o copo!

- Eu encho-lhe mas é já essa cara de bofetadas, *seu piranga*! Seu malcriado!

E recordo-me, como se fosse ontem, de ver o *Lurias voltar de querena*, aconchegando-se á pressa na capa desbotada e á pressa descer os três poiaes da porta da senhora Márcia para a rua d'Alvalade.

Poderá! Pois a Márcia não era para brincadeiras, afirmando á vizinhança que o seu marido – “o Inaicinho” – raro era o dia que lhe não *provava as mãos*!...

Desta vez de nada ao *Lurias* serviu o latinório, ou, antes, ia-lhe servindo d'intermediário para a cara lhe servir de *taboléta* ao despeito da senhora Márcia.

Doutra vez fôra o *Lurias* chamado para ver um maioral lá de casa que adoeceu com uma cólica proveniente de *sópas frias*, que “engerira á *mes'alma*, n'um dia de calma de [...]”.

O *Lurias* entrou, auscultou, *pediu a língua*, tacteou o pulso; e, endireitando-se, diz para a filha do doente, a Lucrécia, que seguia anciosa todos os seus movimentos:

- Vae buscar um copo, rapariga!
- Não tenho cá na *Arrancada* nenhum, senhor Zé Jacinto!
- E uma tijela?
- Sim, senhor, aqui tem.
- Agora vinho?
- Está aqui nesta *agarrifa*.
- Deita! Bem cheio!

* Palavra ilegível.

E pondo a tigela á bôca, engulindo de vagar, como bom bebedor, o *Lurias*, vira-lhe o fundo.

Então, dos seus lábios delgados e húmidos de vinho, saem as frases:

- *In vino veritas!* Já sei o que o teu pae tem: é uma indigestão; comeu que nem um animal. Devia dar-lhe uma sangria solta, mas opto, ouviste rapariga, opto por o salvar: dá-lhe um clister de...

- Um quê?!

- Uma “ajuda” minha azémola, uma “ajuda” d’alfavaca de cobra com meio quartilho de azeite. O teu pae é velho, precisa cuidado, porque *Senectus est morbus*, ouviste?

- Sim, senhor, ouvi muito bem: uma “ajuda” d’alfavaca de cobra...

Das produções poéticas que o *Lurias* teria deixado, chegou até nós esta, não podendo por ela avaliarem-se as suas aptidões parnasianas: Digamos primeiro que o *Lurias* não *primava pelo gosto no calçado...* as suas botas, ou sapatos, *afinavam* com a andaina coçada, podendo dizer-se que se o ceo afirmava andar ele calçado, o chão podia, com verdade, contestar tal afirmativa...

Dada esta explicação, arquivemos a *peça poética*. O *Lurias* iria fazer visita médica ao monte da Sarrazina, nos subúrbios da vila, *calcantibus pedibus* e ver-se-ia atrapalhado com a pouca resistência das *afinadas palhetas* á caminhada. Então a sua veia poética *doera-se* e soltara o grito lastimôso:

“*Vendo-me em curtos matos,
Mesmo junto a Sarrazina,
Me caiu uma mofina
Sola, já tão safada
Que o ficar lá destacada
Foi para ela medicina.*”

Como dissemos, mais produções não conhecemos do *Lurias*, mas dizia, em Messejana, gente do seu tempo que, quando “de maré”

ele estava, era um gosto ouvi-lo improvisar, afirmando-nos seu irmão, o mestre Francisco da Rosa – um velhinho pequenino de cara afuranada, olho vivo sempre com um grãosinho na aza:

- Nem o Bocage, fique certo, era capaz de fazer uma décima com mais *peleria* do que ele, digo-lhe eu!

Índice

<i>Aviso Prévio</i>	12
<i>Capítulo I. Usos e Costumes.....</i>	14
<i>Capítulo II. O Ti'Cola</i>	40
<i>Capítulo III. Superstições</i>	57
<i>Capítulo IV. Origem Dalguns Anexins Locaes</i>	64
<i>Capítulo V. Pratos Regionaes.....</i>	94
<i>Capítulo VI. Poetas Populares</i>	100
<i>Capítulo VII. O Lurias</i>	119